Anno XXXII
N. 40
Preço 1$500

Revista da Semana

19 de Setembro de 1931

Posse da nova directora de enfermeiras na Directoria da Saude Publica.

A Allemanha e a musica

Ao que parece, a Allemanha está deixando de se considerar o paraiso dos musicistas e dos melomaniacos.

Com o desenvolvimento da musica mecanica, certo pessimismo tem invadido os amadores germanicos. E tambem o exito da opereta ligeira e da comedia musicada os acabrunha. Em tudo isso, elles vêem signaes positivos, provas evidentes de declinio.

Não os consola sequer a victoria alcançada na ultima estação londrina pelo sr. Richard Tauber, graças á sua maravilhosa voz de tenor. Esse contrato, que valeu ao cantor allemão cachets de 250 libras por noite, justamente os contraria e desanima, porque o facto de haver o sr. Tauber abandonado a grande opera pela musica mais leve se lhes afigura uma especie de fuga, de traição.

Além disso, as orchestras estão se reduzindo ao minimo. Os artistas que não trabalham para o cinema sonoro não teem tempo nem possibilidade de levar a sua obra á perfeição. E a industria do piano está em completa decadencia.

As sete manufacturas do genero, que com tantas esperanças se fundiram, já quasi inteiramente as perderam. Em vez dos dezoito mil pianos, que annualmente faziam, fabricaram o anno passado oito mil e têm difficuldade em os vender. E bem se comprehende que haja desgosto e desanimo quando se pensa nos cento e quarenta mil pianos que a Allemanha fabricava antes de 1914...

Uma fortuna numa baleia

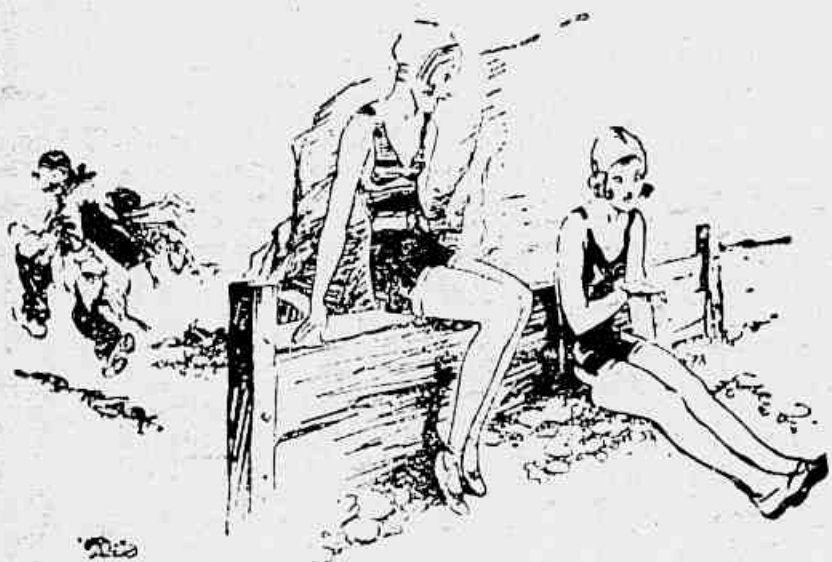
O commandante Ingbrigsten, da Ankra Wahling Company, é um intrepido caçador de baleias. Recentemente capturou elle um cetaceo cujo aspecto nada offerecia de notavel, mas no interior do qual se encontrou uma massa amarellada que era, nem mais nem menos, ambar cinzento.

E, uma vez pesada essa presa, verificou o capitão Ingbrigsten que ella representava o valor de 40.000 libras esterlinas — ou sejam, ao cambio actual, mais de 3.000 contos de réis.

A agua do mar contém ouro em dissolução?

Sim, mesmo em grande quantidade. Uma tonelada d'agua do mar contém 6 milligrammas de ouro. Como o total das aguas do mar é de 300 milhões de kilometros cubicos, verifica-se que o conjuncto das aguas oceanicas contém, em algarismos, 8 bilíões de toneladas de ouro.

Infelizmente, esses calculos são theoricos, porque não se conhece ainda nenhum meio economico de separar esse ouro.

NA PRAIA

— Que pena! São horas de almoço, temos que nos ir vestir.

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1931** | **NUMERO 40**

Satellites da Gloria

por Maria Eugenia Celso

Não, meu amigo, eu não quizera ser a mulher de um grande homem. Estou falando, bem entendido, de um legitimo grande homem, um grande homem authentico, um grande homem mundial, e não um desses inumeraveis grandes homens de campanario, de que nossa terra anda cheia e de cujas façanhas, circumscriptas ao percurso da Avenida Rio Branco ou do Triangulo de São Paulo, cheios andam os complacentes ouvidos nacionaes.

Mulher de um Napoleão, por exemplo, ou, em terreno menos bellicoso, mulher de um Byron, de um Victor Hugo, de um Tolstoi, de um Goethe, de um Chateaubriand.

Chateaubriand d'além mar, já se vê, o romantico Chateaubriand de Madame Récamier.

De Madame Récamier é uma maneira de dizer, pois o displicente René só muito temporariamente militou entre os adoradores da divina Julieta.

Nenhuma das muitas mulheres a quem amou nem aquella que pela lei mais direitos podia reivindicar, a sua propria mulher, Celeste de Chateaubriand, se gabaria de um possessivo que a renomada inconstancia do autor de *Atala*, inevitavelmente, em pouco tempo desmentiria.

Chateaubriand não se deu deveras a nenhum dos multiplos amores de sua vida. Nunca se dedicou verdadeiramente a ninguem. Amava-se a si e pertenceu unicamente a seu genio.

Foi precisamente relendo a historia dessa pobre Celeste de Chateaubriand, a esquecida consorte do sempre lembrado grande escriptor, que minha ogerisa pela obscuridade dos satellites mais persuasivamente se me patenteou.

Celeste Buisson de la Vigne nada tinha de obscuro aliás. De bôa casa e de bôa fortuna, era moça bonita, sentimental. Foi este sentimentalismo, justamente, que a atirou nos braços de Chateaubriand.

Só se atreveu a este gesto, naturalmente, na certeza de que o casamento incontinenti lhe innocentaria a enamorada audacia; mas para fazel-o arrostou os furores opposicionistas dos tutores e pulou a janella para ir ter com elle altas horas da noite, o que, para uma menina do seu tempo e da sua classe, indicava realmente o paroxysmo da paixão.

Romantismo, dirá Você.

Romantismo, com effeito; mas amor tambem.

Celeste de Chateaubriand sempre amou a esse marido, assim tão temerosamente conquistado, e por conseguinte soffreu sempre. Orgulhosa, nunca se queixou, conformada na apparencia com a sorte que fizera della a companheira, infelizmente muito intermittente, de um Immortal. Adorava esse Immortal. Esta adoração jamais foi retribuida. Pelo contrario, não obstante a sua belleza e o seu espirito, que o tinha e do mais fino, Celeste aborrecia-o. Junto della, Chateaubriand sentia-se logo irresistivelmente levado a "vagabundar", como dizia, e essas vagabundagens invariavelmente o levavam aos pés de uma outra mulher. Celeste sorria, escondendo lagrimas por certo.

Era este sorriso, no emtanto, que o marido não lhe perdoava.

Clarividente demais.

Aquella mulherzinha loura e delicada, tão apagada diante da refulgencia de sua genialidade, não tomava entretanto bastante a serio o René faustosamente desencantado e melancolico que, na intimidade, tinha a irreverencia de chamar *le Chat*.

Não sentia a belleza das suas nostalgias prenunciadoras de novas viagens e permanecia irritantetemente indifferente ante as suas guerras de magnificencia contra as illusões do mundo.

Tratava-lhe dos rheumatismos e por isso talvez não o pudesse a toda hora considerar um super-homem. Espectadora quotidiana da existencia mais intima do idolo, conhecia-lhe as fraquezas da argilla. Com a argucia desrespeitosa do seu bom senso, permittia-se o sacrilegio de julgal-o e, por vezes, o crime de debical-o. Debique á flor da pelle, sem grande maldade. Debique de esposa despeitada que, sem coragem de um protesto mais forte, se vinga com a alfinetada de um motejo.

"Le Chat vai jantar fóra — relata ella nas suas memorias, que André Bellessort commentou deliciosamente nos *Débats* — *com duas senhoras de raro espirito que não querem que elle coma senão folhas de rosa humedecidas de orvalho*".

Celeste não fôra, evidentemente, convidada a esse jantar.

O *Chat*, todavia, é que não devia gostar muito de ouvir, entre o tumulto de seus successos, este som de frauta acre e mordente. Gostava tão pouco que, fechando ouvidos a essa musica pouco celestial, ia respirar o incenso dos thuribulos reverentes que alheias mãos femininas lhe agitavam, religiosamente, á passagem triumphal.

Celeste soffria, e soffria em silencio, porque não podia cohibir-se de amal-o. Admirava-o tambem, porém não com a cegueira de idolatria que elle exigia de suas devotas.

Soffria mais por isso.

Não querendo perdel-o completamente, resignava-se portanto a *emprestal-o*. Desviava os olhos, fingia não ver e, sempre correcta, mandava a madame Récamier, que lhe comprara uns chapéus, a setta desta polida ironia:

—"*Il faut que Monsieur de Chateaubriand, Madame, compte bien sur votre bonté, pour vous avoir laissé cet ennui.*"

Não é possivel ser mais femininamente zombeteira.

Mas com que agonia o era, a coitada!...

O seu grande homem não se lembrava nunca de que ella existia; achava-a enfadonha e indesejavel.

Era todavia intelligente, espirituosa, bonita, bôa dona de casa, sabia cuidar delle como ninguem, amava-o como nenhuma outra o amou.

Não bastou, meu amigo.

Celeste de Chateaubriand não conseguiu nunca prender ao lar, docil e domesticado, o seu bello *Chat*, tão desesperadoramente voluvel.

E' por este exemplo entre tantos que prefiro ser mulher de um homem simples, obscuro, modesto. Um simples homem como todos os outros, que me ame porém mais a mim do que a si proprio. Um homem que eu não tenha que repartir com a celebridade. Um homem só meu. E, assim mesmo, bem sei que não estarei garantida...

Em todo caso, terei pelo menos o consolo de existir para meu marido.

O meu amor não será uma sinecura.

Porque, meu amigo, o homem que nós amamos pode ser o mais anodyno dos mortaes, ha de ser sempre para nós o grande homem dos grandes homens.

Não se lembra de Titania enamorada da cabeça de barro?... Asseguro-lhe que não a teria trocado pela de Chateaubriand!

E não vá V. pensar, ante a franqueza destas opiniões, que ando apaixonada por algum idiotazinho qualquer. Presentemente não gosto especialmente de ninguem.

Mas sou mulher, entendo por conseguinte de mulheres...

Sempre sua

ANNA-LUCIA"

P. c. c.

Maria Eugenia Celso

O hydrodeslisador

conto de Claude Farrère

NA bahia, serena como um lago, o hydrodeslisador evoluia, rapido como um avião. E na praia ensolada os veranistas, em roupa de banho ou em pyjama, admiravam o aparelho.

O casco, longo e delgado, voava e ricochetava sobre a agua, á maneira das lascas de pedra que a gente atira e vão por alli fóra, de salto em salto, até desaparecer. E na ligeira saliencia do governo distinguiam-se duas silhuetas: um homem ao volante e uma mulher ao lado do homem.

Na praia não se falava noutra coisa. E toda a gente se mostrava enthusiasmada.

— Uma destas machinas, affirmou alguem, desenvolve nada menos de vinte nós de velocidade.

— Vinte? Diga quarenta que não erra! emendou um sujeito de *maillot* verde e preto.

— E podia ir daqui á Inglaterra com a maior facilidade.

— Isso... resmungou um marinheiro que escutava a conversa — é o que haviamos de ver!

O hydrodeslisador, que se fizera ao largo, executou uma viragem sem diminuir a velocidade e de modo tal que, na praia, as damas soltaram gritinhos apavorados. Depois, voltando em direcção a terra, aproximou-se a cerca de quinhentos metros. E foi então que, de repente, se deu o desastre.

Do casco, mais ou menos no logar da manobra, rompeu uma chamma enorme que o vento da velocidade levou até á popa. O casal foi inteiramente envolvido pelo fogo. Toda a gente julgou que os dois corpos fossem ficar carbonizados. E houve na praia um clamor immenso — a que logo succedeu um absoluto silencio.

A bordo do aparelho incendiado, o homem erguia-se, tomava nos braços a passageira, arrancava uma boia de salvação, atirava-se á agua — tudo isto sem hesitar um decimo de segundo. Immediatamente o hydrodeslisador em chammas se afastou dos naufragos, deslisando ao sabor da corrente. E dois pequeninos pontos negros fluctuaram, proximos um do outro, na esteira branca. Duas cabeças, vivas!

***

Na praia, ergueram-se gritos de alegria:

— Salvos! Salvos ambos!

— Que bom que é, num caso destes, não se perder a calma!

— Em todo o caso, observou um sujeito de pyjama azul e amarello — devia-se ir buscar a toda a pressa uma lancha, um escaler... Talvez elles tenham recebido queimaduras ou contusões graves...

O homem falava bem! A questão é que não havia por alli uma só lancha, um só escaler. Nem sequer uma simples canôa. A praia tinha fama de segura; os veranistas que a frequentatavam não eram dados a esportes; e um curto pontão para mergulhos satisfazia todos as exigencias.

— Deixem lá... respondeu ao de pyjama azul e amarello um de pyjama escarlate. — Elles não estão tão longe assim. E desde que nadem um pouco...

Mas logo aos gritos de alegria succediam clamores angustiosos:

—Deus do Céo! Reparem! Não estão vendo? Nem um nem outro sabem nadar!

***

Não era rigorosamente verdade. O homem nadava — embora mal — e, se estivesse sózinho e sem roupa, certamente se salvaria. A mulher, porém, não sabia nadar e a saia, embora curta, de esporte, terrivelmente a embaraçava. Todos os que da praia olhavam perceberam que ella começava a inutilizar os esforços do companheiro, que em vão tentava fazer-lhe passar a cabeça e os braços para dentro da boia de salvação.

— Estão perdidos, exclamou alguem, se um bom nadador os não soccorrer!

E então, do magote de veranistas hesitantes, com mais vontade de recuar que de avançar, um homem se destacou.

***

Um homem robusto e bello, em pleno vigor da vida... Atirou para trás o roupão que o cobria, ficou em maillot de banho. E sem dizer palavra caminhou para o mar.

Uma mulher — sua mulher — correu atrás delle, segurou-lhe a mão:

— Jorge! gritou a esposa. — E' uma loucura! Não vás!

O homem olhou-a um momento:

— Queres que eu seja um covarde?

A esposa ficou para trás, com os braços estendidos, as mãos abertas. Depois, quando o viu entrar na agua, dar a primeira braçada, tapou os olhos com as mãos e cahiu de joelhos na areia.

***

O aparelho continuava a arder em altas chammas quando o salvador chegou perto dos naufragos, que se debatiam prestes a afogar-se. A mulher, agarrada ao companheiro, quasi perdia os sentidos. Elle, porém, lutava ainda tenazmente.

— Coragem! gritou o salvador! — Estou eu aqui!

— Salve-a! gemeu o outro, quasi afogado.

— Deixe... disse o salvador, com perfeita calma. — Eu me encarrego della. Fique o senhor com a boia e trate de nadar para terra.

— E' minha esposa! E antes eu queria morrer duas vezes que...

— Respondo por ella, com a minha vida. Não perca tempo, vá!

Tinha já segurado a mulher como se deve segurar a pessôa a quem se salva: pela nuca e com o braço bem estendido. E nadava para a praia, impellindo diante de si o corpo dominado, sem acção.

O marido, dentro da boia, nadava mais devagar...

***

Aconteceu que o hydrodeslisador, derivando á mercê da corrente, se encaminhasse para a praia. O nadador, impellindo aquella a quem salvava, passou a alguns metros do casco em chammas. Justamente nesse momento, e tendo devorado a essencia do motor e a madeira do casco, attingia o fogo o reservatorio fechado... Uma explosão violenta arremessou em todas as direcções o que restava do barco. E, quando o fumo se dissipou, não mais se viu o salvador nem a mulher.

Tinham morrido ambos: elle, dum estilhaço que lhe rebentara a cabeça; ella, simplesmente afogada.

Só muitas horas depois os dois corpos deram á praia.

***

Muito antes chegara o marido da afogada que, emquanto fluctuara, não dera por coisa alguma. Disseram-lhe então, bruscamente, que estava viuvo. E tiveram, no primeiro momento, que o segurar, porque o desgraçado queria, a toda a força, atirar-se novamente ao mar.

No emtanto, o seu desespero nada era ao lado da angustia sombria, lugubre, da esposa do heróe malogrado. Com os olhos seccos, as faces lividas, soluçava do fundo do peito como raramente as mulheres soluçam. Tudo ella acompanhara com o olhar. Fôra a primeira a comprehender tudo. E desde aquelle momento ninguem mais lhe arrancara uma palavra.

Quando porém viu o homem desesperado a quem seu marido, á custa da propria vida, salvara, falou. Falou, para injusta, cruelmente o insultar:

— Ah, o senhor escapou! escapou sózinho! Deve estar bem contente, não?

O homem saltou, como se tivesse recebido uma chicotada:

— Minha senhora... Minha mulher morreu e seu marido tinha me jurado que a salvaria. Cometti a loucura de confiar nelle e disse me arrependerei a vida inteira! E fique a senhora sabendo: se, tendo ella morrido, elle escapasse, era eu, era eu que o matava!

Iam se engalfinhar furiosamente, foi preciso separal-os.

***

Seis mezes depois, seis mezes para menos que não para mais, tornavam ambos a casar, isto é: casavam um com o outro.

"REVISTA" Infantil

Dois gulosos com expediente

Era uma vez uma mulher que tinha posto no parapeito da janella de sua casa um boião de dôce, para que esfriasse. Passaram pela rua dois pequerruchos e

ambos ficaram em contemplação ante a janella.

— Bem me saberia aquelle doce! — disse um d'elles.

— E a mim tambem! — acrescentou o outro. — Infelizmente teremos de nos contentar com uma ração de vista d'olhos.

— Estás muito enganado! — respondeu o seu companheiro, que era um grande espertalhão.

E, ao passo que ia explicando ao seu amiguinho, ia procedendo tambem da seguinte forma:

— Vês? Pego n'este ancinho: em cada

uma das pontas espeto uma maçã. Estendo o braço e mergulho as maçãs no boião

de doce. Se tivessemos dois ancinhos em vez d'um só, puxaria pelo boião e entre os dois ancinhos o traria da janella até nós; mas, como receio que com um só ancinho o boião caia, o melhor é contentar-nos com

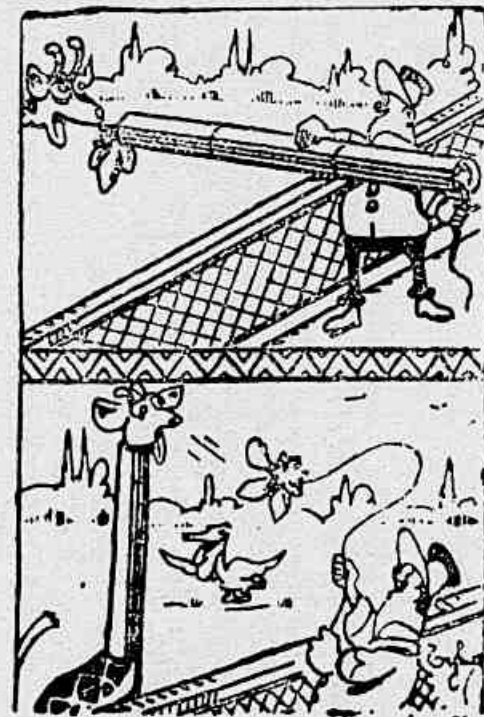
as maçãs banhadas em compota de groselha, o que já não é máu! Se acaso a vizinha não tirar o boião da janella, voltaremos ámanhã á carga.

O remedio de Fulano

O tio Fulano é guarda da jaula de feras. Claro é que observa como vão de saúde os animaes, e se nenhum está doente. Assim foi que reparou, certa manhã, que uma das girafas dobrava o pescoço.

— Máu, máu! — resmungou elle. Esta

girafa não se tem direita; precisa d'um espeque no pescoço.

E sem demora se dirigiu ao armazem de trastes velhos, onde encontrou uns tubos de calorifero. Pegou n'um d'elles e, aproximando-se do animal de pescoço comprido, atou um mólho de cenouras a um barbante e o metteu pelo tubo abaixo até que sahiu do lado opposto. A girafa logo acudiu á guloseima, que desappareceu pelo tubo dentro, puxada pelo cordel. Por sua vez a girafa metteu tambem a cabeça pelo tubo,

seguindo a trajectoria das cenouras, e assim, ao cabo de poucos instantes, ficou o tubo enfiado pelo pescoço da girafa e este fortemente especado, mais solidamente do que com um collarinho de camisa de gomma!

Um valente caçador

Mario regressa de Marselha e conta aos seus amigos de Paris que esteve na Argelia e que ali caçou feras bravas.

— Nunca perdi animo em frente dos animaes ferozes — affirmou elle.

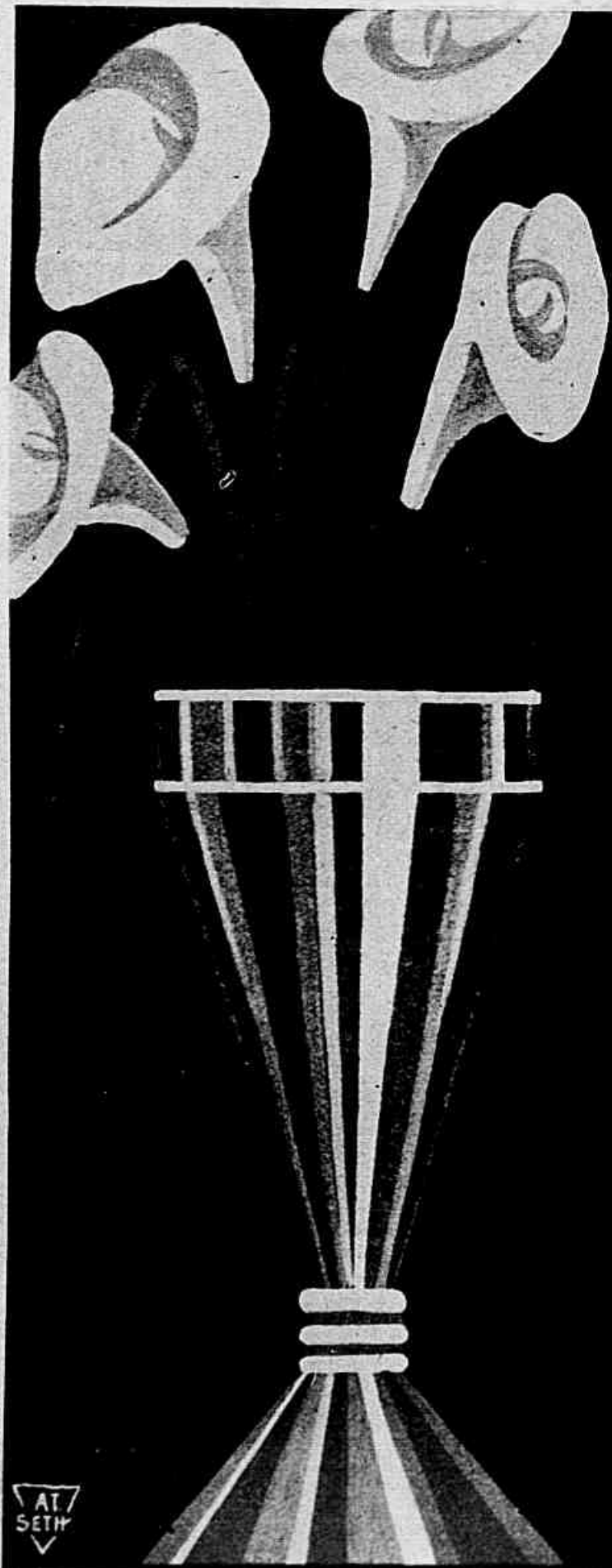
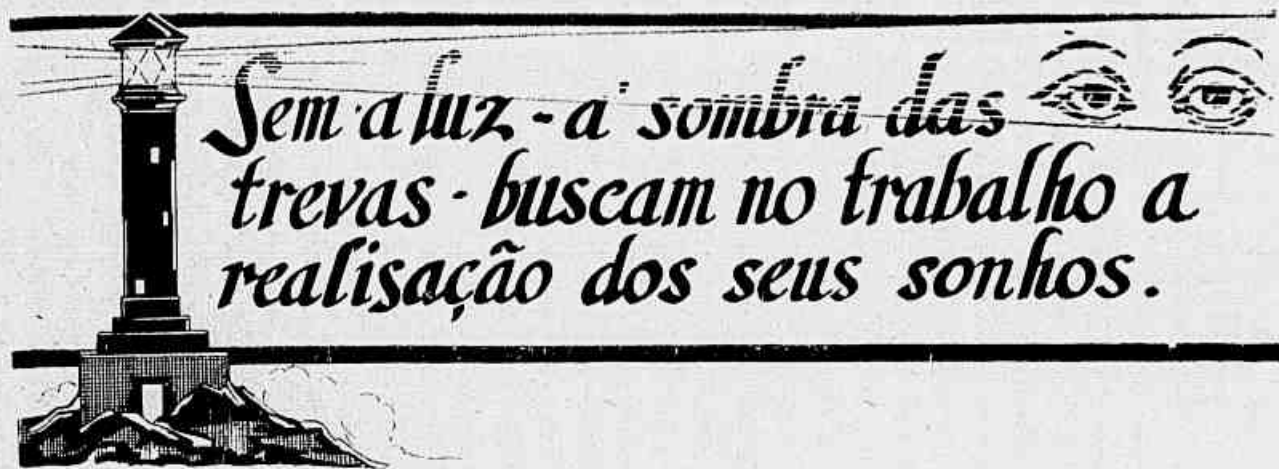
Naquelle mesmo instante se abriu a porta da casa onde se achavam e appareceu uma cabeça de leão. Os amigos de Mario, ante aquella apparição, fugiram

a metter-se pelos cantos, soltando gritos de pavôr. Mario, o valente entre os valentes, metteu-se debaixo d'uma meza.

Catharina, a criada, entra com uma pelle de leão no braço, dizendo:

— E' a pelle para tapete de cama, que a senhora acaba de comprar. Quer o

senhor dar-me o dinheiro para pagar a factura ao portador dos armazens?...

Sem a luz - á sombra das trevas - buscam no trabalho a realisação dos seus sonhos.

Os cégos, mergulhados na sombra inquietante das suas pupillas apagadas e inexpressivas, não se deixam vencer pela angustia da noite interminа. Não vêem a sublime apotheose da luz! — essa luz que pulveriza o espaço nas radiosas manhãs de primavera, essa luz beatifica que brilha em scintillações nos vitraes dos templos, essa luz que é o vestuario branco das vagas que se rasgam nas praias arenosas, essa luz que illumina os valles e que beija as montanhas. Mas, qual pharol luminoso, a chamma interna do sub-consciente do cégo, no anseio de conhecer a vida nas suas manifestações de belleza, traz á sua visão interior o apercebimento de tudo. E o cégo imagina com expressiva realidade, com os olhos da sabia intuição, o que seja um pôr de sol, uma sorridente manhã primaveril e a doçura agonizante de um crepusculo!

O cégo ama a musica e a poesia! Ao ouvir uma esplendida symphonia, a sua alma vibra de emoção subtil e delicada. Deixa-se então ir nas azas do arrebatamento ás mais chimericas fantasias. E sonha... E' feliz o cégo quando sonha. Sorri de contentamento! Beija e acaricia as mãos de quem em voz harmoniosa lhe dá o suave consolo — o pão espiritual da arte — na prosa ou no verso.

Ah! se soubessem as nossas declamadoras o quanto os cégos amam ouvir a poesia, já alguma se teria lembrado de lhes dar o prazer de dedicar-lhes um recital. Deveria existir nesta linda cidade uma instituição de abnegados amigos dos cégos que lhes organizasse, de vez em quando, um concerto, uma conferencia litteraria ou humoristica, um recital de poesias.

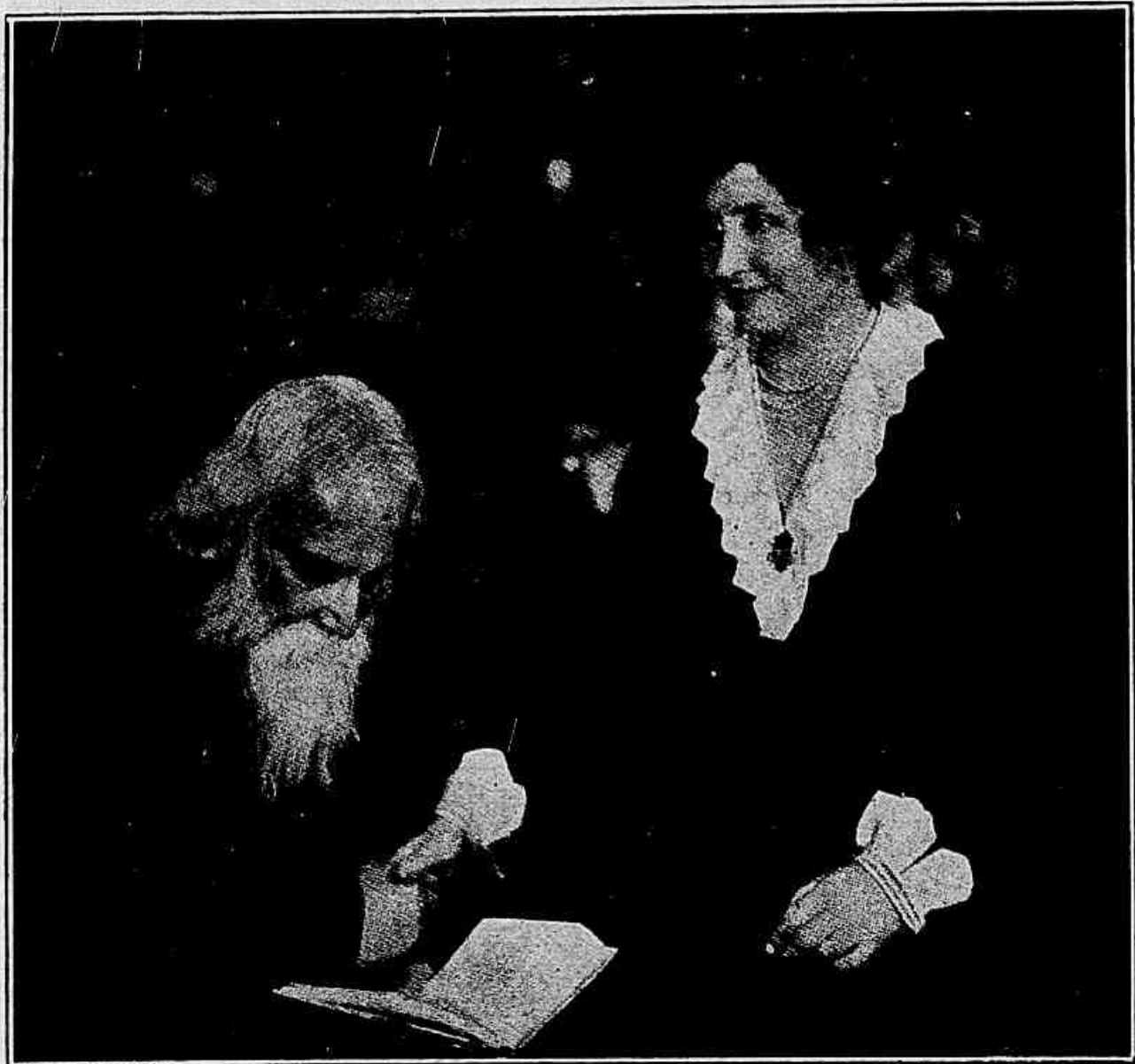
Eu tenho pena dos cégos!

Admiro-lhes a resignação e a intelligencia! Quero-lhes muito bem!

Desejaria vê-los felizes e na posse de todos os seus direitos.

A "União dos Cégos no Brasil" reuniu-se, em occasião bem recente, com outras agremiações para tratar das bases da "Confederação Brasileira dos Cégos". E' essa uma ideia magnifica, digna de todos os estimulos e applausos, porque a sua finalidade maior é trabalhar para que o cégo adquira os seus direitos juridicos, para que a sua educação seja efficiente e adequada aos meios eco-

TRES ASPECTOS DA ESTRADA RIO PETROPOLIS

Damos tres aspectos novos da admiravel rodovia que liga o encanto do Rio á graça da cidade das hortensias.

Helen Keller e Rabindranath Tagore.

nomicos, para a protecção do cégo, pois todos os povos cultos praticam, numa accentuada solidariedade humana, essa cooperação em torno do cégo: só o Brasil ainda não possue no seu corpo social uma instituição, organizada nessas bases, que já entrou no plano geral de 50 paizes.

Diversos cégos illustrados interessam-se pela Confederação e dentre elles é de justiça salientar-se o professor Mamede Freire, um talento de escól que defende os interesses dos seus irmãos cégos com discernimento e bondade, dignos de ser imitados.

A Confederação irá trabalhar em pról de 35.000 cégos espalhados pelo Brasil e abandonados só pelo motivo de serem cégos.

Ella pretende assegurar a validade juridica dos cégos. Isentar de impostos a sua producção, conseguir passe livre nas vias maritimas, de ferro e nos bondes para os cégos que trabalham. Crear instituições que os abrigue em caso de invalidez; crear penalidades para aquelles que vilmente explorem os cégos. Ensinar o methodo de Braille — leitura e escripta — sem o que não poderão ser eleitores nem usufruir as vantagens da protecção legal.

Os diversos *leaders* das instituições de cégos estão interessados para que se organize a Confederação.

Pois o operario cégo merece as mesmas regalias que o trabalhador vidente.

Faz-se mister que se active a educação dos cégos adultos, facultando-se-lhes a venda e a producção de certas industrias.

Na Inglaterra, por exemplo, paiz que maior protecção presta aos cégos, a venda de chá é da sua exclusividade, assim como na Dinamarca o monopolio de fabrico de saccos de papel.

A protecção social aos cégos é uma necessidade urgente. Elles desejam trabalhar e ser uteis á familia e á patria.

Damos no alto d'esta columna a figura sympathica de Helen Keller, a céga que revelou até hoje a maior força de vontade que se póde imaginar.

Ao seu lado, o grande poeta, philosopho e educador indú Rabindranath Tagore aprecia o livro da escriptora céga, muda e surda. Elle lê "Histoire de Ma Vie" e num aperto de mão fraternal a cumprimenta pelo seu talento e capacidade de trabalho. Helen Keller é para todos os cégos o exemplo vivo da energia e da coragem, a serviço da causa do cégo. Tornou-se escriptora notavel e os seus innumeros livros são balsamo de suavidade e sublimes ensinamentos. Aprendeu a falar e a ler com Mrs. Sulivan, a sua dedicada institutrice. Como fosse surda e muda, conseguiu essa maravilha que seria um milagre se não soubessemos que foi pelo contacto dos seus dedos nos labios de Mrs. Sulivan o processo que lhe fez articular as primeiras palavras e que a fizeram comprehender o sentido das cousas.

Mark Twain diz que os dois personagens, para si, mais interessantes, no seculo XIX, são Napoleão e Helen Keller; e os admira pela energia e pela coragem.

RACHEL PRADO.

O QUE E' NOSSO

TEXTO E DESENHOS DE EUSTORGIO WANDERLEY

O NORDESTE BRASILEIRO, ALMA DAS TRADIÇÕES POPULARES

UM "PASTORIL" BEM DANSADO

Desde as praias de infindaveis coqueiraes, farfalhando á brisa do oceano, ao sertão adusto, despido de arvorêdo, a tradição se guarda no nordeste com um verdadeiro cunho de brasilidade, na pureza dos usos e costumes, no culto verdadeiro "do que é nosso".

Entre esses dois pontos extremos do territorio se encontram ainda a faixa intermedia da vasta zona da matta, ás vezes vizinha da praia e a "caatinga" ante-camara do sertão descampado, cheio de *grotas* profundas e serras descalvadas.

E', porém, no littoral e na zona da matta onde mais commumente se realizam os interessantes folguedos populares, como pastoris, fandangos, bumbas-meu-boi, cavalhadas etc.

Mal o "tempo enxuga", após as chuvas de São João, de julho e agosto, começam os ensaios dos "pastoris".

Houve tempo em que esses *autos* populares tiveram no Recife as honras do palco scenico, sendo representados no antigo theatro Santo Antonio — vasto barracão de madeira na rua das Florentinas.

O dr. Carneiro Villela, espirito poly-

"Seu Candinho — baixo de ouro".

morphico de jornalista, theatrologo, romancista e scenographo pernambucano, escreveu uma especie de magica ou *féerie*, como se diz hoje, e com dois titulos separados por uma disjunctiva, como era de uso na época: "Lusbel ou o castigo da desobediencia", drama lyrico-pastoril em 1 prologo e diversos actos ou quadros.

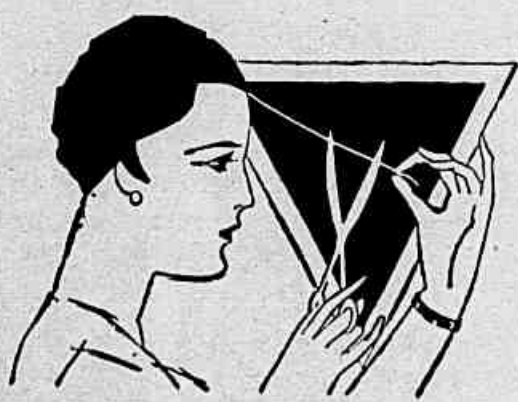
Os "pastoris" verdadeiros são representados, isto é: cantados e dansados geralmente em um tablado erguido ao ar livre, num recinto fechado e com entradas pagas.

As interpretes são meninas ou moçoilas que se dividem em dois partidos ou "cordões" (por se apresentarem em fila, a um de fundo): o cordão encarnado e o azul. As dansarinas denominam-se pastoras, tendo a chefe do cordão encarnado o titulo de "mestra" e a do cordão azul o de "contra-mestra".

Ha outras pastoras com os titulos de *Diana*, *Borboleta*, *Anjo* etc.

Ha mais ainda uma figura indispensavel nos pastoris que é o *Velho*, typo comico, especie de truão ou palhaço para dizer chocarrices, bolir com as pastoras, fazer passos grotescos de dansa e... caçar nickeis dos espectadores.

Alguns "pastoris" tinham ainda outras, figuras, como o *Furia*, o *Herodes*, o *Anjo*, os "Rêzes", reminiscencias dos antigos "dramas pastoris" que apresentavam os archanjos Gabriel e Lusbel (o *Furia*), o rei Herodes, os tres Magos, pastoras etc.

Pandeiro da festa, todo enfeitado de fitas.

Trecho musical caracteristico do *Pastoril*.

A indumentaria destas é o que ha de mais incoherente com o typo que pretendem representar e com a época em que se faz passar o "auto pastoril".

As pastoras se apresentam de vestidos curtos de rendas e filós, cheios de laçarotes de fitas das côres do seu "cordão", o encarnado ou o azul.

A' cabeça, ao invés do classico chapéu de palha, trazem diademas de metal prateado e pedraria falsa. Para cumulo do anachronismo não dispensam ellas as luvas brancas de renda, sem dedos, as antiquissimas *mitaines* usadas pela moda em 1830...

Manejam tambem um pandeiro de folha de flandres, sem couro, somente com o aro preso a um pequeno cabo, igualmente enfeitado de fitas azues ou encarnadas, conforme a pastora pertença ao "cordão" da contra-mestra ou ao da mestra.

Os canticos, chamados lôas ou "jornadas", são acompanhados pela orchestra que invariavelmente se compõe de uma clarinêta, um piston, um trombone, um bombardino e o indefectivel bombo.

Os executantes não tocam *por musica:* acompanham "de ouvido" o que as pastoras cantam, e a sua *virtuosidade* está, exactamente, nisso.

Será melhor musico o que fizer mais "variações" no acompanhamento, salientando-se neste particular o bombardino pelas *fioritures* que faz na melodia.

Existiu no Recife, ha uns quarenta annos passados, um velhinho tocador de "oficlyde", especie de baixo-cantante hoje em desuso nas orchestras, e que era eximio no acompanhamento das "jornadas" e lôas dos pastoris e presepios.

Chamava-se Candido, e, como fosse de pequena estatura, e seu oficlyde estivesse sempre limpo e reluzente como ouro, era conhecido por "*seu* Candinho baixo de ouro".

Ninguem naquelle tempo sabia acompanhar melhor um "pastoril" nas variações que fazia no seu rebrilhante instrumento.

O folguêdo começa sempre depois das dez horas da noite, praxe talvez ainda do tempo em que as lojas e as *vendas* fechavam suas portas ás nove, dando margem a que os caixeiros tomassem banho e se preparassem afim de comparecer endomingados ao folguedo, quasi sempre realizado em noite de sabbado para domingo.

Depois dos instrumentos preludiarem, em diversos tons, maiores e menores, acertando aquelle que devia ser preferido, entravam as pastoras formadas em duas filas ou cordões parallelos, vindo á frente do cordão encarnado a mestra e *puxando* o cordão azul a contra-mestra seguidas ambas das demais pastoras.

Ao fundo vinha o "Velho", de barbas brancas e cabelleira postiça, empunhando recurvo cajado, do qual, ás vezes, vem dependurada uma cabacinha.

Cantam todas os versos da primeira "jornada" com a musica que publicamos, e cujas primeiras estrophes são estas:

"As alviçaras, ó pastoras,
Haja festa neste dia,
Que hoje é nascido
Jesus, filho de Maria.

Vamos já, pastoras bellas,
Todas assim juntas,
Corramos a Belem,
Que lá é nascido.....) *bis*
Jesus, nosso Bem.....)
As alviçaras" etc.

Emquanto cantam, dansam, fazendo evoluções, tendo por *marcação* uma das mãos na nuca e a outra agitando o pandeiro ou em meneios no ar.

Terminado o canto sáem, sempre dansando e recuando, sob os applausos dos partidarios dos dois "cordões" que não cessam de bradar:

— Bravos á Mestra!

— E' sempre a Contra-mestra!

— Bravos ao pisar macio da Diana! Requebra, morena!...

No intervallo das cantorias, emquanto as pastoras descansam um pouco, o Velho vem ao tablado e diz pilherias, ou canta uma cançoneta brejeira, pedindo depois ao publico:

— Quem é que dá um *nique* ao *véio* pra *comprá* rôsca?

E as moedas chovem no tablado, fazendo elle a colheita no lenço ou no chapéu.

A's vezes uma das pastoras vem, tambem, á scena e canta uma cançoneta mais em voga, fazendo augmentar o enthusiasmo dos partidarios que a applaudem com calor. O "Velho" prosegue nas suas pilherias com o publico e com as pastoras, o que as faz cantar, reprehendendo-o:

"Tenha modos, senhor velho,.....) *Bis*
O senhor é *incapaz*...............)
Deixe disso, me *arrespeite*........)
Olhae, olhae, olhae!..."...........)

A musica desta lôa que tambem publicamos, embora desconheçamos seu autor, assim como da outra e das demais jornadas são melodias anonymas das quaes bem se poderia dizer que haviam sido compostas pelo "maestro desconhecido"...

Em meio de espectaculo um dos espectadores offerece uma flôr ou mesmo uma fructa a uma pastora da sua sympathia e o "Velho" põe a offerta em leilão. Começa a *arrematação* da prenda... mas isso é vasto assumpto para um outro artigo, que este já vae longo.

Entre palmas de applausos e gritos de incitamento continúa o folguedo até pela madrugada alta, quando as pastoras entram para cantar a ultima jornada ao dealbar da aurora.

Seria natural que, depois de cinco ou seis horas de canto e bailado ao ar livre, aquellas rapariguinhas estivessem com um ar fatigado, os movimentos lassos, a voz enrouquecida... Pois nada disso demonstram sentir.

Teem na physionomia a mesma frescura de quando começaram. Dansam com a mesma vivacidade e desenvoltura no corpo agil, e a sua voz, ás vezes estridente, continúa clara, metallica, como quando ellas entoaram as "alviçaras" da primeira jornada!

Raça forte e resistente de caboclas nordestinas é a dellas, na alegria ou na dôr.

EUSTORGIO WANDERLEY

Um curioso aspecto dos folguedos do *Pastoril*, com musica... e theatro.

PAGINAS EMPOLGANTES DOS ANNAES JUDICIARIOS

A TRAGEDIA DA FRAGATA "MEDUZA"

OS DRAMAS DA VIDA REAL

Por *Armand Praviel*

O eminente historiador Armand Praviel faz reviver nas linhas abaixo o pungente drama que ficou entre os mais famosos que jamais occorreram no mar: a aventura da jangada da *Meduza*, episodio tão impressionador que inspirou a Géricault, celebre pintor da primeira metade do seculo XIX, um dos seus quadros mais commentados.

NO DIA 3 de Março de 1817, ás 10 horas da manhã, na camara do navio almirante, no porto de Rochefort. Em virtude de um decreto de Luiz XVIII, rei de França e de Navarra, datado de 7 de Janeiro anterior, um conselho de guerra fôra convocado. Estavam alli o presidente do conselho, contra almirante de la Tullaye, os capitães de fragata Bonamy, Halgan, Tourneur, barão de Rotours, de Merville, Poret, conde de Blosseviller, Harader e, no extremo da meza, o procurador real, Carlier d'Herlye, e o escrivão Francisco Belenfant.

Estavam alli para exercer funcções terriveis que o presidente expoz em poucas palavras.

Tinham que julgar o capitão Duroys de Chaumareys, ex-commandante da fragata *Meduza*, encalhada no dia 2 de Julho de 1816, ás 3 horas da tarde, no banco de Arguin, na costa occidental da Africa, e inteiramente perdida no dia seguinte.

Essa formula juridica, voluntariamente fria e medida, evocava um drama de extranha amplidão. Sobre ella Elyseu Reclus escrevia, alguns annos depois:

"Não é que tragedias de egual vulto sejam raras no Oceano; mas nem todas encontram um Géricault para transmittil-as com tal vigor de expressão á posteridade".

Para os officiaes, que compunham o conselho de guerra, a situação era a seguinte: elles bem comprehendiam que esse processo, adiado por tantas vezes, trazia a julgamento não apenas o official culpado mas toda a marinha do novo regimen monarchico da França, regimen que commettera a imprudencia de juntar, aos velhos lobos do mar da Revolução e do Imperio, os fidalgos emigrados; trazia a julgamento o conflicto entre as concepções modernas e os preconceitos antigos.

O escrivão leu o processo. Sua voz monotona, repetindo as phrases já muitas vezes lidas, era inexpressiva, incolor; apezar d'isso, os factos assim relatados eram tão horrendos que os juizes, ouvindo-os, julgavam-se longe de toda a civilização, diante de entes primitivos, mergulhados na barbaria de primatas.

Terminada a formalidade da leitura o contra-almirante ordenou:

— Tragam o accusado.

O commandante da *Meduza* entrou. Era um bonito homem, de aspecto muito distincto se bem que um tanto fatuo, e que parecia supportar com extranha desenvoltura o peso de sua terrivel responsabilidade.

E o interrogatorio começou renovando o doloroso incidente em todas as suas minucias.

A *Meduza* alli ficou, inclinada para bombordo.

A FRAGATA SEM DONO

Os tratados de 1814 e 1815 haviam restituido á França suas colonias e, como era natural, o ministro da Marinha apressou-se a d'ellas retomar posse enviando expedições á Martinica e a Guadeloupe; mas da costa da Africa não se poude occupar antes de 1816.

Essa expedição redobrava de importancia porque ia reerguer a bandeira franceza em um territorio de que fôra expulsa em 1758. Comprehendia o futuro commandante de todas as possessões francezas do Senegal, coronel Schemaltz, o tenente Courreau; seu ajudante de campo, os engenheiros Correard e Bredil, o naturalista Kummer, um commissario superior da marinha, um prefeito apostolico e outros funccionarios, dous professores, sete medicos, operarios, cultivadores etc., todos com suas familias; em resumo um embryão de colonia e mais um contingente militar de 300 homens sob o commando do major Poincignon.

Tudo isso era transportado na fragata *Meduza*, a gabarra *La Loire*, o brigue *Argus* e a corveta *Echo*.

Porque foi o commando d'essa expedição confiado ao senhor de Chaumareys? Essa foi uma das lamentaveis decisões do novo governo realista em favor dos antigos officiaes da marinha real franceza, os *resuscitados*, como os chamavam então. "A monarchia — escreveu nessa época o almirante Jurieu — pagava assim uma divida de honra e de gratidão." A phrase era bonita mas a pratica ia se encarregar de demonstrar que seus officiaes eram inexperientes ou demasiadamente edosos para as funcções que assim acceitavam. No momento em que emigrara, abandonando a França para não servir o governo revolucionario, o senhor de Chaumareys contava apenas 25 annos. Afastado do serviço maritimo durante longos annos, não mais conservava, ao voltar á armada, as qualidades indispensaveis para desempenhar as funcções de alto commando.

E sua incompetencia se revelou desde o inicio da viagem.

No dia 17 de Junho, ás 8 horas da manhã, a *Meduza* partiu com todas as velas enfunadas por bom vento do norte. Mas logo á passagem do canal de Obron os maritimos que, de terra, observavam sua partida notaram hesitações na manobra.

A's cinco horas da tarde a esquadrilha estava ainda á vista e o commandante de *La Loire*, sr. Destouche, julgando difficil passar o canal de Antioche, deteve-se diante da ilha de Ré, paralysando as demais unidades. Somente duas horas depois ganhavam o alto mar; mas logo depois, tendo cahido nevoeiro intenso, as hesitações recomeçaram de tal modo que, ás 10 horas da noite, toda a esquadra se viu de novo diante do porto. Só então, tendo determinado novo rumo, o commandante Chaumareys conseguiu afastar-se do littoral.

A aventura começava mal. A autoridade do commandante tornara-se nulla sobre a officialidade que ria, á socapa, de sua incompetencia.

Presentindo-o, elle entendeu que consultar esses officiaes, pedir seu conselho, appellar para sua experiencia seria uma humilhante abdicação. Recorreu a um meio termo. Um antigo official de marinha, o sr. Rochefort, vinha a bordo como funccionario da nova colonia, e dissera-lhe conhecer bem o itinerario para o Senegal. O commandante fez d'elle seu amigo mais intimo, seu confidente, seu piloto. Ora a verdade é que Rochefort estivera prisioneiro na Inglaterra durante dez annos e isso o fizera perder a pratica das cousas do mar.

Para proval-o, o senhor de Chaumareys, seguindo seus conselhos, abandonou o resto da esquadra e, a partir do cabo Finisterra, cuidou unicamente da *Meduza*, distanciando-se de *La Loire*, do *Argus*. Apenas a *Echo*, commandada por um habil manobreiro, senhor de Venancour, conseguiu seguil-a durante nove dias, através do Atlantico.

Como explicar essa marcha desordenada? O accusado declarou que a *Meduza*, navio veloz, *não podia* esperar pelos outros. Ademais, elle julgara de seu dever aproveitar os ventos de nordeste, que *lhe* facilitavam a manobra.

Confessava assim que sua maior preoccupação era facilitar sua propria manobra e aproveitar as condições favoraveis, embora abandonando os demais navios sob seu commando. Como perdoar taes leviandades a um commandante?

PRIMEIROS ALARMAS

A viagem proseguiu sem incidentes notaveis até 23 de Junho. Nesse dia, um grumete de 15 annos cahiu ao mar. Agarrou-se

por alguns instantes a uma corda que pendia da popa, mas a *Meduza* ia então com velocidade tal que não se poude manter assim e largou a corda.

O accidente foi assignalado á *Echo*, que ainda estava á vista; mas a corveta não deu pelo aviso, que aliás não fôra apoiado por um tiro de canhão como é determinado pelos regulamentos. E' verdade que o commandante mandou atirar uma boia na direcção em que o grumete desapparecera, depois recolheu as velas, deteve o navio e fez baixar um bote com tres homens que exploraram longamente o mar; mas não lograram encontrar nem mesmo a boia. Chegou-se a desejar que tambem o grumete não fosse encontrado, pois isso apenas serviria para prolongar seu supplicio.

No dia 26, tendo perdido de vista tambem a *Echo*, a *Meduza* reduziu a marcha com medo das *Oito Rochas*, assignaladas nessas paragens.

Evitou-as; mas, ao amanhecer, estava ainda muito longe da ilha, que os vigias só assignalaram á tardinha. O senhor de Chaumareys commettera, portanto, um erro de 30 milhas a leste. Explicava-o dizendo que as correntes do estreito de Gibraltar o tinham desviado com espantosa violencia.

Ao cahir da noite, deixou o navio andar sob pouca vela e, á meia noite, virou de bordo, para não se approximar demasiadamente de terra. Emfim, ás 5 horas da manhã, teve a impressão de que todo um archipelago surgia das aguas. A bombordo tres ilhas desertas; a estibordo, Porto Santo; pela prôa a ilha de Madeira, coberta de laranjeiras. Costeou-a, admirando o panorama de Funchal e suas vinhas; depois partiu de novo com velocidade de oito nós.

Na manhã de 24 de Junho passou á vista das Salvages; á tarde avistou Teneriffe, entrou na bahia de Santa Cruz, onde os futuros colonos do Senegal puderam admirar as exuberancias da natureza tropical. A demora ahi foi apenas a necessaria para o embarque de fructas, agua e legumes.

A viagem estava a terminar, mas o percurso final não era o menos delicado. Após Teneriffe havia temporaes constantes e correntes marinhas que tocavam fortemente para o littoral. Seria conveniente pois navegar para oeste. O senhor de Chaumareys não o comprehendeu e approximou-se inconsideradamente de terra.

Na alvorada seguinte, avistaram a costa da Africa e isso inquietou vivamente os que já conheciam aquellas paragens: uns temiam que a fragata batesse em algumas rocha; outros receiavam cahir nas mãos dos mouros. Levantaram-se de todos os lados brados de pavor e protesto contra o commandante.

Este, que se mantinha na ponte de popa com seu inseparavel Rochefort, fingiu não ouvil-os; comtudo, por volta das 8 horas mandou recolher as velas e deitar a sonda. Encontraram 80 a 90 braças de agua, com fundo de areia e argilla. O commandante deu de hombros e proseguiu na viagem.

Estavam proximo ao tropico de Cancer, e os marinheiros, como sempre descuidados, preparavam-se para os tradicionaes folguedos da passagem do tropico. Cerca de dez horas da noite, ouviu-se um grande ruido de campainhas que vinha do cesto do mastro grande. De subito surgiu uma silhueta burlesca, mixto de deus marinho e anthropoide.

O grosso cabo a que elle se agarrava balouçou-se, e saltando diante do commandante o extranho vulto declarou:

— Eu sou o pai Tropico. Amanhã ás dez horas atravessarei seu navio, se me der licença.

— Com muito gosto — disse o sr. de Chaumareys com jovial condescendencia.

Entretanto a fragata navegava através do golfo de S. Cypriano, a meio alcance de canhão do littoral, e chega a ser incrivel que não tivesse encalhado então. Algumas testemunhas attribuem esse milagre ao official de quarto, sr. Laperère, official de merito que, comprehendendo a gravidade da situação mudou de rumo sem autorisação do commandante.

O ENCALHE

Cahiu a noite. Cerca de tres horas da madrugada o official de quarto, que era então o sr. Reynaud, avistou a bombordo, a uma distancia de duas leguas, luzes inesperadas. Reconheceu porém a *Echo*, que içára uma lanterna em um de seus mastros. Que significaria esse signal ?

Para mostrar que o avistara, o sr. Reynaud mandou içar tambem uma lanterna. Immediatamente, na *Echo*, começaram a detonar petardos e lançar foguetes, afim de prevenir a fragata de que ia por uma rota perigosa, de que era preciso navegar muito mais a léste afim de dobrar o banco de Arguin, que se estende a mais de trinta milhas do littoral.

Tendo bem fixado a situação, o senhor de Venancour, commandante da *Echo*, deu o exemplo.

Quando o dia rompeu, seu navio foi visto a estibordo. Mas ninguem comprehendeu sua manobra ou, pelo menos, ninguem se deu o trabalho de prevenir o senhor de Chaumareys e a *Echo* desappareceu no occidente.

A's 6 horas o commandante mandou lançar a sonda, que accusou mais de cem braças de fundo. Mais uma vez tranquillisado, o commandante determinou rumo sul-sudoeste, formando um angulo recto com seu rumo precedente. Acreditava dirigir-se para o Senegal. Era demasiadamente prematuro, porém elle seguia os conselhos do sr. Rochefort, a despeito das criticas que similhante ordem suscitara a bordo.

O sr. Picard, futuro escrivão da colonia, que já vira um navio encalhar nos baixios do banco de Arguin oito annos antes e guardava do facto apavorada lembrança, exclamou varias vezes, em voz alta:

— Este homem está doido. Vai nos atirar em cima dos rochedos.

O sr. Laperère, que tambem já navegara naquella zona, pretestou egualmente. Para fazel-os calar, o commandante mandou lançar de novo a sonda, ás 9 horas da manhã. Como o fundo continuasse de cem braças, o piloto affirmou que já tinham passado a zona perigosa e podiam navegar resolutamente. Amparado por essa declaração, o senhor de Chaumareys tratou de distrahir a equipagem, mandando iniciar as festas do deus Tropico.

Como raros eram, a bordo, os que já tinham passado a linha (como se costuma dizer) havia muitos a quem baptisar e as gargalhadas se succediam quasi sem interrupção.

Apezar d'isso, cerca de meio dia, o official de quarto, guarda-marinha Maudet, mantendo-se alheio aos desordenados folguedos, *fez o ponto* e, muito alarmado, veiu prevenir o commandante. Segundo as indicações astronomicas o navio se achava em cima do banco de Arguin. E isso era evidente até pela côr do mar que se tornara esbranquiçado e turvo.

— Ora, deixe-se de tolices—replicou o commandante — Estamos com mais de oitenta braças de profundidade.

E só a custa de grande insistencia o guarda-marinha conseguiu uma ordem para sondagem.

— Dezoito braças.

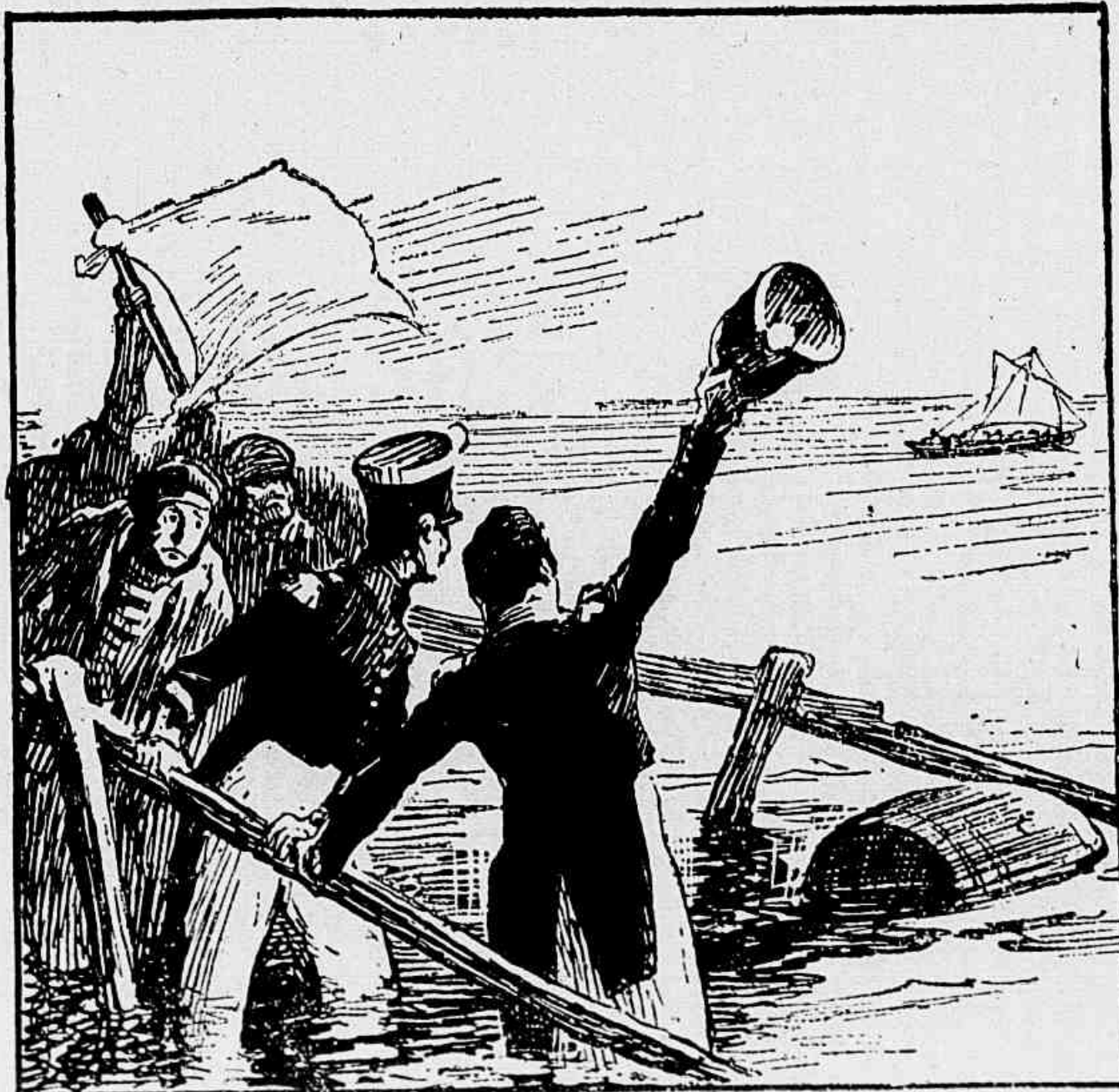
Essa noticia logo se espalhou por toda a guarnição, enchendo-a de susto. O proprio commandante, surprehendido e inquieto, mandou desviar a rota para oeste, e um quarto de hora depois, interrogou de novo a sonda:

Dez braças! A situação tornava-se tragica. Restaria tempo para evitar um encalhe?

— Todo o leme a oeste; cerrem as velas. Ponham a capa... o mais depressa possivel. Sondem de novo! bradou elle, como quem perde a cabeça.

Obedeceram ás pressas. A sonda accusou seis braças.

Ergueu-se a bordo um grande clamor e quasi ao mesmo tempo um choque formidavel fez o navio estremecer da quilha aos mastros. A *Meduza* adiantou-se ainda um pouco raspando o fundo com o casco, depois deteve-se sobre rochas mais altas e estacou com um estalido lancinante.

Assim em pleno dia, ás 3 horas e um quarto, a dezoito leguas apenas do litto-

O inicio da tragica aventura.

ral da Africa, o senhor de Chaumareys perdeu sua fragata. Elle proprio parecia attonito diante de tão estupido desastre. No meio dos protestos e lamentos geraes era o unico que não abria a bocca.

— Veja, senhor — bradava o guarda-marinha. — Veja até onde sua teimosia nos levou.

Outros interpellavam violentamente o sr. Rochefort, causa talvez involuntaria de todo o mal. Do porão partiam clamores da soldadesca, que, apavorada, perguntava o que acontecera. Apenas Mme. e Melles. Schemaltz, a esposa e as filhas do futuro governador, não pareciam ter consciencia da gravidade da situação; talvez porque a *Meduza* immobilisara-se sobre as rochas sem apresentar avaria alguma.

De resto, se todos os factos se combinavam para demonstrar a impericia do senhor de Chaumareys para guiar o navio, é forçoso reconhecer que, passado seu primeiro momento de estupefacção, elle agiu energicamente para reparar na medida do possivel as consequencias de sua fatal presumpção. Tranquillisou os passageiros, encorajou a equipagem e ordenou as medidas que a situação reclamava. E animados por essa attitude todos começaram a trabalhar com bôa vontade.

Tirando o bonnet, o commandante saudou a fragata, com gesto largo.

UM PLANO FATAL

A primeira cousa a fazer era recolher as velas; em seguida puzeram todos os botes no mar, com excepção da chalupa, que precisava de calafeto. Mas esse trabalho foi tambem activamente iniciado.

A noite passou sem novos sustos e na madrugada de 3 de Julho o commandante annunciou seu projecto de safar o navio fazendo-o recuar sobre as ancoras, que mandaria atirar atrás, o mais longe que fosse possivel. Com effeito, não era licito contar com a maré porque o accidente occorrera justamente na hora em que ella estava mais alta.

Lançada uma ancora, cedeu logo ás primeiras voltas do cabrestante. O commandante mandou lançar mais duas: cederam tambem, demonstrando que alli o fundo do mar não se prestava a taes esforços.

A' vista d'isso, os officiaes de terra e mar que vinham a bordo reuniram-se em conselho e elaboraram um novo plano. Em vez de fazer tantos sacrificios para levar o navio até o porto de S. Luiz, o mais pratico era abandonal-o e transportar-se para alli, de qualquer modo. Os passageiros eram numerosos? Que importava isso? O sr. Schemaltz riscou rapidamente o plano de uma jangada capaz de transportar duzentos homens e os viveres. Os outros duzentos seriam divididos entre as seis embarcações da fragata, que viriam receber viveres da jangada, nas horas das refeições.

O tempo estava bom, o littoral estava proximo. Em algumas horas chegariam a elle.

Exposto com grande enthusiasmo pelo governador, esse plano pareceu facilmente realizavel, embora contrario a todas as tradições maritimas. Um commandante só abandona seu navio em ultimo recurso e em ultimo logar. O dever do senhor de Chaumareys em tal conjuntura era, em primeiro logar, mandar a chalupa com um official, buscar soccorros em S. Luiz; De resto, devia lembrar-se de que o resto da esquadra não tardaria a apparecer em soccorro da *Meduza*.

Infelizmente acreditou que seria possivel arrastar através das ondas do Atlantico uma enorme jangada sobrecarregada, com o só esforço de meia duzia de embarcações a remo. Similhante ignorancia é de pasmar. Mas o commandante assim pensou e sua officialidade não teve energia sufficiente para destituil-o ou impôr-lhe outra decisão.

Fez-se a jangada com precipitação febril. De toda a mastreação da fragata reservaram apenas duas vergas para *calçar* o navio sobre as rochas; todo o mais foi atirado ao mar e amarrado. Infelizmente, na segunda noite, o mau tempo interrompeu os trabalhos. As ondas varriam o convez a cada instante obrigando toda a gente a segurar-se ao que lhe estivesse mais proximo para não ser levado. Mas no dia 4 trabalhou-se com afinco e a jangada, com vinte metros de comprimento e sete de largura, a quem o destino reservava uma tão funebre celebridade, começou a tomar forma, accumulando clamorosos erros de construcção. Com a preoccupação de fazel-a solida, o senhor de Chaumareys poz-lhe nos bordos contrafortes que a tornavam ainda mais impropria á navegação em pleno mar, tornando irrisorios dous mastros, que nella ergueram.

No dia 4, desconfiando afinal do exito d'essa tentativa, o commandante emprehendeu novos esforços para salvar a fragata. Uma ancora atirada a 250 metros para o noroeste ferrou afinal e quando o cabrestante começou a funccionar o navio moveu-se.

Hurrah! Era a salvação! Marinheiros, soldados e passageiros atiraram-se á manobra e o movimento continuou. A fragata continuou a deslisar sobre as rochas... caminhou assim cerca de 200 metros. Estava já quasi fluctuante. Apenas a popa ainda repousava sobre o sinistro banco de Arguin. Mas nesse momento a ancora, já muito proxima, desprendeu-se e como a maré já começava a baixar seria loucura insistir na tentativa.

Duas horas depois, toda a quilha repousava de novo sobre as rochas.

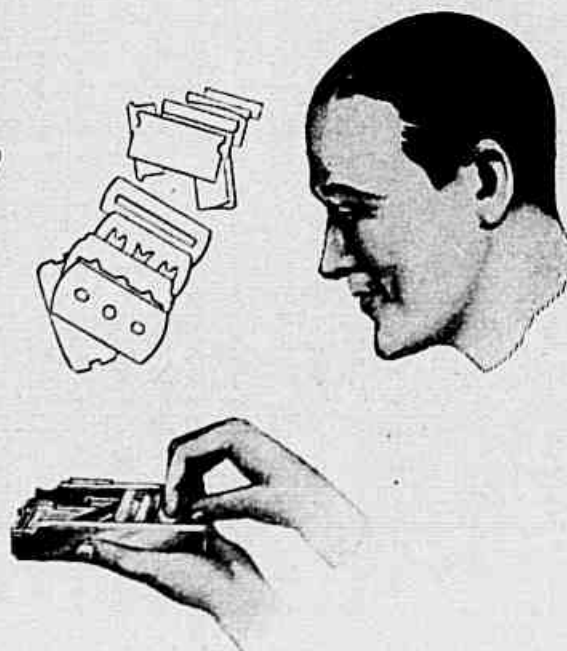
Interpellado perante o conselho de guerra sobre o fracasso d'essa tentativa, o senhor de Chaumareys foi forçado a reconhecer que esquecera a providencia elementar e preliminar em taes casos — alliviar o navio, atirando ao mar ou transportando para a jangada a artilharia e a parte mais pesada da carga, como barris de polvora e de farinha de trigo, que trazia em grande quantidade. Em sua defeza allegou apenas que o futuro governador da colonia se oppoz ao sacrificio dos viveres, receioso de ver, depois, os colonos em face da carencia de alimento europeu!

Sobre os que iam a bordo, o effeito do fracasso foi esmagador. Toda a confiança no commando desappareceu, a disciplina tornou-se falha e incerta. Para cumulo, durante a noite, o tempo voltou a tornar-se pessimo.

Verdadeiras montanhas d'agua varreram a *Meduza* que, a cada um d'esses choques, estremecia como um animal ferido.

E como a equipagem, extenuada, desanimada e irritada, fazia com má vontade o serviço de defesa o mar começou a invadir o porão.

A jangada, ultima esperança de salvação, rompeu as amarras e afastou-se aos saltos. Foi preciso lançar botes ao mar para ir buscal-a.

Vendo essa manobra, a soldadesca, já alarmada pelo estado do navio, imaginou

que este ia abrir-se ao meio e que a equipagem o estava abandonando. Exasperados, empunharam as armas e ameaçaram seus proprios officiaes, exigindo providencias e ameaçando fuzilar todo aquelle que pretendesse deixar o navio sem haver assegurado a salvação do contingente militar.

Essa revolta teve as mais graves consequencias, pois serviu de pretexto para as crueis disposições tomadas em seguida.

O batalhão enviado a Africa fôra constituido com a escoria de varios regimentos porque aquella guarnição era considerada um castigo. Não havia pois consideração por aquelles soldados; mas no momento era preciso acalmal-os, assegurando-lhe que a jangada era perfeitamente segura e que todas as precauções seriam tomadas para lhes garantir a vida.

Elles acabaram por acalmar-se e depôr as armas.

SALVE-SE QUEM PUDER!

Na alvorada de 5 de Julho não era mais possivel pensar em manter-se a bordo, as bombas já não davam vasão á agua accumulada no porão.

Seria loucura pensar em exgottal-o. Os marinheiros, abandonando esse esforço inutil, preferiram aproveitar o tempo saqueando as malas dos passageiros. A desordem a bordo era completa. Alguns, não sabendo onde collocar o que roubavam, vestiam umas sobre outras cinco ou seis camisas, tres ou quatro calças e enchiam as algibeiras com as cousas mais variadas. Outros aproveitavam a confusão para beber de mais e, ebrios, praticavam toda a sorte de excessos.

O governador, o commandante e os officiaes, prevenidos de que o casco estava aberto e a fragata podia, de um momento para outro, abrir-se ao meio, apressavam os preparativos para o desembarque. E é preciso reconhecer que nas listas, que então estabeleceram clandestinamente, já se affirmava o estado de espirito já notado.

Esse estado de espirito, que mais tarde não causou extranheza nem nas rodas officiaes de França nem no conselho de guerra, explica a nossa mentalidade de hoje muitos lados obscuros do drama.

As seis embarcações foram reservadas quasi totalmente ao governador e sua familia, ao pessoal da colonia, ao commandante, aos officiaes de terra e mar e aos marinheiros.

Mas o grande meio de transporte seria a jangada, na qual deviam ir quasi todos os militares, seus officiaes subalternos e os operarios. Ao todo 120 soldados, 29 marinheiros ou passageiros e uma mulher. O commando da jangada foi confiado a um pobre aspirante, o sr. Coudin, que, desde o embarque na ilha de Aix, soffria de forte contusão em uma perna e estava quasi incapaz de fazer qualquer movimento. A escolha de um commandante em taes condições constituia, por si mesma, a mais lugubre das indicações.

Tomadas essas inquietadoras disposições foi dado o signal e o embarque se fez com indiscriptivel desordem. Muitas pessôas tentando descer ao longo do costado da fragata, com o auxilio de cordas, cahiram ao mar e só por milagre não se registrou então nenhum afogamento. Mas cada qual queria passar adiante dos outros, com medo de não encontrar logar nos botes.

Na vespera tinham preparado viveres, munições, tudo quanto era necessario para a ultima travessia. Tinham enchido de biscoutos solidas barricas; tinham separado barris de vinho e de agua, mappas, cordas... Mas na hora do embarque cada qual pensou apenas em não perder seu logar e tudo o mais foi esquecido. Os botes levaram apenas 25 libras de biscoutos e um pipote de agua. Quanto á jangada, que devia theoricamente transportar todos os viveres, levou apenas uma barrica de biscoutos, que molhados por agua do mar se transformaram em massa informe; mas, ainda assim, foram mais tarde singularmente preciosos.

O embarque foi effectuado sob o peso de tamanho terror que sómente elle explica a resignação da soldadesca. Começaram por abandonar suas armas na fragata, depois foram amontoados na jangada em tal numero que ficaram encostados uns aos outros, inteiramente á mercê dos officiaes, que haviam conservado suas espadas e pistolas.

Estavam alli, sem poder mover-se, com os pés sobre cylindros de machina, que se moviam a cada instante. E o peso de todas aquellas creaturas era tal que a enorme plataforma mergulhou quasi um metro.

— Vamos a pique! — bradaram os infelizes.

E, allucinados pelo pavor, atiraram ao mar os viveres, o vinho e a agua, que tanto lhes ia faltar depois.

Sómente depois de consummado esse mal irremediavel é que os officiaes lograram tranquillizar a soldadesca, affirmando-lhe que a jangada não *podia* sossobrar e seria rebocada até o Senegal. A prova era que o governador puzera na jangada sua bagagem administrativa, contendo cem mil francos em ouro para as despesas do primeiro anno.

Entretanto, um tenente do batalhão, o sr. Paulino de Praviel, não confiando nas condições de navegabilidade da jangada, atirou-se á agua e após uma hora de corajosos esforços conseguiu voltar a nado para a fragata.

Esta, inclinada para bombordo, continha ainda numerosos passageiros que preferiam tudo a partir na fatal jangada. Mas, no ultimo momento, a ideia de que iam ficar em abandono, em pleno mar, agitou-os.

Entretanto, com espantosa inconsciencia, o coronel Schemaltz fazia-se transportar solemnemente em uma poltrona pendurada a um guindaste até o bote mais confortavel, onde sua familia já o esperava.

Quanto ao senhor de Chaumareys não dissimulava sua perplexidade. Devia abandonar o navio deixando nelle os insubordinados que recusavam descer para a jangada? Elle não ignorava a tradição invariavel da marinha segundo a qual o commandante deve ser o ultimo a deixar seu navio. Mas devia sacrificar-se porque cincoenta ou sessenta estupidos, desobedecendo a suas ordens, recusavam desembarcar?

Hesitou durante uma hora, mas decidiu-se afinal e viram-o descer para o bote do governador.

Uma vaia formidavel ergueu-se da fragata.

Muito pallido, o commandante poz-se de pé no bote e gritou:

— Os senhores ficam a bordo porque querem; e mais uma vez, appellando para o testemunho de todos, intimo-os a evacuarem o navio.

Do alto do convez um sargento de marinheiros bradou com furor:

— Eu tambem tomo todos por testemunhas. A fragata poderia ter sido salva, se tivessem atirado ao mar a artilharia e a carga, como se faz sempre em casos taes. Tomo tambem todos por testemunhas de que o senhor, o commandante da fragata, vai abandonal-a e não tem o direito de o fazer.

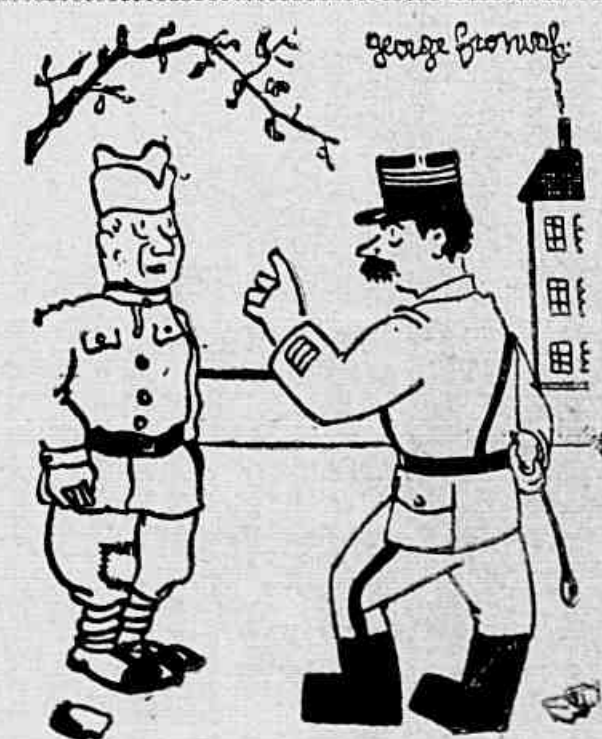
E, empunhando uma carabina, apontou-a para o senhor de Chaumareys. Agarraram-o impedindo que elle atirasse.

O senhor de Chaumareys, livido, teve uma ideia ou um movimento instinctivo. Tirando seu bonnet, saudou a *Meduza* com gesto largo. Nova e furiosa assuada respondeu a essa saudação. O desgraçado hesitava ainda. Elle comprehendia que seu dever era ficar com aquelles infelizes; não podia decidir-se a esse sacrificio. Ainda uma vez pediu-lhes que descessem para a jangada. Recusaram com clamores de furor.

O sr. de Chaumareys prometteu então que lhes mandaria soccorros com a maior presteza.

Depois fez um gesto e, sob a vaia formidavel dos abandonados, o barco afastou-se em direcção á jangada, sobrecarregada de homens, que tremiam de medo, agarrados a cordas ou ao proprio madeiramento da tosca plataforma.

Eram 7 horas da manhã.

(*Continúa no proximo numero*).

— Porque é que você, ao passar por mim esta manhã, não me fez continencia?
— Não o vi, meu capitão...
— Ah, bom, pensei que estivesse zangado commigo!

NO MUNICIPIO NEUTRO POR ESCRAGNOLLE DORIA

A proposito de futura e possivel reunião de terceira Constituinte nossa, em pouco mais de seculo, é lembrada a transformação do Districto Federal em Estado autonomo, para o qual já se propõe até nome: Guanabara.

Leva-nos isso a recordar o antigo Municipio Neutro desapparecido com o Imperio, entidade administrativa e municipal talvez por muitos conhecida pouco. Muitos talvez já a esqueceram e olvido, figuradamente, significa repouso, no caso da memoria. D'ahi linhas recordativas.

Bem sabemos quão antigo é o Rio de Janeiro de primeira vista aos olhos de André Gonçalves e Vespucci no dia de Anno Bom de 1502, recebendo assim os dous navegadores as bôas festas da nossa corographia.

Desde colonia portugueza, e logo cedo, teve o Rio de Janeiro edilidade, e o seu Senado da Camara deixou nome na historia patria, mormente ao luzir-nos Independencia.

Feita esta, rumor a principio, grito por fim, a municipalidade carioca ficou em primeiro plano no quadro de novo Imperio, nascido no rumor dos povos e no echo do Ipiranga.

Até 1834 o Rio de Janeiro cidade formou corpo com a provincia do mesmo nome. A capital d'esta, Nitheroy, já esquecida de villa da Praia Grande, mirava, da banda fluminense da bahia, a fronteira capital carioca. Do ministro do Imperio dependeram ambas as cidades até á promulgação do Acto Addicional. D'este logo o artigo primeiro separou o Rio cidade da provincia do Rio de Janeiro, cessada xipophagia politica.

Posto em vigor o Acto Addicional, teve a provincia primeiro presidente, de nome já assignalado, Rodrigues Torres, o futuro Itaborahy.

Emancipada a cidade do Rio de Janeiro, pela maioridade de 1834, entrou a viver por conta propria, formando o municipio da Côrte, de accordo com a lettra do Acto Addicional, o Municipio Neutro, segundo voz mais geral.

Limitava-se o Municipio ao norte com o de Iguassú, ao correr de aguas do Guandú-mirim e do Merity. Ao sul e a leste as aguas mostravam mais vulto, eram as do Atlantico. A leste o Municipio Neutro entestava com o de Itaguahy, pelo rio Guandú, abrangendo diversas ilhas de Guanabara, d'ellas rainha a do Governador, princeza a de Paquetá, por D. João VI camoneanamente comparada á ilha dos Amores.

Davam ao Municipio Neutro, em 1889, mil trezentos e noventa e quatro kilometros quadrados de superficie. Collocavam-o assim territorialmente acima das republiquetas de Andorra (507 k2), do principado de Liechtenstein (157 k2), da republica de São Marino (86 k2) e do principado de Monaco (22 k2).

Segundo a densidade de população, em 1889, o Municipio Neutro occupava primeiro logar na lista da especie emquanto ao Amazonas, lhe cabia o ultimo. Calcularam-lhe a população, em 1888: abrigava mais de quatrocentas mil almas.

Toda a população do Brasil devia ter representantes, escolhidos por cento e vinte e cinco districtos eleitoraes. No ultimo anno do Imperio o Municipio Neutro e a provincia do Rio de Janeiro abrangiam doze districtos eleitoraes, pertencendo ao Municipio os tres primeiros, nelles disputadissimos os pleitos, nos quaes tanto se celebrisaram Theophilo Ottoni, com o famoso lenço branco, bandeira para partidarios, e Duque Estrada Teixeira, com a "flôr da gente", isto é a capoeiragem.

Dentro do Municipio Neutro ficavam vinte e uma freguezias, treze urbanas, oito suburbanas, trinta e cinco mil as casas de todas.

Emquanto a Côrte permanecesse no Rio de Janeiro a administração do Municipio Neutro estaria sujeita ao governo central, por orgão o ministerio do Imperio.

A municipalidade do Municipio, já pela tradição, já pela circumstancia de ser elle a séde do governo do paiz immenso, era a primeira do Brasil.

Compunham a Illustrissima Camara Municipal do Rio de Janeiro, em 1889, vinte e um vereadores, um d'elles presidente e outro vice-presidente, eleitos annualmente. Nem faltavam supplentes aos vereadores: qualquer vaga ou impedimento era esperado por vinte e um supplentes.

Vejamos um pouco como se existia no Municipio Neutro do fim do Imperio.

A primeira cousa que favorece a vida da população nos grandes centros é a facilidade e a barateza dos transportes. Desde 9 de Outubro de 1868 o carioca conheceu e amou o bonde, ao qual, zombeteiro sempre, alcunhou logo, chamando-o "vacca de leite", pelo chocalhar das campainhas dos muares dos bondes de tracção animal, e de "jaboti" por lembrarem o animal a fórma dos primeiros carros da primeira companhia ferro-carril carioca. Sendo a Botanical Garden (a do Jardim Botanico), entendeu dar aos seus carros a denominação logo olvidada de "americanos".

Os bondes da Jardim faziam ponto na cidade, na rua do Ouvidor, esquina de Gonçalves Dias, excepto nos dias da folgança carnavalesca, estacionados no largo da Carioca.

Quatro companhias de bondes serviam o publico levando trinta e uma linhas ferro-carris aos pontos extremos da cidade. Carros e tilburys paravam um pouco por toda a parte. A gente mais pobre utilisava as diligencias de tostão para Botafogo, os moradores de Santa Thereza recorriam ao plano inclinado da rua do Riachuelo e aos bondes da sua empreza, reservado aos habitantes de Paula Mattos o elevador hydraulico ainda da rua do Riachuelo, de actividade por muito pouco tempo.

As conducções eram multiplas e baratas, cobrados no maximo quatrocentos réis para pontos bem distantes, já de uso os recebedores, impropriamente chamados conductores, indagarem do passageiro: "inteira ou meia?"

A' Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central do Brasil, se recusou mesquinhamente o nome primitivo por occasião do centenario do nascimento do inexcedivel patriota brasileiro, á sombra do qual os fundadores da ferro-via a tinham posto. A D. Pedro II, no fim do Imperio, e os bondes suburbanos davam prompta vasão aos moradores da cidade de pontos extremos. Pingentes só nos lustres.

N'uma grande cidade não basta locomover-se, principal é comer. Fome e sêde são tyrannos inexoraveis do subdito homem. Não faltavam ao Municipio Neutro hoteis, restaurantes e pensões de toda a ordem, no maximo mil e quinhentos o almoço e dous mil réis o jantar. Já no tempo um hotel chinez convidava a almoçar ou jantar por seiscentos réis. Uma pensão, a de dona Maria, na rua da Ajuda, distinguia-se das congeneres, muito frequentada por deputados vindos ás sessões legislativas de quatro mezes, gratuitas as prorogações.

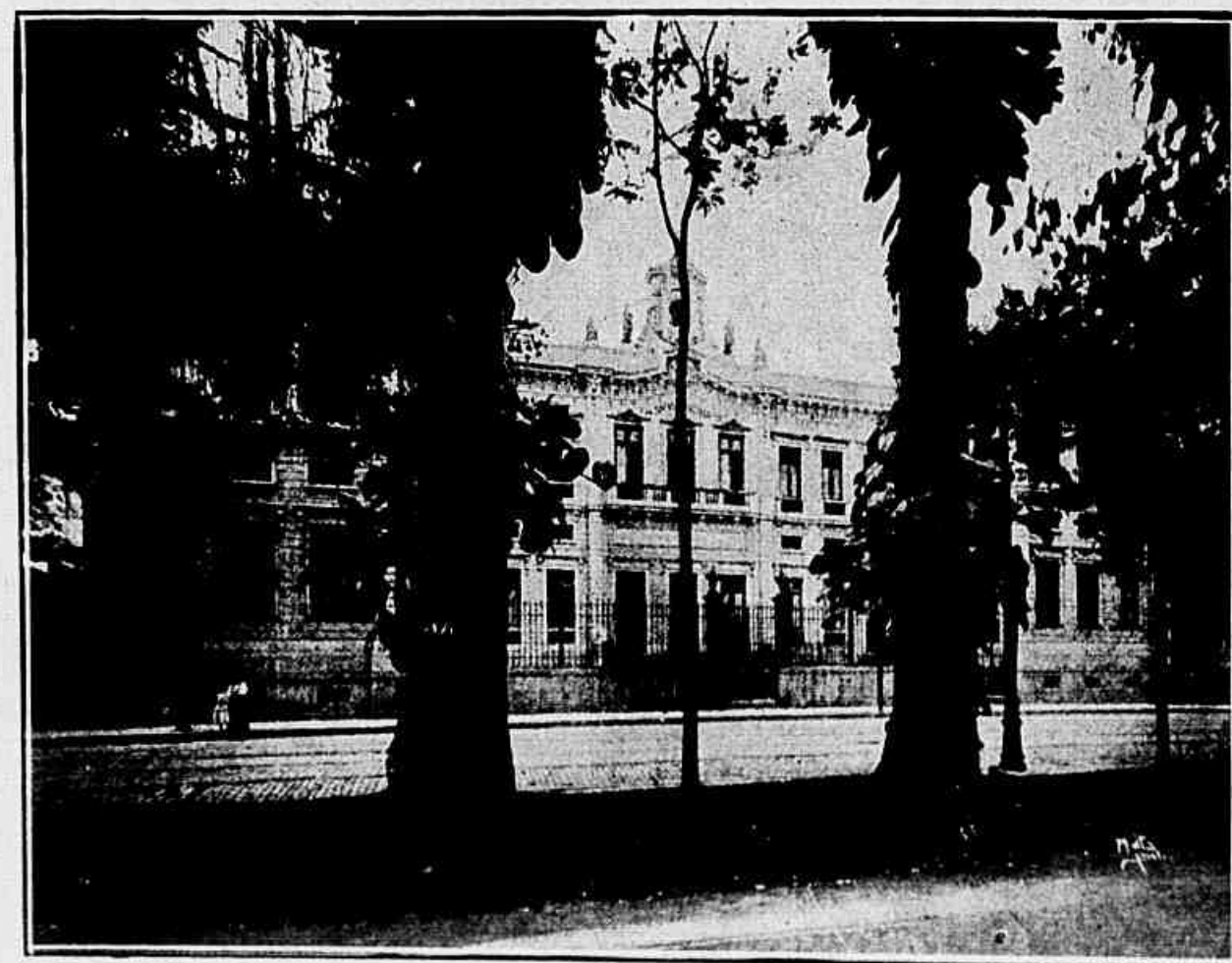
Depois do pão da mesa o do espirito, fornecido diariamente pelos jornaes, a começar pelo quasi secreto *Diario Official*, considerado portanto para o espirito pão dormido.

O grave *Jornal do Commercio*, com todo o poder de causar demissão de ministerios ou de altos funccionarios, vendia-se a cem réis, inaugurada a imprensa barata, em Agosto de 1875, pela *Gazeta de Noticias*, taxando exemplares a quarenta réis. Revistas illustradas, scientificas, litterarias, de geographia e historia, de pedagogia, de medicina, de modas, de engenharia, de cousas militares, de maçonaria e de espiritismo, de tudo um pouco havia no Municipio Neutro.

Antiga escola de S. Sebastião no Municipio Neutro, no Rocio Pequeno.

Depois de lêr, escrever, para o que tão util é o correio, dividida a cidade em sessenta e dous districtos postaes, caixas de correio recebendo correspondencia tanto no morro do Castello como no Alto da Bôa Vista, quer no caes Pharoux, quer no Pedregulho.

Quem tinha pressa preferia telegrapho a correio ou, conforme os casos, recorria ao telephone, já de muita acceitação em 1878. O telephone em casa de familia custava quarenta mil réis por trimestre; sessenta pagavam lojas ou escriptorios, estendidas as linhas a S. Christovão, Botafogo, Santa Thereza, Tijuca.

Não é tudo ganhar, segundo a advertencia biblica, o pão com o suor do seu rosto, advertencia por felicidade para a gastronomia em sentido bem figurado. Ganho e comido celebre pão imposto ao primeiro homem, por ter comido maçã, os descendentes de Adão e Eva desejavam recreio.

Para tanto o Rio de Janeiro de outr'ora lhes offerecia variedade de diversões gratuitas ou modicas, quatorze jardins publicos, sempre abertos mas nem sempre cheios, dez theatros sempre abertos e sempre cheios, alem de clubs e sociedades recreativas de toda especie.

Para satisfazer a necessidade hygienica da distracção uma cousa é indispensavel — a moeda. Somos terra do ouro, mas elle jamais chegou para as nossas moedas, bem raras as de dez, vinte e cinco mil réis ouro cunhadas no segundo reinado. Não muito vulgares eram as moedas de prata, hoje com agio. O nickel e o bronze circulavam com mais facilidade, reinante sempre o papel pintado ou, pomposamente, o papel-moeda. No anno da proclamação da Republica attingiu, porém, tal valorisação que a libra esterlina ficou desprezada, para verdade se hoje parece mentira.

Nem faltou ao Municipio Neutro a sina de dar titulo a jornal. No fim de 1858, os chefes mais conspicuos do partido liberal fundaram a *Tribuna Liberal*, respondendo o partido conservador com outro orgão de imprensa, o *Municipio Neutro*.

Em parte alguma do mundo a imprensa gozava tanta liberdade então como no Brasil, affligida durante algum tempo a imprensa carioca pela praga do "testa de ferro", isto é do pobre diabo pago para assumir a responsabilidade de artigos anonimos, em geral injuriosos. Nenhum escandalo de imprensa, porém, subio ao ponto da retaliação pelas columnas do *Corsario* cujo responsavel, Apulchro de Castro, pagou com sangue a lama atirada a uns e outros pelo seu jornal, renegado em publico por muitos que o liam em segredo, na eterna alegria humana pelo mal do proximo.

Morto Apulchro de Castro, em pleno dia, em frente da repartição da Policia, muita gente achou, disse com razão Ferreira de Araujo, ser excessivo que quinze ou vinte pessôas se reunissem para matar um homem, aliás desarmado e ao qual um official do exercito déra garantia de vida.

Adiante, porém. A rua mais celebre do Municipio Neutro era a do Ouvidor, para muitos o corredor nacional. Valentim Magalhães deu-lhe até sexo e estado civil, tratando-a por Mademoiselle Ouvidor. Da via publica a parte menos frequentada era a da rua 1.º de Março para o mar, onde se levanta a igreja de N. S. da Lapa dos Mercadores. D'ella o carrilhão por musica rivalisava com o da igreja de S. José, os sineiros dos dous templos, no exercicio de funcções, occupando elevada posição na cidade, se não na sociedade.

O verdadeiro salão de conversa da rua do Ouvidor ficava, porém, entre o largo de S. Francisco e a rua Gonçalves Dias, nas proximidades das confeitarias famosas: Paschoal, Cailtan, do José, do Deroche e do Castellões. Incumbia-se esta de vender assignaturas nas estações lyricas, servidas as do Rio de Janeiro pelos artistas mais celebres do globo.

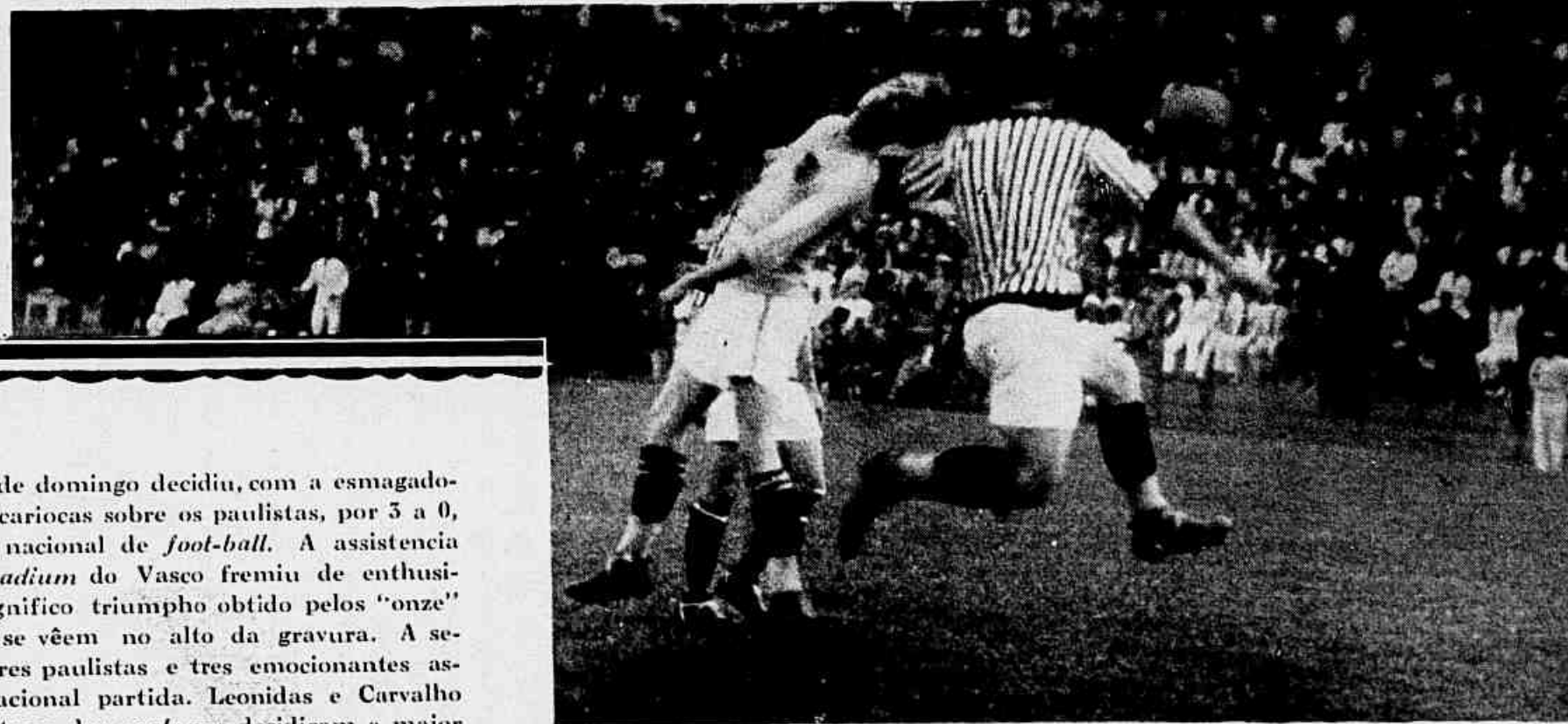
Tinha a cidade Municipio Neutro sitios aristocraticos quaes a praia de Botafogo, as ruas Marquez de Abrantes, Senador Vergueiro e Voluntarios da Patria. Mas a rua do Ouvidor distinguia-se entre todos os logradouros publicos do Rio de Janeiro, por ser a rua de todos.

Por ella se ia ao ventre da cidade, isto é ao Mercado, á beira da praia do Peixe, á praça onde tanto se podia comprar a restea de cebolas como o sabiá canoro, o peixe ainda escorrendo agua como a esteira, uma porção de productos nacionaes trazidos por falúas e botes ancorados na doca do Mercado.

No Municipio Neutro ninguem passava fome, isso era quasi axioma. Ninguem sonhava com o espectaculo actual, assignalado pela imprensa, "dos que farejam um canto de pão nas latas do lixo, chegando muitas vezes mais tarde que os cães e os gatos da visinhança." Ainda menos no Municipio Neutro se vio jamais "aquelle moço que, antes dos primeiros clarões da madrugada, mexe e remexe a tampa de zinco dos depositos de lixo de um bairro elegante e come com as mãos restos azedos de jantar". Mas como foi atrazado e vae longe o Municipio Neutro!

Escragnolle Doria

Antiga escola municipal da Gloria, no largo do Machado.

CARIOCAS, CAMPEÕES DO BRASIL

O grande jogo de domingo decidiu, com a esmagadora victoria dos cariocas sobre os paulistas, por 3 a 0, o campeonato nacional de *foot-ball*. A assistencia apinhada no *stadium* do Vasco fremiu de enthusiasmo pelo magnifico triumpho obtido pelos "onze" da cidade, que se vêem no alto da gravura. A seguir, os jogadores paulistas e tres emocionantes aspectos da sensacional partida. Leonidas e Carvalho Leite, como autores dos *goals* que decidiram a maior peleja sportiva do anno, foram os herões do dia.

JOÃO LUSO

A CHAMMA

E' TRISTE olhar uma chamma. A sua graça e o seu fulgor invariavelmente conduzem a meditações sombrias. Do seu victorioso jubilo fatalmente tiramos motivo de abatimento e tristeza. Contemplamos o seu impeto de subir, a sua ansia de triumphar, e logo a essa aspiração e essa luta comparamos a condição eterna da nossa existencia. Ha um orgulho e uma especie de heroismo na vehemencia com que a chamma se arremessa para o ar, como se a animasse a certeza de crescer cada vez mais, conquistando os espaços e indefinidamente alargando o esplendor do seu dominio. Alça-se, distende-se, atira-se e, á força de se impellir a si propria, realmente consegue medrar. Presa embora — pois, mal se soltasse, logo se extinguiria — opéra sobre si mesma um milagre de expansão. Onde o seu corpo acaba, principia o prodigio da sua alma. Das suas dimensões lineares, tão nitidamente recortadas, outra vida emana, maravilhosa e vaga, sem limites certos, sem fórma — e infinitamente maior. Tambem nós, possuidos da febre da grandeza e do prestigio, nos lançamos e nos empenhamos, tentando alongar o poder da nossa visão, dilatar a energia e o alcance dos nossos braços; alguma coisa com effeito nos envolve, para nos multiplicar; e assim desproporcionada, assim fantastica se torna, em relação á nossa real capacidade, a nossa insopitavel ambição.

A parabola evangelica das virgens insensatas e das virgens ajuizadas abrange muito mais ampla moralidade do que, á primeira reflexão, nos parece. As virgens ponderadas levam, com mil cautelas, mil extremos de attenção, a lampada que o mais ligeiro sopro de acaso poderia apagar. A sua mão timorata não cessa de resguardar a chamma debil, como se no seu palpitar sentissem o bater do proprio coração. Protegendo-a com os dedos e a palma em concha, fazem de conta que defendem a propria vida — e qualquer coisa que com ella lhes foi confiada e que sabem mais preciosa ainda e mais sagrada... As outras, as levianas, vão dum lado para o outro, cantando ou rindo, achando sempre pouco o tempo para dar á alegria é a fantasia. Não cuidam de orientar os seus passos nem de cadenciar a marcha que levam. Vão ao acaso. Jovial, exultantemente se entregam á ventura. E, para nada perder do goso daquelles momentos, fogem a toda a sorte de deveres; não querem saber de cuidados; e com a mesma inconsciencia expõem a lampada a brisas e vendavaes. Virgens prudentes e virgens loucas, a humanidade inteira vos imita, ora a umas, ora a outras, ora a todas ao mesmo tempo!

Todos nós conduzimos uma chamma divina, todos nos certificamos de que, alteando-se sempre o mais possivel, em verdade ella vem descendo, baixando até á terra onde por fim entrará e se sumirá. Tal o espectaculo duma simples vela fixa no seu castiçal, tal a historia de toda a creatura e do seu sonho. Quantos sabem pôr ao abrigo das intemperies a flamma esplendorosa do proprio destino? Não ha quem a não sinta magnifica, abençoada de Deus, feita duma essencia e duma virtude insuperaveis, synthese das riquezas e resplandecencias do Universo. E, a rigor, todos a quereriam conservar, integral e pura. Todos a desejariam tornar immarcessivel e para sempre a salvaguardar: a donzela na castidade do seu quarto, o milionario diante do seu cofre, o sabio no seu gabinete, o operario na sua officina, o soldado na sua peleja, e até a desgraçada, victima do apache, ao canto lobrego da taberna onde o espera... Todos, para evitar a extincção da luz mirifica, se ergueriam, com heroico peito e alma disposta ao sacrificio... Ninguem, porém, sabe quando a catastrophe se avisinha.

Homens e mulheres se distráem da vigilancia que primordialmente lhes compete. Olvidam a lingua candente que ora se enrista, direita e serena, como uma lamina de ouro mal sahida do cadinho; ora se agita e como se irrita, semelhante a uma flammula no auge da batalha; ora ainda amollece, e se abate, e toda se adelgaça e esmorece como se fosse succumbir. São outros tantos avisos que ella nos dá, para que lhe acudamos, a reanimemos, a tiremos do logar perigoso, a honremos sobre uma mesa de trabalho ou a veneremos na intimidade e no silencio dum oratorio. E nós deixamol-a arder...

Ao nosso redor outros brilhos, ephemeros de natureza mas, ai de nós, de apparencia mais promettedora, nos sorriem e chamam, e ao mesmo tempo ameaçam fugir para sempre se nos não precipitarmos. São migalhas exiguas que, no momento, parecem mundos de felicidade. São pequeninas tentações irresistiveis. Ao venturoso tumulto de os alcançar, em breve succede o desconsolo de verificar que nada continham, nada significavam — relativamente áquelle symbolo de triumpho maximo e incomparavel gloria. No emtanto, não nos emendamos. Por mais decepções que soffshould, sempre, no momento seguinte, nos deixamos atrahir ou arrastar a novo engano. Só os pouquissimos privilegiados, os eleitos rarissimos se sabem precaver ou, pelo menos, emendar. Para esses, a meia duzia de realizações que enchem a historia do pensamento e do esforço humanos. Tudo o mais se perde no anonymato immenso da mediocridade. E por que? Porque a Chamma requer a nossa attenção melhor, os nossos desvelos mais constantes, mais esmerados, e nós insensatamente nos afastamos della, e a perdemos de vista e de memoria, e a deixamos crepitar, decahir, atiçar-se, fatigar-se; bruxolear, suplicante; estertorar, desamparada; minguar, definhar, morrer. Distrahimo-nos com outras coisas, com mil pequeninas coisas. E, quando por fim nos lembramos de reparar, da miraculosa chamma que era o nosso ideal só encontramos o fumo... Um fio livido de fumo — e nada mais.

João Luso.

Photos da *Metro-Goldwin-Mayer*.

CARTAZ

Mario Barreto

A morte desse notavel philologo desfalcou o Brasil de uma de suas maiores forças mentaes. O idioma de Camões e de Ruy, de Camillo e Machado de Assis teve em Mario Barreto um culto que representava o dogma de um cerebro. Estudando-lhe os classicos, pesquizando-lhe as origens, sondando-lhe os segredos, viveu o grande vernaculista com o respeito, a admiração e o carinho de seus contemporaneos.

Mestre da lingua, pontifice supremo, no nosso paiz, dos problemas complexos da philologia, a sua palavra se fazia ouvir com o poder de um sortilegio oracular.

Professor e escriptor, fez do ensino e do estilo o combate incessante pela pureza e prestigio do verbo que dá expressão tão forte

Mario Barreto.

quanto harmoniosa aos dois povos que irmana, ligando-os pelo encanto musical de sua grandeza e opulencia.

Não tinha a esterilidade dos grammaticos enfadodonhos e mofinos, nem a aridez dos eruditos macissos. Era um espirito cultissimo, que fazia do saber uma fonte limpida e serena, onde a belleza das idéas se reflectia, assomando com todos os seus dons e as suas galas.

Mario Barreto, que tanto elevava a nossa mentalidade, não fazia parte da Academia Brasileira, em cujo cenaculo deveria ter sido recebido com todas as honras. Mas, apezar disso, a sua immortalidade resulta do valor perpetuador de sua obra, que não é só um monumento exclusivo do paiz de seu nascimento, tornando-se um patrimonio commum aos dois povos que falam o dôce e bello idioma que elle tanto amou e engrandeceu.

Luzardo

Basta, *tout court*, esse nome para identificar o *leader* gaucho da campanha da Alliança Liberal e o bravo soldado da Revolução de Outubro.

Dr. Baptista Luzardo.

Luzardo é, no Governo Provisorio, o elemento civil que vem mantendo a ordem publica nesta capital, como chefe de Policia modelar, pois que o seu prestigio e exito decorrem da energia serena e da mais ampla liberalidade. O povo carioca nunca teve tanta liberdade e garantia como sob a policia de um governo de poderes discricionarios.

Mas a revelação maior é o seu espirito de organisação, a sua bossa de administrador.

A reforma da Policia, cujo projecto já foi entregue ao presidente Getulio Vargas, vae assignalar a sua passagem pelo mais arduo posto da administração do paiz, ficando o Rio a dever-lhe mais esse grande serviço.

Lindbergh e sua esposa, os intrepidos aviadores do *raid* ao Japão.

Edison, sol em declinio

Edison, no seu ultimo retrato.

A vida, na fatalidade de sua limitação planetaria, quando vae se extinguindo como luz mortiça, é talvez mais dolorosa e impressionante que a propria morte.

A de Edison, o genio das mil e uma invenções, está no declive irremediavel. Quasi centenario, o venerando sabio começou a morrer paulatinamente. Vae matando-o a velhice avançada. *Senecta est morbus*.

O prodigioso scientista *yankee*, mago da Physica, foi o autor de muitas maravilhas: violou os segredos da electricidade e da acustica, com a lampada incandescente e o phonographo.

Poucos homens têm sido tão uteis á Terra como esse nonagenario estupendo.

O seculo XIX, chamado o da electricidade, foi o scenario de suas conquistas, concretizando o prestigio mythico de Aladino.

E está se acabando o genio benevolo a quem devemos o milagre da luz electrica e a delicia auditiva da musica mecanica, que grava nos discos a subtileza do rythmo.

Para casos como esse a morte deveria ser retardada, afim de que a sua existencia preciosissima fosse dilatada por seculos.

Mas Edison morre feliz, tendo a immortalidade antecipada, no esplendor de sua gloria immensa.

Costes e Le Brix, este ultimo victima do conhecido desastre nos ares da Siberia.

Demais, já deve estar saturado da Terra, onde, graças á sua curiosidade portentosa, quasi nada ha a descobrir...

O "Nautilus"

A viagem do *Nautilus* ao Polo Norte encerrou uma aventura mais sensacional que as odysséas fantasticas de Julio Verne, o romancista dos sonhos profeticos do seculo passado e que são, agora, realidades que provam o valor e a força do genio humano.

Parecia perdido no gelo, dado como provavel o seu sinistro no mysterio branco daquellas paragens inaccessiveis. Mas veiu a grata noticia de que o *Nautilus* não sossobrou. Ainda bem. Só assim teremos no navio symbolico mais um meio de mantermos a illusão da conquista polar...

Sello russo commemorativo da viagem do *Zeppelin* á Russia.

Graphico da viagem do *Nautilus* ao Polo Norte.

Balbo

Balbo, o *az* glorioso da Italia renovada, sob cujo commando cruzam o espaço as asas magnificas da grande nação berço da civilização latina, é um nome admirado e querido no Brasil, que, ha mezes, o acclamou, quando trouxe ao céu da Guanabara a soberba esquadrilha de hydro-aviões, hoje incorporados á frota aérea de nossa Marinha de Guerra.

O intrepido chefe da aviação italiana acaba de ter um gesto que, ainda mais uma vez, sensibiliza o nosso povo, offerecendo um soberbo Savoia-Marchetti ao nosso aviador Ribeiro de Barros, para a realização do seu *raid* Brasil-Italia.

Balbo, com essa prova tão captivante de apreço ao Brasil, symboliza a nobreza de sua raça e concretiza toda a alma generosa da Italia, que freme nas asas de seus novos heróes, num surto de novas epopéas.

Gandhi

O grande chefe indú, que symbolisa a resistencia de sua patria á dominação ingleza, está em Londres, aonde voltou desta vez disposto a reclamar a independencia de sua Patria.

Figura que culmina no scenario do mundo, o famoso *leader* nacionalista da India encarna, no momento, a maior força espiritual do Oriente.

Mahatma Gandhi, que vae tomar parte na Conferencia da Mesa Redonda, convocada pela segunda vez pelo governo trabalhista, é uma voz que se faz ouvir em todo o mundo porque tem o poder formidavel de concentrar todas as ansias de um povo, de onde surgiu o sol do espirito humano.

Mahatma Gandhi.

Alessandri

O Chile tem vivido agora as horas mais dramaticas de sua vida politica. A queda de Ibanez originou a crise, abrindo a vaga da presidencia da Republica.

Arturo Alessandri, que fôra exilado pelo dictador ora refugiado na Argentina, regressou á patria, depois de longa e penosa ausencia. Foi recebido entre flores e palmas como um triumphador. Grandes correntes partidarias offerecem-lhe o seu apoio e fazem-no candidato, insistindo pela sua escolha.

General Balbo.

Mas o grande chileno, que já conheceu a gloria e o martyrio do Poder, não acceitou a indicação de seu nome. E' um gesto de renuncia, que tem algo de desprendimento civico, e muito de desencanto philosophico...

'O estadista, que já governou com elevação e liberalismo a grande nação do Pacifico, não mais deseja a Presidencia, posto que dignificou e que tornaria a enaltecer. E' possivel que ainda as circumstancias o demovam dessa nobre recusa e elle volte a ser o dirigente de seu povo admiravel, porquanto a politica tem exigencias imperiosas.

Oxalá que tal aconteça e que o seu nome concilie todos os partidos em luta. Ninguem melhor que a sua sympathica individualidade, para essa obra de pacificação nacional, sendo, como é, um dos vultos de maior relevo no Continente.

Alessandri.

Chico Boia

O celebre comico do cinema, que fazia a delicia do publico, com a sua presença adiposa, a lembrar um balão... de gaz hilariante, reappareceu na pellicula depois de um longo silencio causado por uma aventura escabrosa.

Não terá, por certo, o mesmo successo, porque já não offerece o interesse de outróra, quando vencia pelo riso que provocava. Mas, como não diminuiu de peso, qual nol-o prova a gravura de seu actual retrato, a sua figura avultará, pelo menos, como uma prova do excesso de seu maior peccado — a gula.

Quem é gordo sempre apparece...

Chico Boia.

Um pintor de Amores

No Museu Nacional de Bellas Artes

Nem todos os seculos de arte comprehenderam o symbolo admiravel dos gregos — *Eros* — nem sentiram as riquezas dadivosas de sua representação figurativa.

Só, realmente, depois de Praxiteles, esculptor grego do IV seculo antes de Christo, e pelo seculo seguinte, é que o *Amor* se definiu melhor, plasticamente, passando a ser um formoso adolescente, de formosas asas irisantes, de vida individual.

Com essa época decadente — e que os archeologos chamam de *hellenistica* (fim do mundo grego), quando Athenas deixa de ser o grande centro de vida para ser cidade museu — muito se parece o seculo XVII, á formação da *escola de Bolonha*, com os Carracci, no movimento dito barôco.

Naturalmente que a palavra *decadencia* só tem cabimento porque nos transportamos á Italia — fecunda e gloriosa — quatrocentista e quinhentista. Mas da congregação do eclectismo bolonhês com o realismo napolitano—Carracci e Cravaggio—deveria sahir esse surto de uma poesia plastica incomparavel na graça envolvente, na linguagem espiritual e jovem, tanto quanto brejeira.

Desses pintores, ainda não esquecendo Guido Reni, foi talvez *Albane* (Francesco d'Albane) o mais sensual e decorativo. Musico da linha, elle tecia arabescos admiraveis com os grupos plasticos onde as fórmas se agitavam docemente numa atmosphera colorida e quente, cheia de finas suggestões. A vida para Albane era um idyllio que se abria e fechava entre dois sonhos, num campo de flores. Alguma coisa de Anacreonte e Theocrito — o libertino e o bucolico — corria em pequeninos arrepíos sobre a brilhante pintura de Albane.

Liga assim o pintor a guirlanda de volupia optica que vae de Corregio a Prudhon, enlaçando alguns mestres faceiros do seculo XVIII francês com suas festas galantes.

Vendo as pequenas scenas mythologicas que Albane pintou, umas redondas outras rectangulares, somos levados a rememorar algumas das minusculas composições da Anthologia Grega, particularmente assignadas por Rufino: *Forja de Vulcano*, *Toilette de Venus*, *Partida de Adonis*, *Triumpho de Galateia*...

Em todas estas composições — Albane prima pela liberdade interpretativa e pelo largo senso explicito da decoração.

A Escola Nacional de Bellas Artes possue cinco quadros do discipulo de Agostinho Carracci, sendo quatro em tela e um em madeira.

Na maioria das composições de Albane ha sempre um crescendo que caracterisa o estylo barôco: elle fixa o thema, pelo assumpto, no cyclo de Eros e Aphrodite.

Venus e Amores (0,69×1,14), que reproduzimos, é uma de suas melhores paginas do nosso Museu Nacional de Bellas Artes.

Numa paisagem ideal, que encantará Poussin, a deusa está recostada. Uma verdadeira ninhada de Amores se exercita, numa alegre actividade. A' direita, tres se aprestam para a lucta, apontando buliçosos as settas que os carcazes, por terra, esperam. Dois mais afoitos estão junto de Venus. Este ouve traquinas, enquanto aquelle, mais perto, escuta attento o recado. Mais no fundo, dois outros lançam flechas, no exercicio preliminar.

A composição é larga, feita num grande balanço que corre baixo, que permitte, subindo e descendo nos extremos da corda, que se veja, pelo seu seio, a successiva e magnifica planimetria, que se arremata num céu claro, nesga de luz em que o poema pictural se desdobra na perspectiva aérea. E cria, de tal sorte, constantemente, encanto musical para os olhos que a delicadeza vaporosa das côres ainda amplia e rejuvenesce.

Alem disso, a paisagem romana se ameiga e augmenta o tom aprazivel dessa série bucolica de odes anacreonticas.

Para resumir — convidando os leitores á visita das telas de Albane, na Pinacotheca da Escola Nacional de Bellas Artes — bastará dizer que o autor de *Venus e Adonis* é bem representativo do espirito plastico do seculo XVII.

A graça, a elegancia airosa, como a imaginação festiva do sentimento, o empolgam. Ama a vida no que ella tem de simples, amavel, garrido, delicioso e quasi ingenuo...

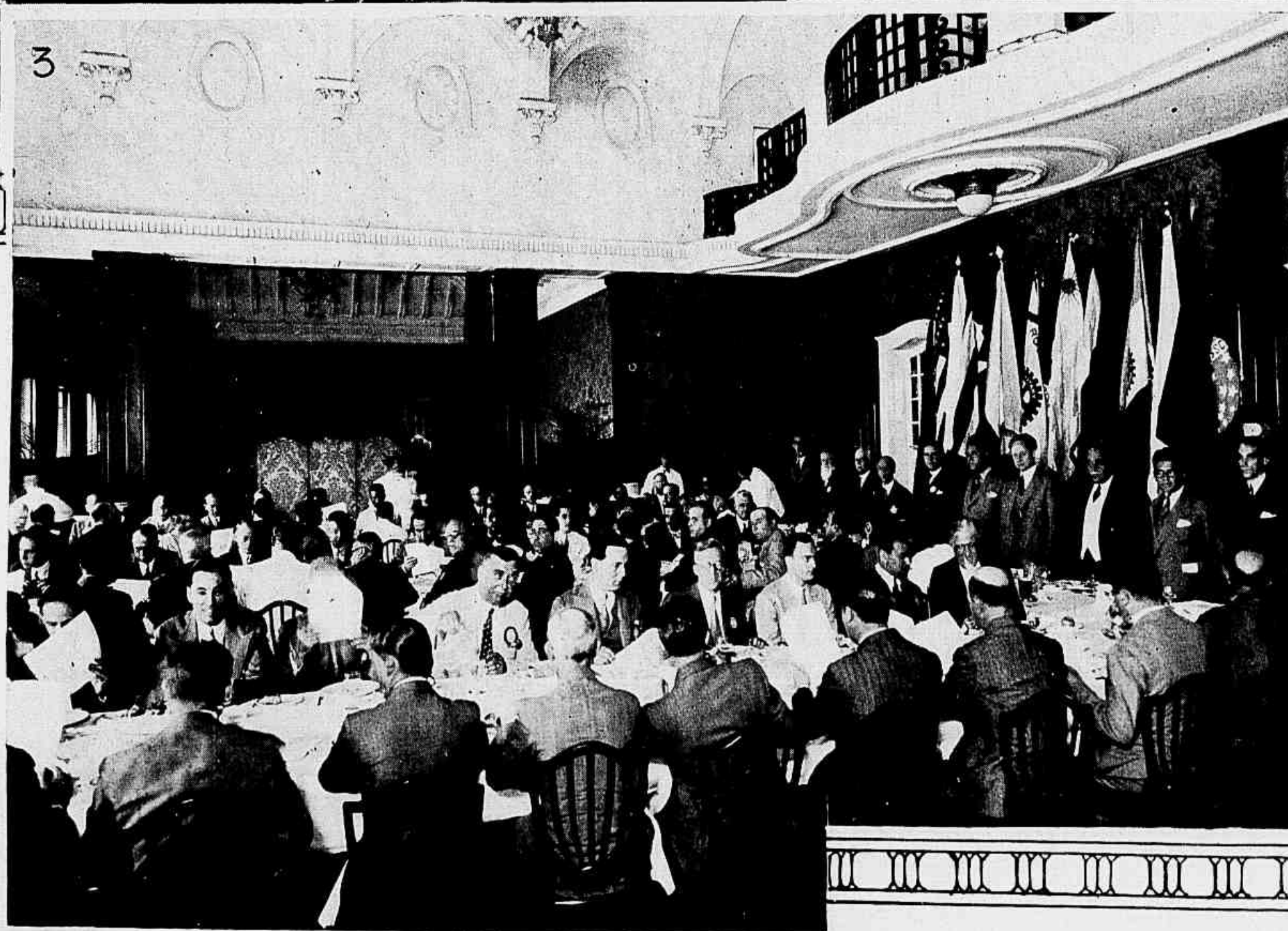
Todas as suas composições traduzem o espirito decorativo que animava o seu genio: são amores, guirlandas, flores, rondas campesinas. Discipulo de Annibale Carracci, elle tomou á famosa Academia de Bolonha só o que se comprazia com o seu temperamento leve e gracioso, de homem feliz para quem a vida foi um sorriso colorido. A não ser as quesilias com Guido Reni, cuja imaginação variada e imprevista o inquietava, e o pezar que lhe causava, nos ultimos tempos, o desencanto do mestre querido Agostinho Carracci, que só á luz de sua dedicação se alegrava, — tudo sorria para Albane: fortuna e genio, paixão pelo trabalho, gloria facil e invejavel, filhos rubicundos e bellos.

Com a predominancia do elemento pastoral — foi elle um dos precursores do seculo XVIII francês.

Francesco d'Albane nasceu em Bolonha, pelo mez de Março de 1578. Casou-se duas vezes: em Roma com Anna Rusconi, e, por fim, já de volta á Bolonha, com Doralice Fioravanti. De ambas as nupcias teve dez filhos que foram modelos faceis e previdentes de suas costumeiras farandulas de *Amores* que se entretinham em jogos facetos nos campos das composições do mestre. Falleceu na cidade natal, aos 82 annos, a 4 de Outubro de 1660.

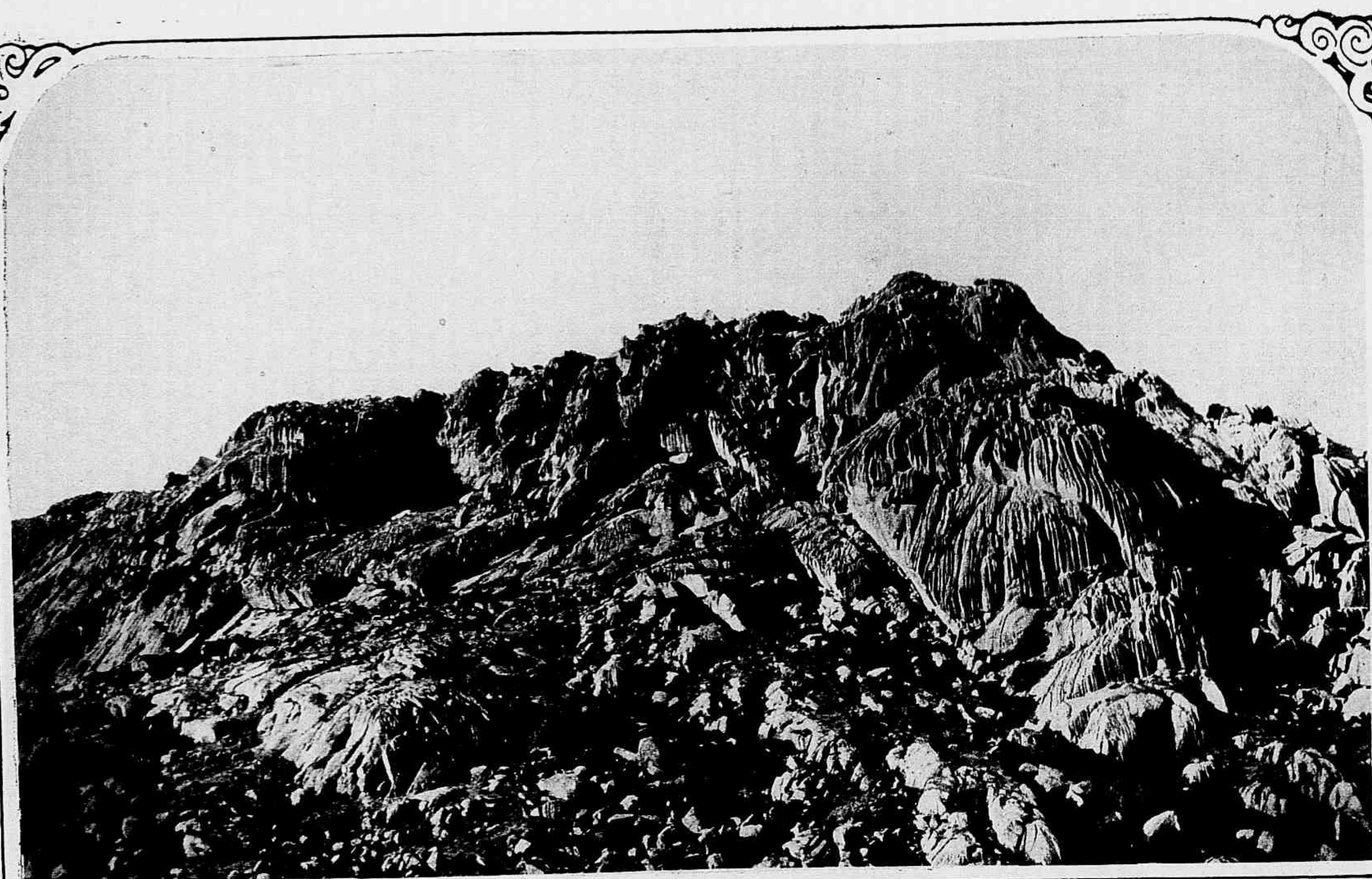
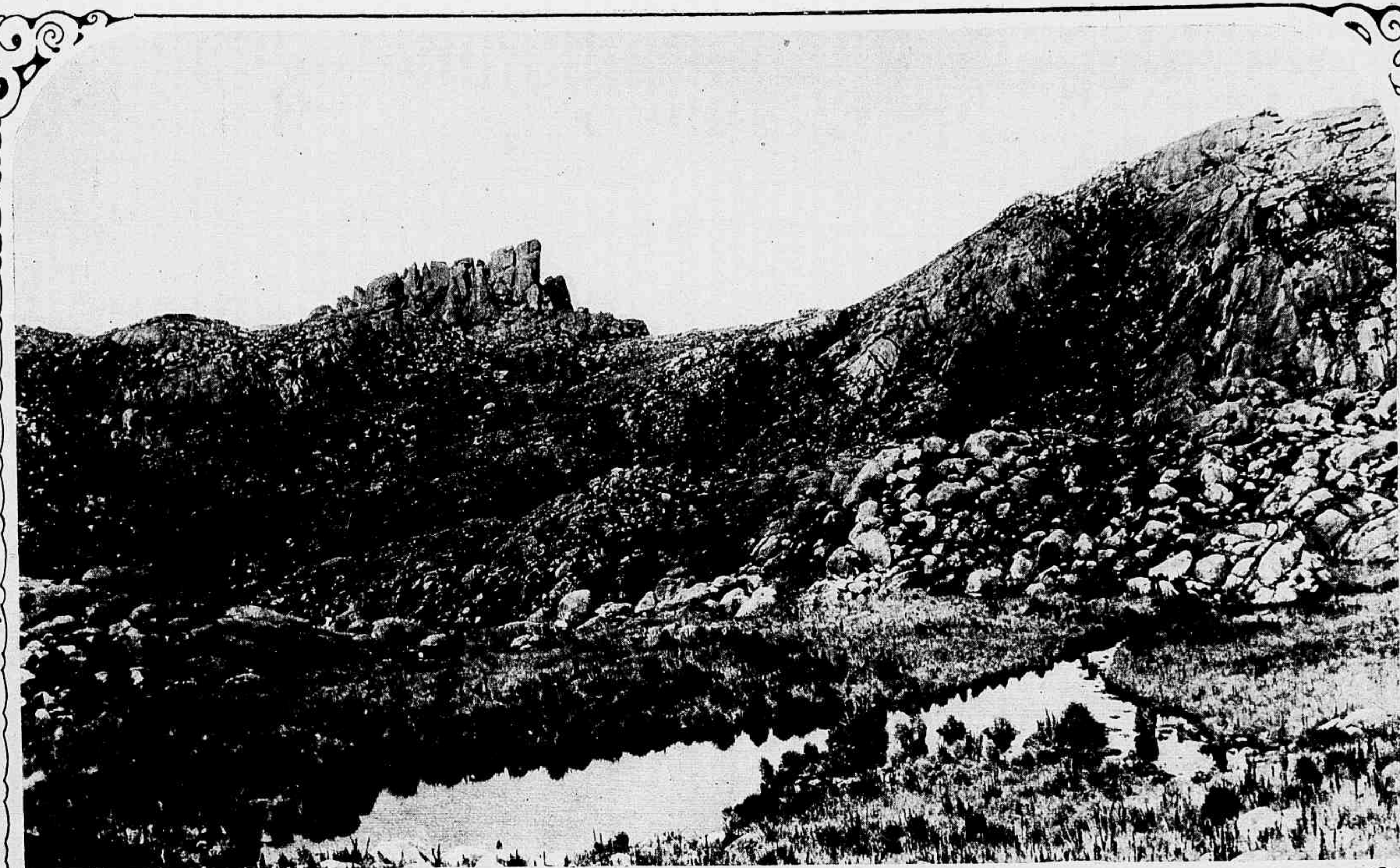
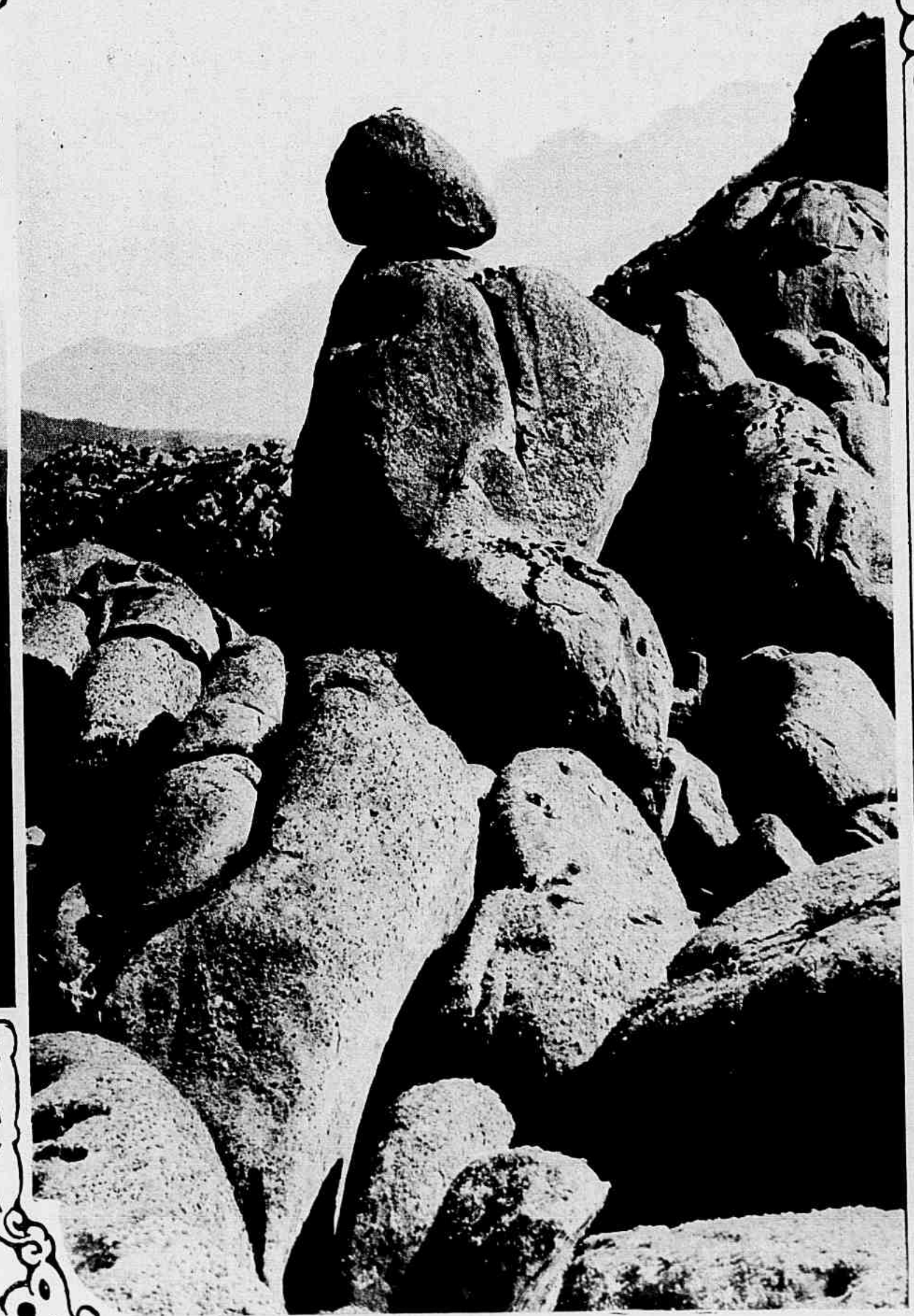
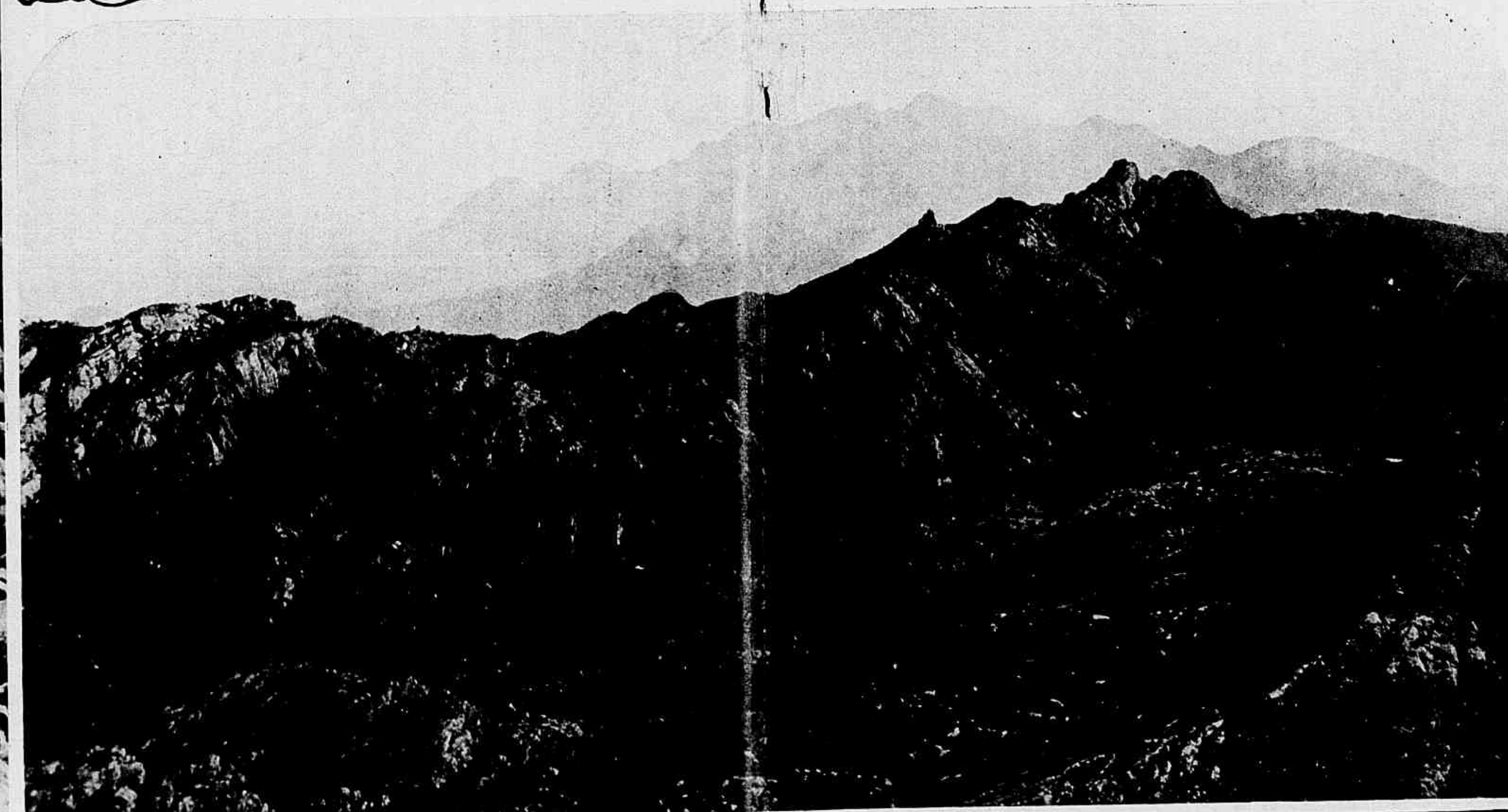
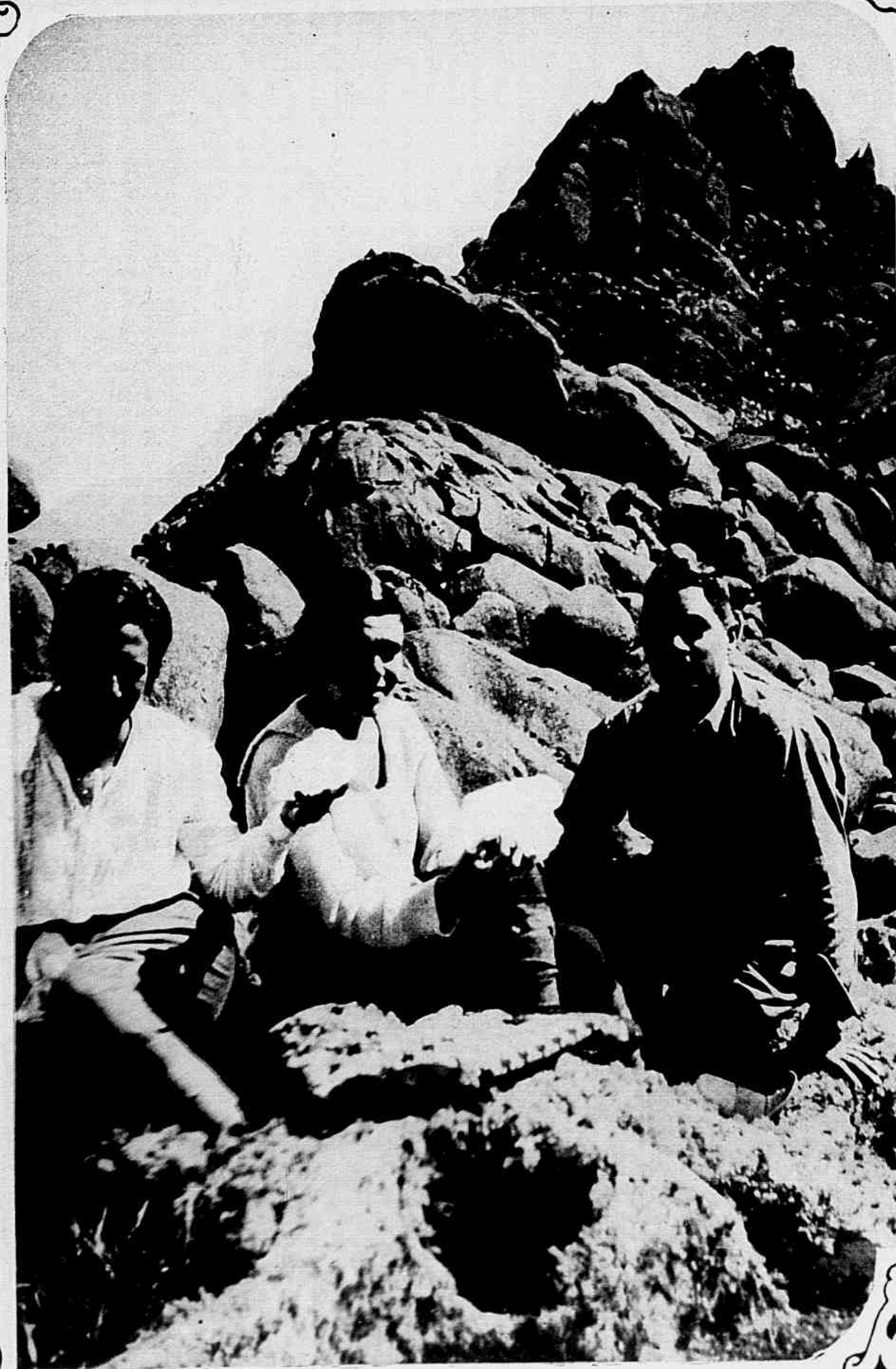
Foi um pintor galante, poeta enamorado, cujas scenas pagans, idyllios de ar livre, ainda hoje animam de festas encantadoras os olhos dos homens.

Flexa Ribeiro

O DIA DA Imprensa

A data de 10 de Setembro, que assignala o apparecimento em 1808 da *Gazeta do Rio de Janeiro,* foi este anno commemorada com invulgar solennidade, e num ambiente de franca e effusiva cordialidade de toda a classe jornalistica.

Vemos: 1 — Aspecto da sessão solenne da Associação Brasileira de Imprensa, vendo-se na mesa: ao centro, o dr. Herbert Moses, que tem á sua direita o representante do Interventor Federal, e o sr. Carlos Manhães, que leu as palavras de Bezerra de Freitas, allusivas á fecundidade jornalistica de Mario Rodrigues; á esquerda, o sr. Victorino de Oliveira, que traçou o perfil de Oliveira Gomes, e o sr. Horacio Cartier, que fez o de Eurycles de Mattos. 2 — O dr. Herbert Moses, ao pronunciar, no almoço do Rotary Club, seu discurso de agradecimento, em nome da Imprensa, das homenagens prestadas pelo Rotary. O presidente da Associação Brasileira de Imprensa tem á sua esquerda o dr. Rodrigo Octavio Filho, presidente do Rotary Club, e dr. Heitor Beltrão, representante do "Jornal do Commercio", decano da Imprensa, e á direita o jornalista americano Walter William, presidente honorario do Congresso Mundial da Imprensa e da Universidade de Missouri; dr. Arrojado Lisbôa, director do Rotary Internacional, e Porto da Silveira, representante do "Jornal do Brasil". 3 — Aspecto geral da reunião do Rotary em homenagem á Imprensa e na qual se fizeram representar os jornaes desta capital. 4 — Grupo de pessoas presentes á sessão da A. B. I., em memoria dos jornalistas mortos e seu fundador Gustavo de Lacerda, cujo retrato se vê na mesa da gravura 1. Nota-se ao centro o dr. Herbert Moses, que tem á sua direita o representante do Interventor Federal e á esquerda os srs. Alfredo Neves, Edmir Pederneiras, padre Assis Memoria e o nosso companheiro Raul.

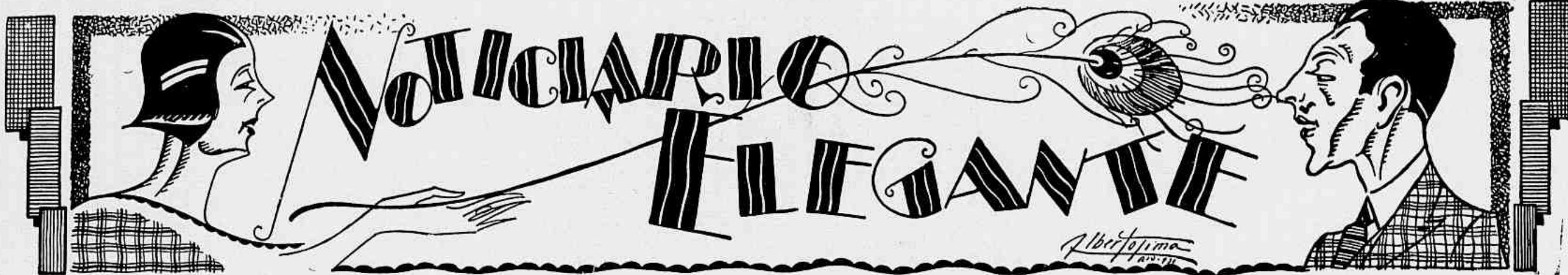
A FESTA GAUCHA EM BENEFICIO DA CASA DE S. JOSÉ

Revestiu-se das proporções de um grande acontecimento social, em que a curiosa originalidade da festa nada ficou a dever á fina elegancia da assistencia, a brilhante festividade realizada no Salão de Festas da Feira de Amostras, em beneficio da Casa de S. José, patrocinada pelas senhoras Oswaldo Aranha, Assis Brasil, Mario Ribeiro e Mario Kroef e sob a égide da senhora Getulio Vargas. 1 — Vemos um aspecto do Salão de Festas, no momento em que era dançado o *pericon*, por senhorinhas e rapazes da nossa sociedade. Pela primeira vez a dança gaúcha foi dançada em salões cariocas. 2 — Grupo de gentis senhorinhas que serviram o chá. 3 — O dr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, que emprestou á festa o prestigio da sua presença. Nota-se o chefe da Nação, que tem á sua direita a senhora Getulio Vargas, embaixador Alfonso Reyes e, no segundo plano, o ministro da Polonia. 4 — Senhorinhas e rapazes que dançaram o *pericon*.

UM PANORAMA INEDITO DAS AGULHAS NEGRAS

A grande serra da Mantiqueira, cujo dorso alcantilado se desdobra nas fronteiras de Minas e Rio de Janeiro, recebe o nome de Itatiaya quando attinge a sua altura culminante, nos picos que se denominam as Agulhas Negras, como se estas, por suggestão da alcunha expressiva, cosessem a gaze tenue da neblina com a linha subtil do horizonte...

O Itatiayussú, seu ponto mais elevado, era considerado, até pouco tempo, como o telhado do Brasil, sendo porém o Pico da Bandeira, no Espirito Santo, o ponto culminante do paiz.

Damos aqui um panorama inédito das Agulhas Negras, que ostentam, na vertigem do panorama, a belleza aspera das pedras millenarias, varridas pela furia dos ventos e das tempestades, perturbando o sonho profundo de seu passado geologico. E diante desse scenario amplo, toucado pela caricia das nuvens e do ar saturado, acodem-nos as palavras de Luis Carlos sobre o effeito visual que as montanhas apresentam ao olhar de quem as contempla: "A serra é uma fronteira apparente do mundo; o sobrecenho severo da Terra. Guarda, através dos seculos, a expressão da escalada titanica. Tem a majestade soturna do irrevogavel. Impõe o apartamento, macissamente muda, como si fosse a concreção do silencio absoluto".

As Agulhas Negras recortam, assim, no seu relevo orographico, um poema da altura, gravado na pedra, mais perto do céu que do nosso solo estupendo, como se fosse a paisagem de nossos sonhos...

(Do archivo photographico do *Centro Excursionista Brasileiro*)

Anniversarios

senhoras Julio de Oliveira Martins, Marieta de Vasconcellos Damaso e Besanzoni Lage; as senhorinhas Carlota Sotto-Maia e Cacyole Medeiros da Cunha; o sr. Adalberto Stampa; o dr. Adolpho Castro Barreto; o dr. Abelardo Cavalcanti Mello.

a senhora Antonio Olyntho; o dr. Francisco Candido da Gama Junior; o commendador Grassia Sereno; a galante Marina Cesario Pereira; a senhorinha Enaura Goulart de Andrade, graciosa filha do dr. Joaquim Goulart de Andrade; o nosso illustre confrade Eustachio Alves.

as sras. Maria Gil Machado e Olga Silveira de Azevedo; os drs. Alvaro de Castro Neves e Mario Vaz de Mello Filho; a graciosa Meres Del Vecchio; o coronel Alceste Craz; o jornalista Wladimir Bernardes.

a sra. Alzira Barreto Gusmão; o ex-senador José Augusto, ex-governador do Rio Grande do Norte; o commandante Heraclito de Souza; o almirante Henrique Saddock de Sá; o professor Eduardo Rabello; o sr. Fausto de Carvalho e Silva; o major Domingos José Meirelles; o dr. Alcides Bahia; a senhorinha Risoleta Bandeira; o coronel Ignacio Antunes.

a sra. Annita Raja Gabaglia; as senhorinhas Gilda de Abreu, Judith Rangel de Mello, Deolinda Alencastro de Souza, Laura Hasslocher, Margarida Eduardo Sabcia, Menna Barreto de Mello, Carmen da Cunha Pereira; a poetisa Esther Ferreira Vianna; o ex-deputado Alvaro de Carvalho; o dr. Alcebiades Peçanha, illustre embaixador do Brasil em Roma; os drs. Dionysio Cerqueira e Amadeu Marinho; o dr. Moreira de Barros.

a brilhante escriptora d. Julia Lopes de Almeida; senhoras Cesario de Mello, Nicanor do Nascimento, Olivia Cabral Peixoto e Dolores de Souza Bandeira; senhorinhas Odette e Mercedes Teixeira, Alice e Eglantina Carlos Reis; os drs. Thomaz Delfino, Amadeu Fialho, Carlos Porto Carrero; o sr. João Mello, nosso collega de imprensa; o dr. Geremario Dantas.

sras. viuva Coelho Barbosa e Olivia Herdy Alves; senhorinhas Helena Mello, Henriqueta Carneiro de Mendonça e Iza Madruga; o desembargador Luiz Guedes de Moraes Sarmento; o major Octavio Tavares da Costa; o dr. Affonso de Camargo; o sr. Mario Navarro da Costa.

Noivados

— a senhorinha Iolanda Soli e o engenheiro Carlos Schmitz de Campos;

— a senhorinha Dolores Alonso e o sr. Dirceu Caldas;

— a senhorinha Helena Savão Pessôa e o dr. Archimedes de Lima Camara;

— a senhorinha Maria José Carneiro e o sr. Frederico Garcez.

Casamentos

— a senhorinha Maria de Lourdes M. Feitosa e o 1.º tenente do Exercito Cyro Paes Leme;

— a senhorinha Nylza de Mattos Souza e o sr. Fernando D. de Carvalho Leite;

— a senhorinha Dalva d'Avila Aguinaga e o 1.º tenente da Armada Donald de A. Lowndes;

— a senhorinha Odette de Montenegro Serra e o engenheiro Bruno Albertoni;

— a senhorinha Abigail de Barros Pereira Lago e o sr. Rubens C. de Souza Junior;

— a senhorinha Lygia de Albuquerque e o sr. Altamiro Werneck Alexandrino;

— a senhorinha Hilda Leal de Abreu Lima e o dr. Luiz Lyra;

— a senhorinha Maria Leonor de Castro Albuquerque e o engenheiro Frederico de Saboia e Silva;

— a senhorinha Judith da Silva Graça e o sr. Ernani Deschamps Cavalcanti.

Diplomatas

Foi uma nota de fina elegancia o jantar que o ministro da Polonia, sr. Thadée Grabowski, offereceu em honra do ministro da Justiça e senhora Oswaldo Aranha, e altos representantes do Corpo Diplomatico nacional e estrangeiro.

Senhorinha Iolanda Pereira, da sociedade carioca.

Estiveram presentes a essa distincta e formosa reunião o casal Oswaldo Aranha, ministro da Suecia e senhora Johan Paues, ministro da Noruega e senhora Johan Wilhelm Michelet, ministro da Dinamarca e senhora Fr. Ch. Boecer, encarregado de Negocios da Lithuania e senhora Dankantas, encarregado de Negocios da Finlandia e senhora Sohlman, professor Fernand Baldensperger, dr. Cesar Pereira de Souza, sr. Erik Frambell, secretario da Embaixada dos Estados Unidos, dr. Czarnota Bojarski, secretario da Legação da Polonia, e muitas outras illustres figuras da sociedade.

❊

Pelo *Andalucia Star*, seguiu acompanhado de sua familia, para Buenos Aires, o sr. Stanley Gordon Irving, que desde 1928 vinha brilhantemente occupando o cargo de addido commercial á embaixada britannica no Brasil.

O illustre diplomata vae servir junto á Embaixada Britannica em Buenos Aires para onde foi recentemente promovido.

Musica

Realizou-se sabbado, como vinha sendo annunciado, o recital de Renato Murce, o applaudido interprete do nosso *folk-lore*.

Ouviu-se um programma original e attrahente no qual tomaram parte a senhorinha Neuza Moura Ferreira e os srs. Noel Rosa, Dario Murce, Henrique Britto Rubem, Bergmann, Carlos Lentine e João Nogueira, tendo sido todos muito applaudidos.

❊

Foi das mais encantadoras a audição de alumnas de canto da professora Mercedes Malaguti de Souza Lemos, domingo passado, em sua residencia á rua Paysandú.

A acatada professora apresentou um grupo de alumnas das mais distinctas e um programma muito suggestivo, constituido sómente de autores brasileiros e que foi denominado "Noite de Nacionaes".

Recital de dansas classicas

O João Caetano esteve regorgitante na tarde de sabbado, com o lindo recital da sra. Klara Korte.

Os meritos da artista e as sympathias de que se vê cercada pelos que apreciam a dansa fizeram com que o seu recital alcançasse o mais formoso exito.

Declamação

Como era de se imaginar, transcorreu do modo mais brilhante o recital da gentil senhorinha Luiza Barreto Leite, sexta-feira ultima, no salão do "Studio Nicolas".

O programma com que se apresentou a joven *diseuse* foi dos mais selectos, e de singular graça e elegancia a sua interpretação. A senhorinha Luiza Barreto Leite foi justamente applaudida por uma assistencia fidalga e culta.

Bailes

Sob o patrocinio da sra. Anna Amelia Carneiro de Mendonça e dos chronistas mundanos do Rio, realizar-se-á, encerrando as lindas festas em beneficio da "Casa do Estudante" o formoso *Réveillon da Primavera*.

Essa adoravel festa terá como local os magnificos salões do Hotel Gloria.

❊

Com os requintes de elegancia e fidalguia com que se realizou o grande baile do seculo XVIII em Veneza, nos ricos e confortaveis salões da Embaixada italiana, e que tão grande impressão deixou no espirito de quantos assistiram, repetir-se-á hoje, no Salão do Automovel Club, a bella Noite Veneziana, em favôr do Patronato Operario da Gavea.

Fazem parte da commissão organizadora do notavel baile nomes como o da embaixatriz Cerruti; as senhoras Lindolfo Collor, José Carlos de Figueiredo, Linneu de Paula Machado, Raul Leitão da Cunha, Carlos Guinle, Nelson Baptista, Alberto Betim Paes Leme, Octavio Ayres, Affonso Bandeira de Mello, João Pedro Carvalho Vieira, Gervasio Seabra, Octavio Guinle, Henrique Brito e Cunha, Alberto de Faria Filho, Amoroso Hermanny, Otto de Faria, Armando Chaves, Luiz Barbosa Bahiana, Virgilio de Mello Franco, Paul Dana, José Thomaz Nabuco, Jayme Chermont e senhorinha Laura Barros Moreira.

❊

O Automovel Club festeja amanhã sua data anniversaria, com um grande e symptuoso baile.

Chás de Caridade

Para amanhã, está aprazada uma bella tarde de chá em beneficio da construcção do presbyterio e escola parochial de Anchieta.

O chá terá como local os salões do Atlantico Club e será servido por um grupo gentil de senhorinhas da nossa alta sociedade.

São estes os illustres nomes que fazem parte da commissão organisadora: senhoras Lauro Carvalho, Gastão Sharp, Hortensia Pontes Martins, Regina San Juan, Eugenia Figueira de Mello, general Samuel de Oliveira, dr. Armando Aguinaga, Regina Machado, Zuleika Calvet e senhorinhas Carolina Cardoso Fonte, Adelaide Machado, Anna Martins, Aurea Martins, Zilda de Sá Forte, Noemia Fiuza, Ruth Fiuza, Catharina Cardoso Fonte, Guiomar de Sá Fonte, dr. Jorge de Gouveia e Pedro Paranaguá.

❊

A mais bella festa da semana que findou foi sem duvida alguma a inauguração dos chás na Feira de Amostras, em beneficio do Externato S. José. O primeiro dia foi o dia do Rio Grande do Sul, que que teve a patrocinal-o as senhoras Getulio Vargas, Oswaldo Aranha e Lindolfo Collor.

O salão de chá esteve resplandecente de belleza. Os mais formosos typos da nossa sociedade ali se fizeram presentes. Um programma muito interessante foi executado, tendo no entanto sido a nota de maior sensação o "Pericon" — a dansa typica do Prata, hoje muito usada no Rio Grande do Sul. Dansaram o "Pericon" as senhorinhas Getelio Vargas, Thompson Flores e Oswaldo Aranha, que foram vivamente applaudidas.

Os lindos chás serão encerrados brilhantemente hoje.

M. de D.

Um artista brasileiro que encanta as multidões

HUMBERTO Cozzo é o esculptor do dia. As elites o admiram, a opinião applaude-o. A cidade festeja-o. O publico do seu paiz o conhece. Com pouco mais de trinta annos, Humberto Cozzo tem a consagração de trabalhos na praça publica, em varios Estados do Brasil. Meia duzia de cidades. Algumas capitaes. O Rio tem o Machado de Assis; Fortaleza o monumento a José de Alencar; Campina Grande a estatua de João Pessôa; Recife a herma de Rosa e Silva. Outros espalhados por S. Paulo, Rio Grande, Bahia.

E' um victorioso. Na edade em que muitos começam Humberto Cozzo realizou uma obra, integrou um nome, cinzelou sua propria personalidade. Mas não se pense que nesse circulo de actividade o esculptor deu o melhor de sua alma ao monumento de encommenda publica. Quando trabalha para a platéa o artista tem que transigir. A sua sensibilidade soffre traumatismos violentos. A's vezes desapparece.

Os imperativos vencem.

Differente é, entretanto, a situação quando o artista trabalha para o artista.

Seu talento, no trabalho silencioso do atelier, dá o melhor que pode dar. Desdobra-se em pequenas figuras, em construcções plasticas de belleza. A linha do corpo humano não lhe esconde seus mysterios. Todo o seu encanto suave Humberto Cozzo recolhe para com elle vestir as figuras do seu cinzel. Suas estatuas da intimidade têm vida, movimento, sensibilidade. Seus grupos plasticos são forças conjugadoras de attracção. Perfeitamente rhytmados na cadencia de emoção universal.

Pergunta-se: será que o artista, quando trabalha para o grande publico, tem menos responsabilidade do que quando modela directamente para satisfazer a sua sensibilidade, suas inclinações espirituaes?

Realmente a resposta, apparentemente, deve ser dada pela negativa. Na verdade, porém, não o é. O artista, somente quando modela isento de influencia extranha, é capaz de dar ao seu trabalho o maior, o mais sagrado da sua expressão. Fóra desta ambientação a arte é uma sensibilidade mutilada. Sem expressão individual, sem o caracter do artista que a executou.

Humberto Cozzo não estabelece excepção. Não foi o homem presdestinado para alterar o rumo das cousas. Confinou a sua actividade nos mesmos caminhos perquiridos por outros. E muita vez transigiu. E transigirá.

Elle e os outros.

Vinga-se, porém; vinga-se com uma violencia de illuminado.

Vinga-se nas estatuas que esculpe por querer esculpir.

Então, sáe-lhe o barro das mãos com a centelha da vida.

As figuras se movimentam.

As figuras dançam em nossa imaginação.

As figuras vibram. Falam. Jogam com os nossos valores sensoriaes.

Cada boneco tem sua alma.

O Christo desta pagina lembra as creações seraphicas da Edade Média, recordadas mais tarde nos perfis de Fra Angelico.

A figura de mulher foi tratada com solidez, á maneira de Bourdelle, guardando o artista seu caracter, sua maneira de sentir.

O grupo do Beijo é plastico e emotivo, trabalhado com largueza. Modelado.

A cabeça de mulher é um estudo de expressão, cheio das cousas interiores que os impressionistas descobrem nos marmores bellos.

Será a figura do Pezar. A figura da Bondade. A figura da Dôr.

O critico importante diria: é a Vida.

Eu affirmo que é uma obra de arte.

ANGYONE COSTA

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A reforma eleitoral

Depois de uma longa e ansiosa espera foi, finalmente, publicada a primeira parte da nova lei eleitoral. A reforma Assis Brasil institue o Registro Civico Nacional, providenciando sobre o alistamento dos cidadãos com direito de voto. A outra parte tratará da representação e do mecanismo da eleição, formando ambas depois o systema pelo qual se espera seja convertido em realidade o sonho da nossa democracia.

Foi bôa a impressão produzida por esse trabalho, que, sendo demorado, veiu justificar o dizer-se que a pressa é inimiga da perfeição.

A' justiça do paiz ficará entregue, pelo projecto ora apresentado, a missão primordial de tornar effectiva a soberania do povo pelo exercicio desse direito salutar, elemento basico dos regimens representativos.

A nova lei consagra as aspirações justissimas do feminismo brasileiro, sob certas restricções.

São admittidas a inscrever-se eleitoras, desde que preencham as demais condições legaes: a) a mulher solteira *sui juris*, que tenha economia propria e viva de seu trabalho honesto, ou do que lhe rendam bens, empregos ou qualquer outra fonte, de renda licita; b) a viuva em iguaes condições; c) a mulher casada, que exerça effectivamente o commercio ou seja chefe ou gerente de estabelecimento industrial ou firma commercial, e bem assim a que exerça effectivamente qualquer licita profissão, com escriptorio, consultorio ou estabelecimento proprio ou em que tenha funcção devidamente autorizada, ou que se presuma autorizada pelo marido, na fórma da lei civil; d) as operarias ou empregadas em estabelecimento fabril ou commercial, casadas ou não, contanto que tenham economia propria.

Ficam excluidos do direito de votar: 1.º — Os mendigos e vagabundos; 2.º — Os que exerçam quaesquer industrias ou praticas evidentemente immoraes; 3.º — Os analphabetos; 4.º — As praças de pret, exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior, mas comprehendidas as praças do Exercito e da Marinha nacionaes, as das policias militares, dos corpos de bombeiros, guardas civis e aduaneiros, marinheiros e remadores das Capitanias de Portos e quaesquer outras corporações sujeitas á disciplina militar; 5.º — Os religiosos de ordens monasticas, companhias, congregações ou communidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediencia, regra ou estatuto, que importe a renuncia da liberdade individual; 6.º — A mulher solteira, que viva sob o tecto paterno, sem economia propria; 7.º — A viuva nas mesmas condições; 8.º — Os menores com supplemento de idade, embora *sui-juris*.

A victoria feminina não foi completa. O seu direito foi apenas parcialmente reconhecido, ficando excluida a dona de casa, a deusa dos nossos lares; justamente as que, sendo o genio domestico, numen da familia, base e encanto da vida, cellula da sociedade e nucleo inicial da Patria, eram as que mais direito teriam de votar e ser votadas, porque são o symbolo da politica mais bella e pura.

Se as donas de casa chegassem a pesar nos destinos do paiz, occupando cargos de representação, teriamos, quando menos, o equilibrio dos orçamentos.

O "Grupo do Bodoque", assim chamada a interessante e original associação de jornalistas e homens de letras, que periodicamente se congraçam em ágapes da mais effusiva cordialidade, reuniu-se ultimamente para mais um acto de *anthropophagia*: "devorar" o seu *pagé*, o nosso prezado confrade de imprensa e illustre tribuno, dr. Raphael Pinheiro. No "Grupo do Bodoque" ninguem pode ser "pagé" por mais de um anno. A pittoresca ceremonia, que redundou numa festa esfusiante de graça e de espirito, teve ainda a prestigiar-lhe o valor a presença de illustres representantes das "tabas" estrangeiras: o embaixador Alfonso Reys, o jornalista americano W. Scoville e Dapuy de Lome, representante de "La Prensa". Alem da "immolação" do velho "pagé", aos gritos selvagens de *arué, aruá*, o "Grupo do Bodoque" deteve-se ainda em propostas de finalidade civica e jornalistica. E elegeu *pagé* e *piaga* para o anno de 1932 o sr. Annibal Bomfim e dr. Herbert Moses, illustre presidente da A. B. I.

Hora de Arte na Exposição Olga Mary e Raul Pedrosa, realizada no Salão dos Artistas Brasileiros.

Assignatura do accordo commercial com a Inglaterra, no Itamaraty. Sentados, o dr. Afranio de Mello Franco, ministro das Relações Exteriores, e o Embaixador inglez.

O corpo de motocyclistas da Policia Civil teve opportunidade de mostrar em publico, em interessante prova sportiva, as suas habilidades. Vemos, ao alto, o fiscal n. 123, Alfredo Corrêa Junior, vencedor da prova de saltos no trampolim.

Grupo tirado por occasião da inauguração e primeira irradiação do Radio Club Fluminense, vendo-se no grupo pessôas que tomaram parte, directores e convidados.

Pode-se ficar millionario assignando a "Revista da Semana"

Como é nossa antiga praxe, mais uma vez interessámos os nossos assignantes na *Grande Loteria do Natal, de Hespanha*.

Adquirimos em Madrid e depositámos no Banco Hispano-Americano dessa capital dois bilhetes inteiros. Cada bilhete inteiro é dividido por mil assignaturas, e a importancia que por sorte caubér nesse bilhete será distribuida integralmente pelos mil assignantes, como já temos feito, de harmonia com o plano annualmente publicado.

Alguns leitores já teem sido contemplados com pequenos premios. E ainda o anno passado foi premiado o bilhete da 2.ª Série n.º 21764, com DEZ MIL PEZETAS, ou sejam 10:000$000, que integralmente entregámos aos assignantes concorrentes á série contemplada.

A esse bilhete premiado coube a centena de um premio que fez millionario o seu possuidor.

¿ Quem sabe se este anno será premiado com um dos grandes premios alguma das séries, hoje abertas, de mil assignaturas cada uma e cujos numeros dos bilhetes são

Aspecto da ultima reunião da Associação Central Brasileira de Cirurgiões-Dentistas, quando o nosso prezado companheiro dr. Alexandrino Agra, presidente daquella prestigiosa aggremiação scientifica, solicitava de seus pares um voto de apoio e solidariedade á Commissão Organisadora do 4.º Congresso Odontologico Latino-Americano, a reunir-se em 1932 na cidade de Havana, voto este approvado em meio de grande enthusiasmo.

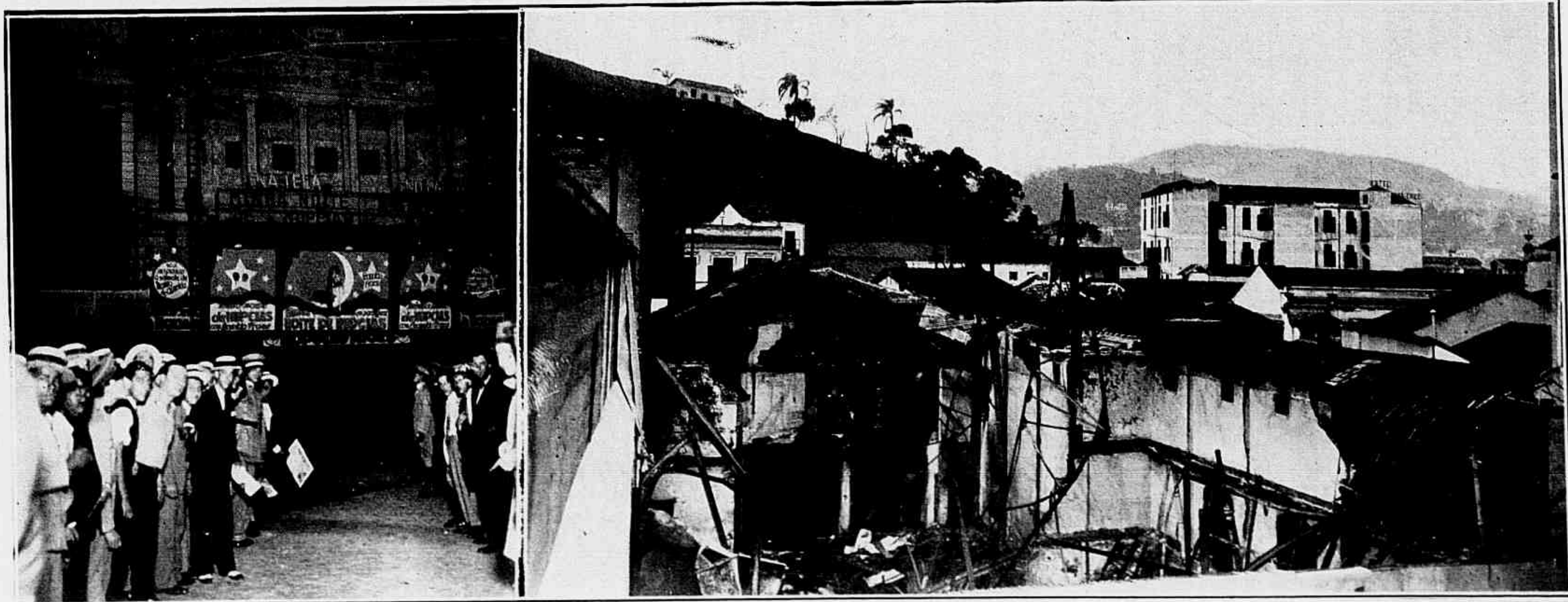
Homenagem prestada pela "União Universitaria Feminina" á senhorinha doutora Maria Luiza Bittencourt, que acaba de ser distinguida com o diploma de alumna laureada da turma de bachareis em direito deste anno.

D. Paulina Macedo

D. Paulina da Costa Macedo — que, com o pseudonymo de Lia de Santa Clara, honrou as paginas da REVISTA DA SEMANA — deixa na nossa sociedade a lembrança duma distincção e duma gentileza inexcediveis. Era a intelligencia e a bondade em pessôa. Tendo dirigido em tempo, um collegio, no qual se entregava á missão de ensinar e educar com a vocação mais sincera e os desvelos mais esmerados, para sempre lhe ficara alguma coisa de especialmente meigo e acolhedor, uma tendencia para o afago e o conselho, como um sentimento maternal que se distribuisse por toda a gente. E nos seus artigos litterarios era essa nota de doçura e generosidade que dominava. Tratando em geral de assumptos femininos, implicitamente se dirigia ás outras mulheres como a outras tantas discipulas muito amadas e familiares ao seu coração. O seu estylo tinha a singeleza graciosa do seu trato. Nada, na escriptora, a separava ou distinguia da mulher. A sua prosa era puramente a sua alma.

D. Paulina Macedo

Esposa do sr. João da Costa Macedo, que, absorvido durante o dia pela chefia de importante firma commercial, converteu o seu lar, abençoado pelo amor, tambem num refugio de intellectualidade e de arte, d. Paulina Macedo dava alli reuniões duma elegancia e dum gosto perfeitos. O salão do palacete da rua Candido Mendes, com o seu mobiliario de alto estylo, os seus quadros e tapeçarias preciosissimos, constituia assim o ambiente mais propicio ás conversações educadas, ás festas de poesia e de musica, de que a dona da casa era a animadora enthusiasta, a ditosa inspiradora. Toda a gente a adorava pela nobreza do seu espirito como pela generosidade dos seus sentimentos. E os pobres de Santa Thereza, pedintes ou envergonhados, choraram, no dia da sua morte, aquella grande dama que vinha á porta dar-lhes, com a esmola sempre liberal, palavras chars de conforto e de esperança...

O INCENDIO DO THEATRO SÃO JOSE'

O incendio do theatro São José foi a nota rubra da semana ultima. Na tarde de sabbado passado, em poucas horas ficou reduzida a escombros a tradicional casa de espectaculos de genero popular. As gravuras apresentam, á esquerda, a fachada do theatro, a qual foi poupada pelas chammas; á direita, vêem-se os destroços de seu interior.

LIVROS NOVOS

Heróes e Bandidos (2.ª edição) — Gustavo Barroso (João do Norte). — Livraria Francisco Alves. — Rio — 1931.

Ha muito tempo exgottado, resurge agora em 2.ª edição o livro do sr. Gustavo Barroso, que tanto successo fez quando foi do seu apparecimento.

Como *Terra de Sol*, *Heróes e Bandidos* fica em nossa literatura como um dos livros mais autorisados sobre a vida nordestina, mercê do descriptivo fiel e berrante das suas scenas de grandeza e miseria.

A actual 2.ª edição é prova cabal do exito do livro. Excusamo-nos, assim, de maiores minudencias, comprovado como

está pelo proprio publico o valor do excellente trabalho do sr. Gustavo Barroso.

Os Truques do Jogo — Ricardo Arruda. — Civilização Brasileira Editora. — Rio.

O sr. Ricardo Arruda acaba de lançar á publicidade um livro interessantissimo — "Os Truques do Jogo" — ao qual deu os seguintes sub-titulos explicativos: *A Arte de Roubar no Jogo, Como Ganhar no Jogo, Como Livrar-se dos Truques.*

Como se vê, o autor não cogitou unicamente de ensinar os segredos de furtar

no jogo, vulgarisando truques e passes illicitos... Foi alem, e com o seu livro quiz tambem dar um aviso aos jogadores incautos, cuja bôa fé é tão commumente explorada pelos profissionaes do baralho.

Esta intenção do autor redime-o inteiramente dos maleficios que, porventura, a propaganda da arte illicita do jogo viesse causar.

Truques do Jogo é um livro realmente interessantissimo e, como tal, já indispensavel, pelo menos nas mezas de... panno verde...

O Triangulo de Fogo — João Lyra Filho. — Rio — 1931.

O sr. João Lyra Filho, que já pagara o indefectivel tributo á literatura nacio-

nal com um livro de versos — *Voz das Vozes* — reapparece agora com um volume em prosa — "*O Triangulo de Fogo*" — serie curiosissima de contos, bem escriptos e imaginados por um espirito culto e, sobretudo, muito elevado.

O novo trabalho do sr. João Lyra Filho não se reduz á vulgaridade de uma simples collectanea de contos, em cujas paginas o Amor costuma apparecer como personagem indispensavel. E' mais do que isso.

E', antes de tudo, uma concepção, em fórma de contos e com fundamentos scientificos na psycho-analyse.

O proprio autor declara: "*Triangulo de Fogo*" *é um symbolo em que a libido sexual se sublima. Representa o desenho que serviu ao pensamento de André Lorulot.*

...Não é um livro de escandalo. Sobre cada pincelada viva, uma nota pittoresca, um sorriso de malicia, sem affectação.

E' justo reconhecer que o sr. João Lyra Filho conseguiu habilmente o seu intento, sabendo com grande subtileza desdobrar sobre tão delicado assumpto o manto diaphano da phantasia...

Ferro — Monteiro Lobato. — Companhia Editora Nacional. — S. Paulo — 1931.

O sr. Monteiro Lobato, depois de relativa ausencia

do nosso meio literario, que lhe deve paginas brilhantes de colorido e observação, reapparece agora com o livro menos literario que se poderia esperar da sua penna de *conteur* consagrado.

Surge-nos com um livro technico "Ferro" pregando "a solução do caso siderurgico do Brasil pelo processo Smith".

O autor divide o seu trabalho nos seguintes capitulos: *Consciencia de algo errado; Tudo é transporte; Quem é William H. Smith; O alto forno ferido de morte; O novo processo de fazer ferro. A magna questão: preço de custo.*

E', não ha duvida, um livro technico, especialisado, mas nem por isso pode deixar de interessar o publico brasileiro, cujas attenções para o problema siderurgico tanto se justificam pela sua alta relevancia na economia nacional.

Amôr e Sexo (Psychanalyse) — Dr. A. Tepedino. — S. Paulo — 1931.

O autor declara de inicio: "O thema é complexo. A sabedoria é mesquinha".

Mas, em que pése a complexidade e a delicadeza do assumpto, o autor conseguiu realizar uma obra verdadeiramente util e interessante.

São os seguintes os capitulos de *Amôr e Sexo*: O Amor — Conceito Medico — Emoção e Emoti-

vidade — O Amor e a Literatura — O Amor e a Neurasthenia — Metaphysica do Amor — Sentimento Affectivo — Amôr — Paixão — Ciume Morbido — Nevrose Sexual — Egoismo e Sexualidade — Psychanalyse do Amor — Eugenia no Brasil.

O Quinze (2.ª edição) — Rachel de Queiroz. — Cia. Editora Nacional. — 1931.

O apparecimento de "O Quinze" de Rachel de Queiroz foi saudado como o da luminosa estréa de uma romancista.

Raymundo de Moraes

designou a obra da vibrante escriptora cearense como "um livro de fogo".

Ha realmente nas suas paginas luz e calor, colorido e chamma, a par de um descriptivo violento em que se não sabe mais que admirar: a tortura da Terra ou a do Homem.

Livro depoimento, livro de observação, movimentado e novo, a sua 2.ª edição bem diz do seu justo e merecido agrado.

Por Amor ao Meu Amor — Paulo Gustavo. — Illustrações de Paulo Werneck. — Editores Barsoi & Cia. — Rio.

O sr. Paulo Gustavo, autor da "Divina Amargura", reapparece agora

com um lindo volume, em tudo: lindo na sua feitura, lindo nas suas illustrações, lindo nos seus versos, do mais capitoso lyrismo. O autor não tem razão quando diz:

Tens razão e não tens,
quando proclamas
Que sobre a terra já não ha
lugar
Para os poetas, que em vão
ardem nas chammas
Desse inferno divino, que
é sonhar.

E tanto ha lugar que o sr. Paulo Gustavo escreveu um poema, que é todo sonho, ternura, sensibilidade, amor, e em cujas estrophes, tão bonitas e tão doces, se sente um pouco das rendas do romantismo e o mel das abelhas do Hymeto...

Cartas de Amôr — Bertha Dangennes. — Civilização Brasileira Editora — 1931.

Estava faltando esse livro, em lingua portugueza. E a *Civilização Brasileira Editora*, bem comprehendendo os anceios do numeroso publico, que tanto se delicia com a literatura do amor, acaba de lançar á publicidade, em primo-

roso volume, a famosa collectanea de *Cartas de Amor* de Bertha Dangennes, correctamente traduzidas.

A formosa collecção, alem das cartas que se celebrizaram pela sua intensa vibração sentimental e os mais violentos arroubos de paixão, traz ainda uma nota biographica e explicativa de cada um dos autores.

Um bello livro, cujas paginas ha muito já fazem parte da literatura universal e do patrimonio amoroso da humanidade.

LIVROS NO PRELO

— A casa editora A. Coelho Branco F.º tem em prelo os seguintes livros: — Penhascos, de *Sylvio Julio;* Communismo, Nacionalismo e Idealismo (Russia, Mexico e Brasil) — prof. Souza Carneiro; Lenita (novella) *Jorge Amado, Edison Carneiro* e *Dias da Costa;* Os Intoxicados — *Celestino Silveira.*

— Nas officinas de Paulo, Pongetti & Cia., encontram-se em confecção: — Brasil Nação — *Manuel Bomfim;* As falsas bases do communismo russo — *Alfredo Severo;* O retrato do Brasil — (4.ª edição) *Paulo Prado;* — Luz do Oriente — *Viscondessa de Sande.*

— A Livraria Editora "Marisa", entregará aos seus leitores os seguintes livros: — COLLECÇAO DE AUTORES CELEBRES: — *Maximo Gorki* — O espião; *Dostoiewski* — Humilhados e offendidos; *Leon Tolstoi* — Os Cossacos; — COLLECÇÃO DAS MOÇAS: — *P. Colemane* — A Princeza de Cabellos Louros; — *J. Coulom* — A Taça de Ouro; — BIBLIOTHECA DE VIAGEM: — *John Wright* — O Navio Fantasma.

— Na "Typographia Ypiranga" estão no prélo os seguintes livros: — *Tristão de Athayde* — Preparação a Sociologia (2.ª edição), Debates Pedagogicos; *Fernandes Albaralhão* — Caldo Berde (2.ª edição).

— A conhecida casa Schmidt, editora, tem em prélo os seguintes livros: — *Rachel de Queiroz* — João Miguel; *Prof. Carneiro de Mendonça* — Doenças dos Rins na pratica.

— A conhecida casa editora Flores & Mano (Livraria Moura) breve apresentará as seguintes edições: — *M. Maryan* — O mysterio de Keriir (traducção de *Jorge Jobim*); *Yoritomo Taschi* — A timidez vencida em 12 lições; *Pierre Loti* — Aznyade (traducção de *Jorge Jobim*); *Alfredo Severo* — Bases do Communismo Russo.

— A nova casa editora "Empreza Editora Unitas" publicará: *J. Clemente Ferraz* — Ensino pratico e theorico de inglez; A Arte Tachygraphica; — *Fabio Luz Filho* — O cooperativismo e os latifundios, — Coperativismo e syndicalismo agrarios; — *J. Casanova* — A minha fuga das prisões de Veneza; *Maximo Gorki* — Wania; *Jack London* — O calcanhar de ferro — Martin Eden; *K. Marx* — Manifesto Communista; *K. Kautisky* — O programma socialista, — A revolução social; *G. Plekhanov* — Anarchismo e socialismo; — *G. Deville:* Resumo do capital, *de K. Marx;* — *F. Engels* — Socialismo utopico e socialismo scientifico; *N. Lenine:* — No caminho da insurreição; — O Estado e a Revolução; *L. Trotsky* — A Revolução desfigurada; — O Plano Quinquenal; — A revolução hespanhola; — A minha vida; — *Lissagaray* — istoria da communa de 1870.

— A Civilização Brasileira Editora distribuirá por todo este mez os seguintes livros: — *H. Balzac:* — Mulher de 30 annos; *Hildebrando Lima* — Marés de amor; *Oscar Wilde* — Tragedias de minha vida; *H. Perez Escrich:* — Formosura da alma; *Raymundo Moraes* — Paiz das Pedras Verdes; — *José de Alencar:* — Guarany; *G. Papine:* — Santo Agostinho; *Hermes Fonseca Filho* — Credo.

LIVROS MEDICOS — O dr. *Adolpho Possolo*, que acaba de publicar O Manuel do enfermeiro, tem prompto para entrar no prélo os seguintes trabalhos: — O enfermeiro do psycopata, A enfermeira das creanças, Formulario de clinica cirurgica.

NA terça-feira da semana passada tivemos uma surpreza pungente ao recebermos a noticia da morte de Vito Leão.

Sabiamol-o enfermo de um mal inexoravel. Mas a sua resistencia admiravel, que lográra deter-lhe a marcha, dava-nos a dôce esperança de que ainda vivesse mais alguns annos, depois de um longo retiro em Minas, cujo clima ameno lhe déra alento aos pulmões atacados pelo ar mortifero da Clevelandia, infernal castigo que soffreu por haver sido, num gesto admiravel, revolucionario em 1924.

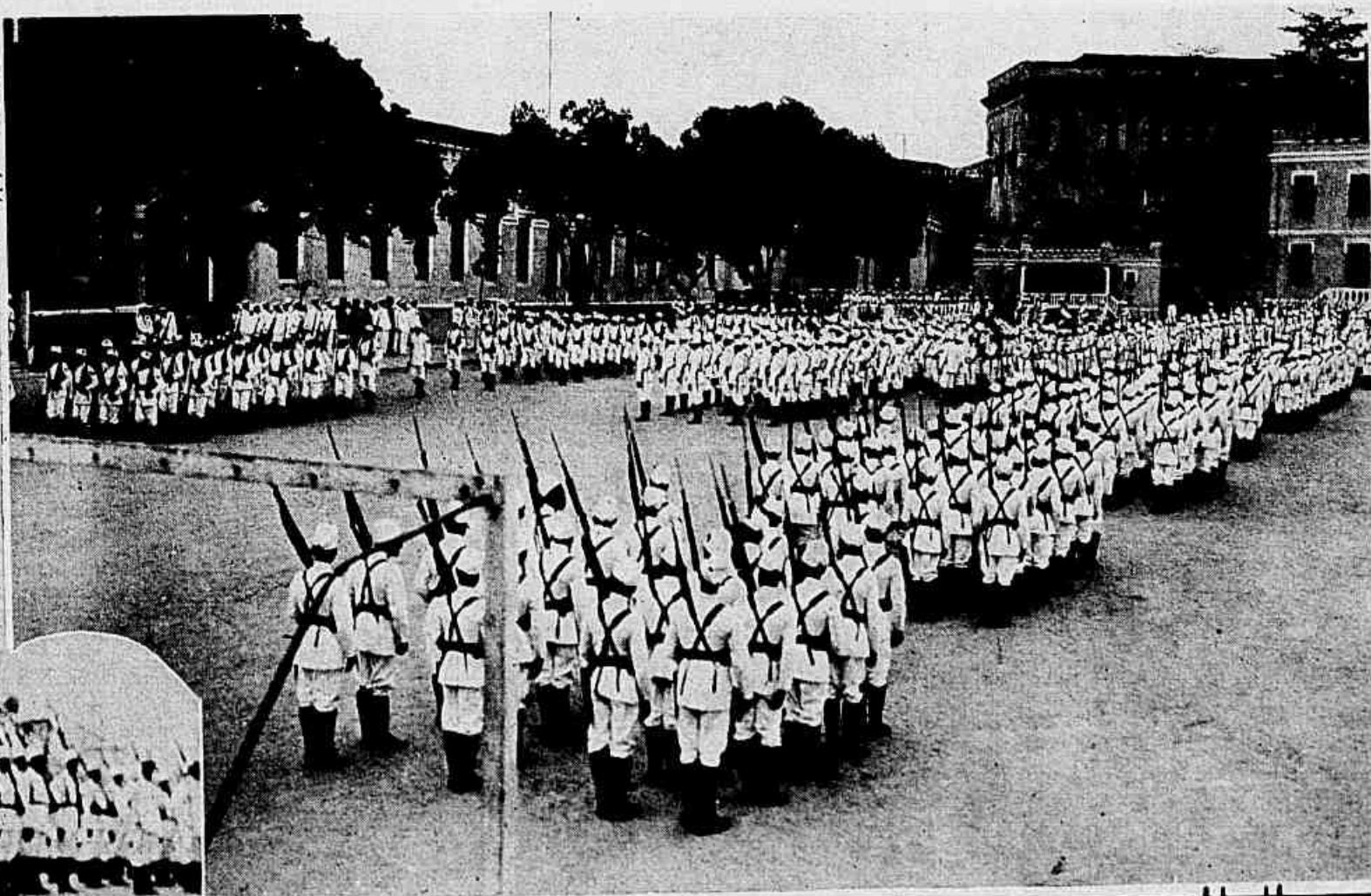
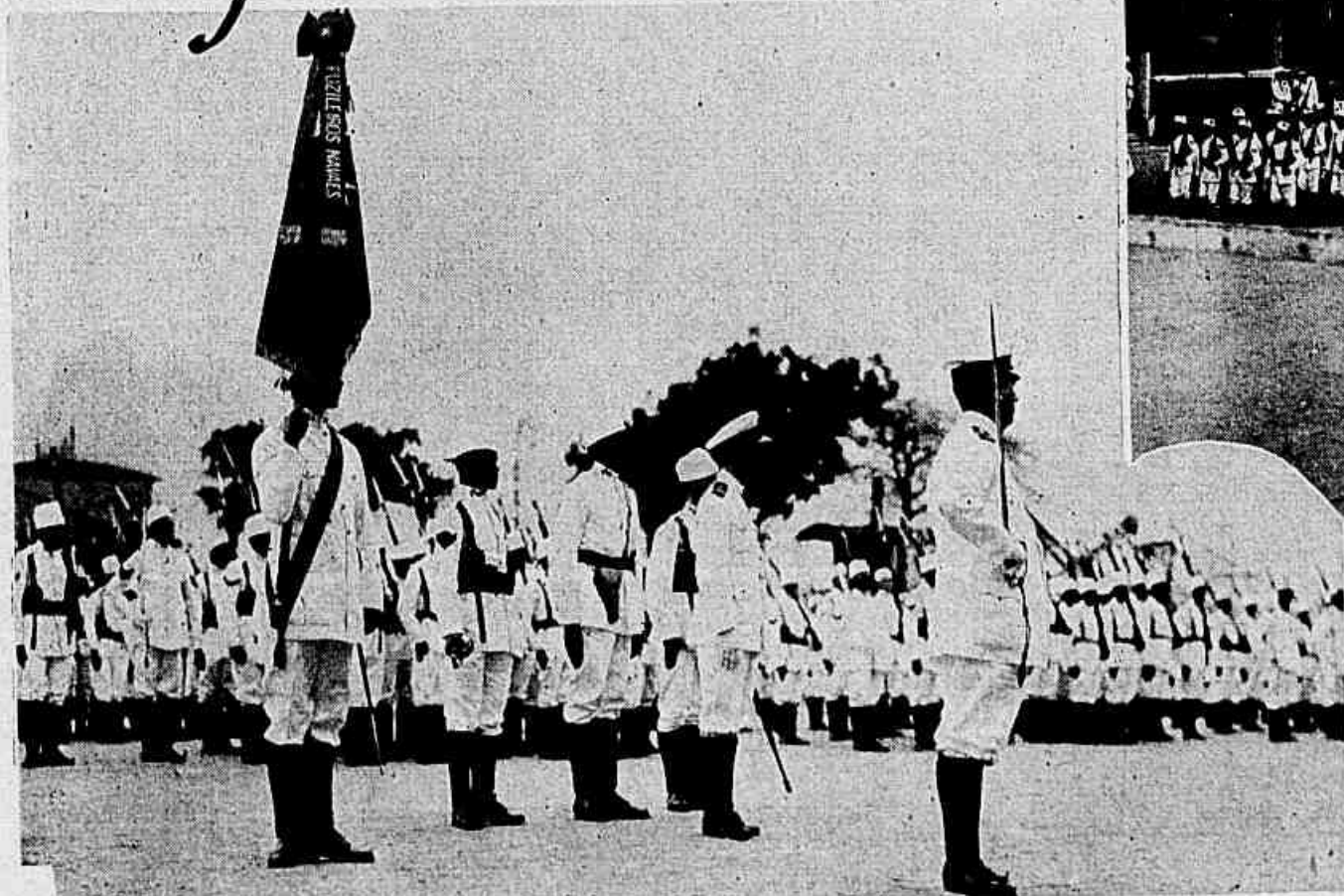
Estava trabalhando comnosco, sem demonstrar o seu intento, calando os pendores de sua revolta, quando, um bello dia, sem alarde, discretamente, desappareceu. Tinha ido ao encontro do reducto de Isidoro em Iguassú e, pouco tempo depois, ficára prisioneiro das forças legaes em Catanduvas.

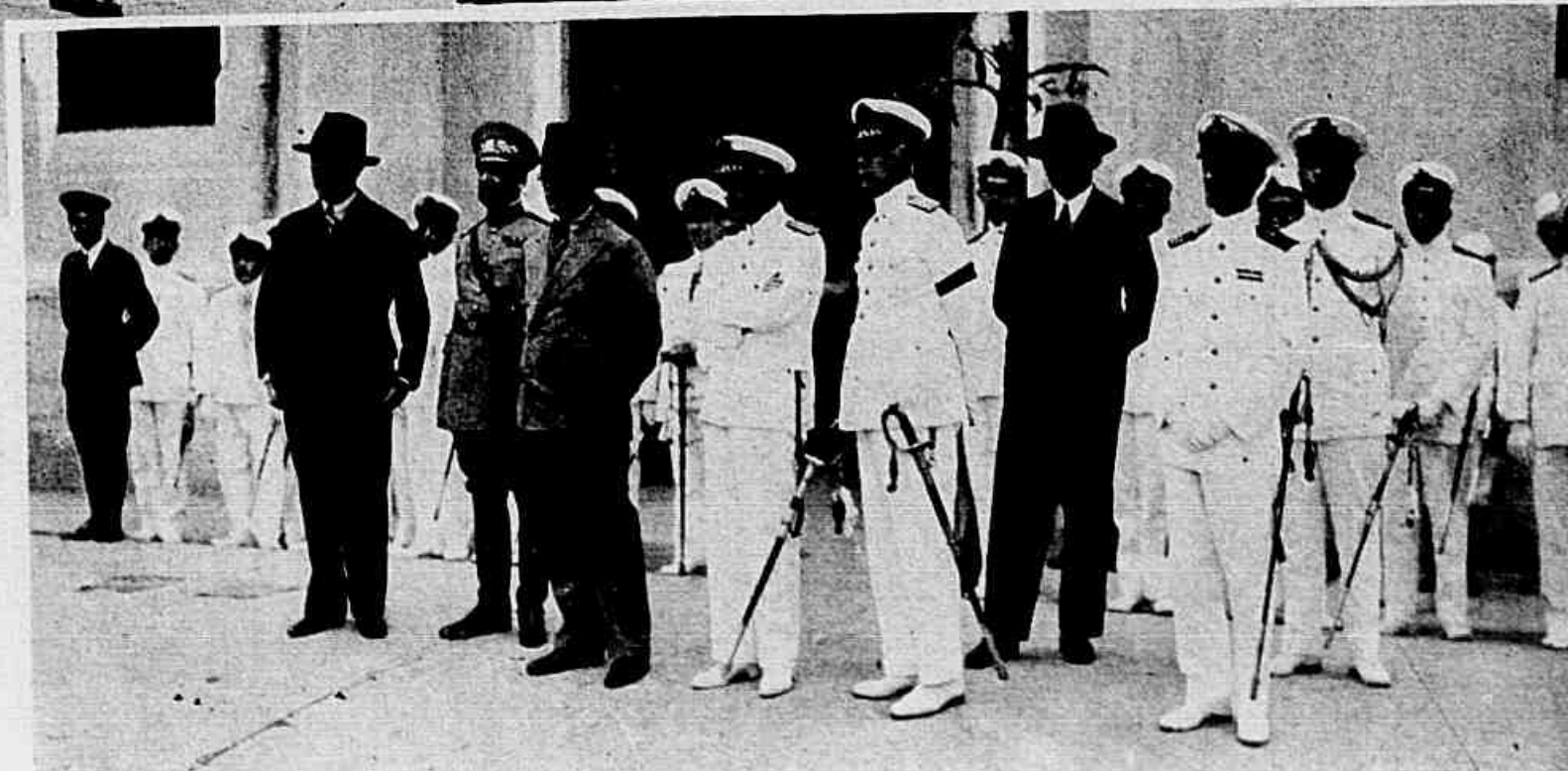
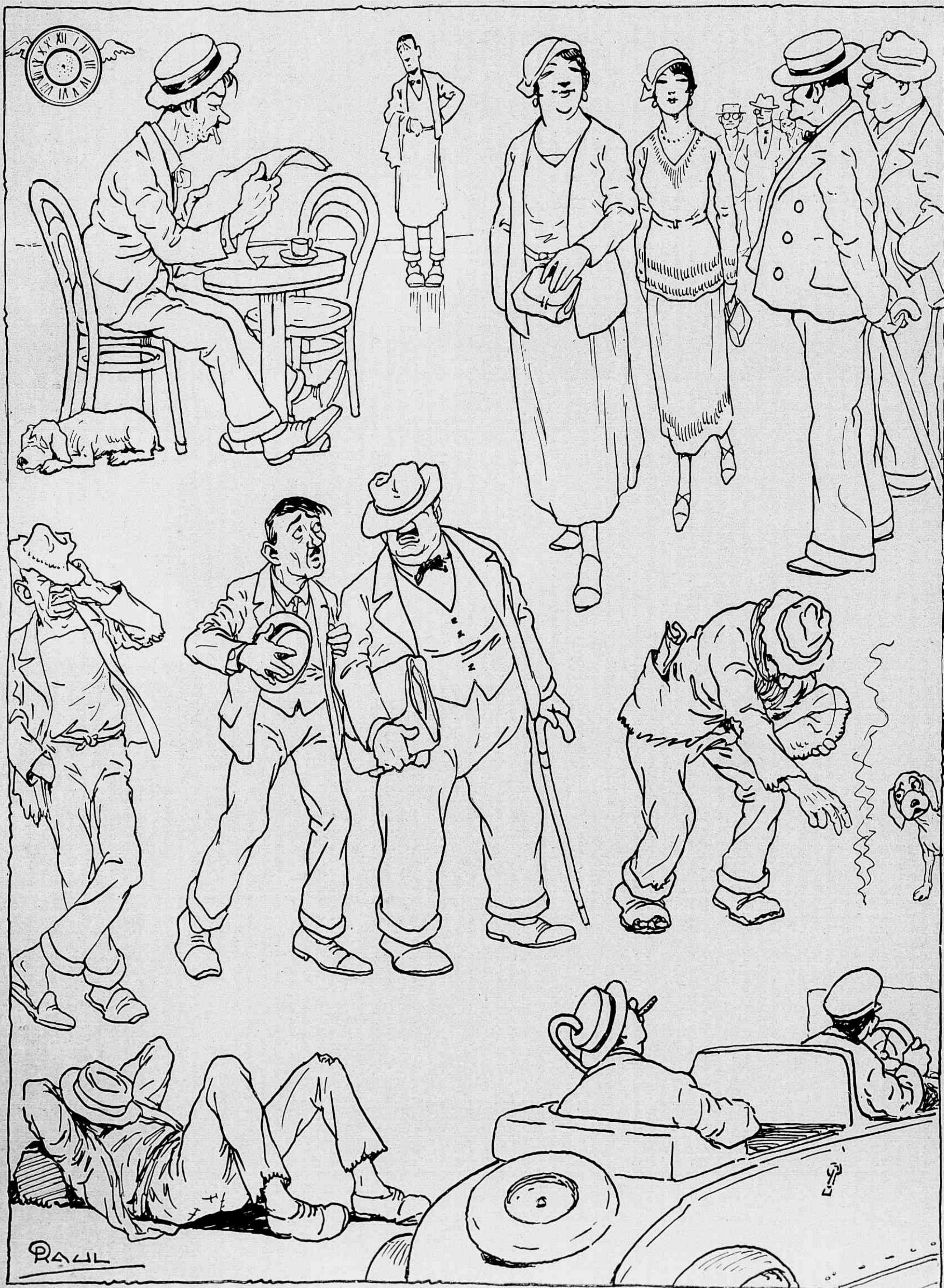
Fora para a revolução, quando esta já não tinha possibilidade de triumphar!

Mas Vito Leão não foi só isso. Era um poeta de doçura lyrica, jornalista destro e advogado arguto.

A *Revista da Semana*, como homenagem ao seu antigo redactor, fez depositar uma corôa sobre o seu feretro e compareceu ao enterro.

As gravuras apresentam dois aspectos do enterro de Vito Leão: 1 — Sahida do feretro, conduzido, entre outras pessôas, pelos drs. Barros Junior, 1.º delegado auxiliar, e Manoel Gonçalves, representando o dr. chefe de Policia. 2 — Chegada ao cemiterio de São Francisco Xavier, vendo-se o dr. Salgado Filho, 4.º delegado auxiliar; dr. Luis Carlos; o nosso director Aureliano Machado, e varias autoridades policiaes, collegas e amigos do morto. 3 — Vito Leão ao lado de Eugenio Rocca, quando em 1924, como redactor da REVISTA, fez uma bella reportagem sobre os sentenciados da Casa de Correcção.

A entrega do Estandarte do Regimento Naval

A ceremonia da entrega do estandarte do Regimento Naval, offertado pelo ministro da Marinha e mandado adoptar por acto recente do chefe do Governo Provisorio, realizada no respectivo quartel, na Ilha das Cobras, no sabbado ultimo, revestiu-se de grande brilho.

As gravuras, ao alto, mostram os fuzileiros formados sob a egide de sua bella bandeira e, abaixo, os srs. ministros da Marinha, da Justiça, da Viação, da Guerra, o capitão de fragata Augusto Durval da Costa Guimarães, commandante do R. F. N., e officialidade, assistindo ao desfile.

Sem trabalho

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Os jabots, as romeiras, pequenas gollas redondas, os plastrons e colletes de renda, ressurreição d'um passado de elegancia; assim como as pelerines, as capinhas, as collerettes, os fichús drapés. Se folhearmos as collecções das gravuras de modas vindo do fim do seculo XVIII ao seculo actual, encontraremos em cada pagina indicações desses generos de elegancia.

O fichú drapé, faceirice camponeza que as princezas do Trianon puzeram na moda; pelerine, capa, collrette enfeitaram as elegantes de 1830 e, muito antes dellas, a golla em forma de guipure emmoldurava os hombros das damas da época de Luiz XIII.

As gollas pequenas e redondas fizeram a alegria das meninas modelos e a guarnição dos vestidos balão. Os jabots tiveram a honra de guarnecer os colletes dos grandes senhores e de guarnecer as camisas de *linon* flexivel dos "incroyables". Mais tarde, ha uns cincoenta annos apenas, guarneceram elles os vestidos das senhoras, mostrando-se na abertura dos casacos. Todas essas faceirices foram-se; todas essas faceirices voltaram; e todas ellas tomam um aspecto de novidade. Desapparecerão ainda... e, seguindo a lei do tempo, reviverão um dia sobre silhuetas e vestuarios de genero muito diverso.

Mas o que renova essas faceirices é a novidade dos tecidos e seus tons. O crepe *georgette*, as mousselines de seda são muito modernos; seus suaves coloridos rosas, amarellos, bis e azues são descobertas recentes que devemos aos progressos realizados pelos chimicos.

As luvas — E' facil comprehender a emcção suscitada por essa decisão da moda pondo em vigor o uso da luva. Se ainda se tratasse d'uma luva curta, d'um modelo simples! Mas aquella que tem todas as honras actualmente, pelo contrario, tem todas as especies de exigencias. E' longa — e quanto! — combinando com a toilette: bordada, recortada, pespontada, pintada, incrustáda, palhetada, ás vezes mesmo guarnecida com pedrarias. Muitas vezes é toda preta ou toda branca, circumstancia favoravel porque permitte ser usada com diversas toilettes; mas muitas vezes tambem é do mesmo tom do vestido ou d'um detalhe do vestuario, o que torna essa fantasia muito dispendiosa.

Algumas pessôas preferem que seja do tom da meia, emquanto que outras da côr do sapato: as faceiras, naturalmente, rivalizam para encontrar uma nova elegancia. Com o vestuario commum, a luva do mesmo tom é ainda uma excepção: contentemos-nos com a luva de camurça ou de pellica nos tons beiges; mas durará isso ainda muito tempo?

Reina tambem a fantasia com a bolsa pequena cujas formulas de elegancia variam constantemente. Por agora, chamemos a attenção sobre a bolsa-carteira de tafetá, completamente coberta com finos pespontos de seda de côr, com pegador de côr differente, as bolsas brancas com preto e as pretas com branco ou com argolas de galalithe de côr.

O calçado — Talvez seja esta a secção da elegancia feminina que menos tenha ido buscar fantasias do passado, porque corresponde ás condições d'uma vida nova, muito differente da vida das mulheres de outróra. Com effeito, o habito dos sports, da vida ao ar livre, das estações nas praias forçam os pequenos pés delicados a calçarem-se de diversas maneiras. São necessarios, para a marcha, sapatos de couro flexivel, castanho, com salto de homem; para as ascensões, os longos passeios, botinas atacadas com saltos baixos; para o banho, sapatos de borracha; para a praia, interessantes sandalias. Mas essa série de calçados não prejudicam em nada a elegancia dos sapatos da tarde e da noite. Aos vestidos habillés corresponde a faceirice dos sapatos de verniz, de pellica, de antilope, de lagarto, sapatos que se procura o mais possivel approximar do tom da toilette.

Para a noite, os sapatinhos de setim, de crêpe de lamé, de brocardo do tom do vestido.

Ultimos Modelos

1 — Vestido de toile de seda branca. A pala prolonga-se em manguinhas pontudas; laço e cinto debruados com um viez preto.

2 — Vestido de linho amarello claro; a pala da saia abotoada com botões do mesmo tom.

3 — Vestido de crepe da China azul, a parte de cima do corpo e das mangas de crepe branco; uma estreita tira do mesmo tecido azul marinha liga os dois tecidos.

4 — Vestido de shantung branco, guarnecido com babado pregueado e um panneau tambem pregueado terminado em ponta. No corpo uma incrustação do mesmo tecido vermelho e preto. Casaco sem mangas de shantung vermelho.

5 — Vestido de crepe da China verde tilleul. Grupos de finas nervures guarnecem o bolero e a parte de cima da saia. Babado pregueado.

O decalogo da mulher elegante e economica

I — Não procurar o vestido que ia "tão bem" á sua amiga mas, sim, ter sempre em vista as condições personalissimas do seu proprio corpo.

II — Na escolha das côres dos seus vestidos attender á coloração de sua epiderme, dos seus cabellos, dos seus olhos. O que vae bem a uma mulher loura vae ás vezes horrivelmente a uma morena.

III — Não exaggerar a moda. Lembrar-se de que os grandes costureiros que a idealisaram não o fizeram sem considerar os limites certos, compatíveis com o bom gosto.

IV — Attender sempre á *opportunidade* do seu vestido. Tão deselegante é apresentar-se numa *soirée* com um vestido de passeio como fazer compras na Avenida com *toilettes* de baile ou theatro.

V — Não usar vestidos que chamem mais a attenção que a sua propria pessôa; vestido é moldura; esta deve ser bella e rica, mas não a ponto de fazer esquecer o quadro.

VI — E' sempre perigoso inventar feitios; convém lembrar-se de que os profissionaes da Moda sabem do seu officio e têm todo o empenho em fazer o melhor que sabem. Isso não exclue, entretanto, alguma ligeira modificação para melhor adaptar um feitio ás condições individuaes.

VII — Não adquirir vestidos feitos sem experimental-os detidamente e sempre acompanhada de uma amiga de gosto e... confiança. Não confiar demasiado na impressão que lhe dá o manequim.

VIII — Não experimentar á noite vestidos que se destinam a ser usados durante o dia e vice-versa. Conforme seja a luz, natural ou artificial, as côres e nuanças adquirem effeitos muito differentes.

Vestido de crepe marocain havana com pintinhas *beige*, guarnecido com tiras applicadas. Cinto de camurça; golla e punhos de crepe *georgette* marfim.

IX — Não ver na elegancia uma manifestação de vaidade, mas uma das Bellas Artes, que participa da Pintura pelo colorido, da Esculptura pela fórma, da Musica pela harmonia e da Poesia pelo effeito que produz. E, como em toda a arte, não deixar perceber o esforço empregado.

X — Ter o maximo cuidado na escolha das côres: usar sómente tecidos de côres solidas, isto é que tenham sido tingidos com corantes Indanthren e sejam garantidos como taes, pela respectiva etiqueta. Isso representa economia.

A etiqueta registrada "Indanthren" garante a insuperada fixidez de côres nos tecidos e linhas.

Vestido de crepe da China branco com desenhos pretos e azues, frente e punhos de crepe georgette branco.

Vestido de crepe da China de fantasia, cinzento e verde. Golla e frente de crepe georgette cinzento muito claro. Cinto verde.

QUAES SÃO OS MAIORES VAPORES DO MUNDO?

O "Leviathan" (E. U. A.) 59.957 toneladas. O "Magestic" (Inglaterra) 51.551. O "Ilha de França" (França) 43.500. O "Roma" (Italia) 32.583 toneladas. O "Columbus" (Allemanha) 32.354. O "Statendam" (Hollanda) 28.150. O "Belgenlend" (Belgica) 27.132 toneladas.

"Ha mezes que estou usando estas roupas e Lux ainda continua a dar-lhes a apparencia de novas"

Meias das mais finas
Lãs das mais macias
Sedas diaphanas . . . .
Nada tem a recear do Lux.

Os seus vestidos mais delicados, as suas meias de malha mais finas, as suas combinações mais valiosas, conservam-se frescas e bellas sob o cuidado do "LUX". A sua espuma rica e leitosa restaura a belleza primitiva dos tecidos, penetrando em todos os fios e expurgando-os de suas impurezas. A maciez de suas mãos será o testemunho da delicadeza do "LUX" para com as sedas mais finas. Uma lavagem com "LUX" torna os seus lindos vestidos macios e brilhantes e com toda a attracção de novos. Lave em casa por este processo economico todas as peças do seu mimoso enxoval. Conserve por mais tempo como novos os seus vestidos predilectos

LUX
Para lavar sedas, e todas as roupas!

LUX

S. A. IRMÃOS LEVER

SÃO PAULO — BRASIL

Lx. 15-0136 Bz.

Nossa alimentação

OS MICROBIOS DO LEITE

Ha microbios em toda parte; mas certos meios são mais ou menos favoraveis ao seu desenvolvimento, á sua pullulação. O leite é um liquido que constitue um meio de cultura dos mais favoraveis aos germens malfazejos.

O leite contém duas variedades de germens: os microbios pathogenos e os saprophytes.

Saprophyte significa que se desenvolve á custa da materia viva. Os microbios saprophytes não são perigosos por elles mesmos, mas pelas toxinas que emittem.

O primeiro effeito dessas toxinas é talhar o leite e fazel-o fermentar.

Mas os saprophytes revelam-se pelos seus effeitos. Muito mais perigosos são os germens pathogenos, que não se provam por nenhum phenomeno exterior. Não se póde suppôr a presença desses infinitamente pequenos, dos quaes o mais terrivel é o bacillo de Koch, bacillo da tuberculose.

Praticamente, póde-se dizer que ahi está o grande perigo do leite. Todos os outros ficam em segundo plano. De onde vem esse bacillo? Em primeiro lugar da vacca, que póde estar tuberculosa. Raros são os que pódem mandar examinar a vacca que dá o leite para a sua casa. Mas os germens tambem pódem ser transmittidos ao leite pelas manipulações, ordenhando e mudando de vasilhas.

A conclusão de tudo isso é a absoluta necessidade de matar os microbios do leite antes de tomal-o.

O unico processo infallivel é a esterilisação. O leite esterilisado está puro e indemne de todo germen. Todos sabem que, para obter isso, põe-se o vidro da mammadeira dentro da agua que vae ferver (em banho-maria) durante quarenta minutos pelo menos.

Não creiam que a ebulição rapida do leite basta para esterilisar. Para obter um leite fervido relativamente (e mesmo praticamente sem perigo) é necessario que ferva pelo menos dez minutos. O leite que sobe não chegou a uma temperatura sufficiente, porque o bacillo da tuberculose é muito resistente. Se todas as mães estivessem bem convencidas disso, não se veria tanta creança atacada com doenças microbianas. Mas infelizmente acredita-se difficilmente no que não se vê. Os microbios? E sacodem os hombros.

Lembrem-se que o leite é um alimento precioso sómente tomando-se todas as precauções necessarias. Não se fazendo isso, com cuidado e meticulosamente, em vez de dar um alimento á creança faz-se com que absorva um caldo de cultura. E' ahi que devem procurar a causa de tanta diarrhéa no verão, durante os dias muito quentes que fazem tantas victimas innocentes.

Toilettes para a noite

1 — Vestido de renda beige, guarnecido com babados. O bolero com mangas longas permitte que elle possa ser usado á tarde tambem. 2 — Vestido de chamalote branco, saia en-forme; dois babados tambem enforme guarnecem os lados e uma romeira enlaçada ao lado enfeita o decote. Cinto do mesmo tecido com fivella de crystal vermelho. 3 — Vestido de renda preta forrado com mousseline de seda branca. Penca de rosas côr de rosa no hombro. 4 — Vestido de crepe-setim verde muito claro; as tiras applicadas ajustam o vestido nas cadeiras. Pequeno bolero. 5 — Vestido de tulle rosa claro; a saia e a romeira guarnecidas com babadinhos franzidos e picotados. 6 — Vestido de chamalote preto; no corpo uma tira applicada desenha uma figura cruzada na frente. A saia, muito ajustada nas cadeiras, é bastante en-forme na parte de baixo.

MENU DE JANTAR

(receitas que levam leite)

SOPA DE ESPINAFRES

BOLO DE BACALHAU

ARROZ

GALLINHA COZIDA

PURÉE DE AGRIÃO

AMBROZIA

SOPA DE ESPINAFRES

Põe-se para cozinhar 10 minutos, em agua e sal, folhas de espinafres (600 grs.); em seguida são bem espremidas, batidas e passadas por uma peneira. Põe-se essa massa de espinafres dentro d'uma panella com um litro e meio de caldo fervendo (caldo de gallinha). Engrossa-se em seguida com farinha de arroz (40 grs.) desfeita numa chicara de leite. Junta-se na hora de servir duas ou tres gemmas e um pouco de manteiga. Serve-se com torradas fritas na manteiga.

BOLO DE BACALHAU

Põe-se de molho em agua 500 grs. de bacalhau, que em seguida vão a cozinhar; prepara-se á parte um pirão com um kilo de batatas, no qual se junta seis gemmas. Faz-se um môlho com dois copos de leite, meia colhér de manteiga e a maizena necessaria para engrossar; desfaz-se dentro desse môlho o bacalhau desfiado.

Forra-se uma fôrma, bem untada com manteiga, com o pirão de batatas e enche-se com o bacalhau; cobre-se com uma camada de pirão de batatas, pinta-se por cima com uma gemma de ovo e vae ao forno para tostar.

GALLINHA COZIDA A' INGLEZA

Põe-se para refogar a gallinha com 75 grs. de manteiga, duas cebolas e duas cenouras cortadas em rodellas, meia folha de louro, salsa e sal. Molha-se com um copo de vinho branco e um litro de agua fervendo. Deixa-se cozinhar em fogo brando uma hora pouco mais ou menos. Quando a gallinha estiver cozida côa-se o môllo e engrossa-se com maizena desfeita numa chicara de leite; póde-se, querendo, juntar gemmas de ovos.

Arruma-se n'uma travessa os pedaços da gallinha entremeiados com fatias de lingua escarlate e torradas fritas na manteiga. O môlho deve ser servido na molheira.

TAILLEURS E BLUSAS

1 — Casaco de lã preta guarnecido com tecido escocez, saia de tecido escocez. Blusa de linon branco enfeitada com nervures e cadarço zig-zag (sinhaninha). 2 — Tailleur de crepe da China cinzento claro com xadrez azul marinha; o casaco guarnecido com o mesmo tecido azul marinha. Cinto de verniz azul marinha. Blusa de linon branco bordado, enfeitada com estreito babado plissado. 3 — Tailleur de crepe marocain cinzento claro. Os godets da saia são passados a ferro como pregas duplas. O casaco não tem golla; o jabot da blusa, de setim branco guarnecido com uma tira de barrettes, é collocado sobre o casaco. 4 — Tailleur de crepe marocain de lã verde. Saia com panneaux en-forme. As mangas do casaco trois-quarts. Blusa de crepe georgette branco guarnecida com rendinhas valenciennes.

PURE'E DE AGRIÃO

Tiram-se as hastes grossas de tres grandes mólhos de agrião, lava-se bem, e mergulha-se dentro da agua fervendo (tres litros); tempera-se com sal. Deixa-se ferver uma hora. Escorre-se bem a agua e depois pica-se bem e passa-se por uma peneira.

Põe-se numa panella: 50 grs. de manteiga, um copo de leite no qual se desfez 25 grs. de farinha de trigo; junta-se em seguida a massa de agrião. Depois de arrumada a purée na travessa enfeita-se por cima com fatias de ovos duros.

AMBROZIA

Faz-se uma calda em ponto de fio com um kilo de assucar. Bate-se muito bem doze claras, em seguida juntam-se as doze gemmas e bate-se um pouco mais. Mistura-se devagar despejando uma garrafa de leite fervido, mas frio, dentro dos ovos batidos. Junta-se esse creme á calda de assucar e vae-se mexendo a panella sobre o fogo até talhar. Serve-se polvilhado com canella ou juntam-se alguns cravos da India ao doce.

Manteau de lã preta dá formato recto, guarnecido com pespontos feitos com seda branca.

Conselhos sociaes

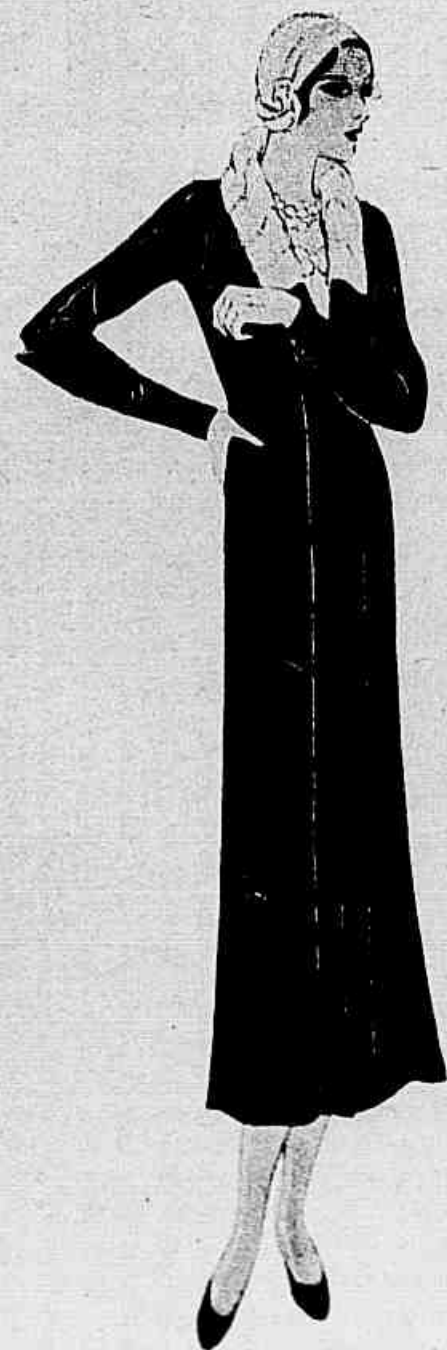
O VOTO FEMININO

Agora, quando em todos os paizes onde ainda não foi dado o voto á mulher se cogita em lh'o dar, lê-se com surpresa nos jornaes da nossa terra opiniões como a do autor do "Novo Processo Eleitoral".

Acha inconveniente para a mulher intrometter-se na politica; e collabora com elle nessa opinião sua esposa, que é uma enthusiasta propagandista contra o voto da mulher. *Acha que é um grande serviço que prestam á mulher eliminando-a da politica, para dedicar-se exclusivamente á direcção do seu lar e outros affazeres talhados para as mulheres. Termina dizendo que, procedendo-se a uma votação entre as proprias mulheres, tem a certeza de que a maioria será pela não intromissão das mulheres na espinhosa e perigosa vida politica.*

Que façam esse inquerito para ver se a mulher brasileira pensa mesmo dessa maneira; se acha que a sua patria não vale a pequena maçada de ir dar o seu voto quando é necessario. Homens occupadissimos pódem ir votar, só os trabalhos caseiros impedem que a bôa dona de casa e a mãe de familia disponham do tempo minimo necessario para dar o seu voto na escolha daquelles que irão governar o seu paiz!

E depois, as mulheres que acharem que é esse um tão grande sacrificio não serão obrigadas a fazel-o. Tão grande é o numero de brasileiros que nunca votaram!

Mas é triste verificar que na nossa época ainda existem mulheres que acham que o nosso sexo é inferior quando são milhares as provas que as mulheres teem fornecido do seu valor, da sua competencia e quando homens como Ruy Barbosa disseram: "A desigualdade entre os dois sexos era, sobretudo, um dogma politico. Mas da politica já elle desappareceu, com a revolução que introduziu de uma vez no eleitorado britannico seis milhões de eleitoras; que, nos demais paizes onde a civilisação põe a sua vanguarda, tem elevado a mulher aos cargos administrativos, ás funcções diplomaticas, ás cadeiras parlamentares e até aos ministerios, como em

ACTUALIDADES FEMININAS

As mulheres de outr'ora andavam de bicyclette: as de agora não se contentam mais em governar seu automovel, querem dirigir os aviões. Esta jovem é a filha do ministro australiano em Paris. Todas as manhãs vae dar seu passeio aéreo.

A sr.ª Shah Nawas, que foi delegada por um Estado hindú para uma conferencia no Imperio britannico. Foi muito commentada a escolha de uma delegada em vez de um delegado.

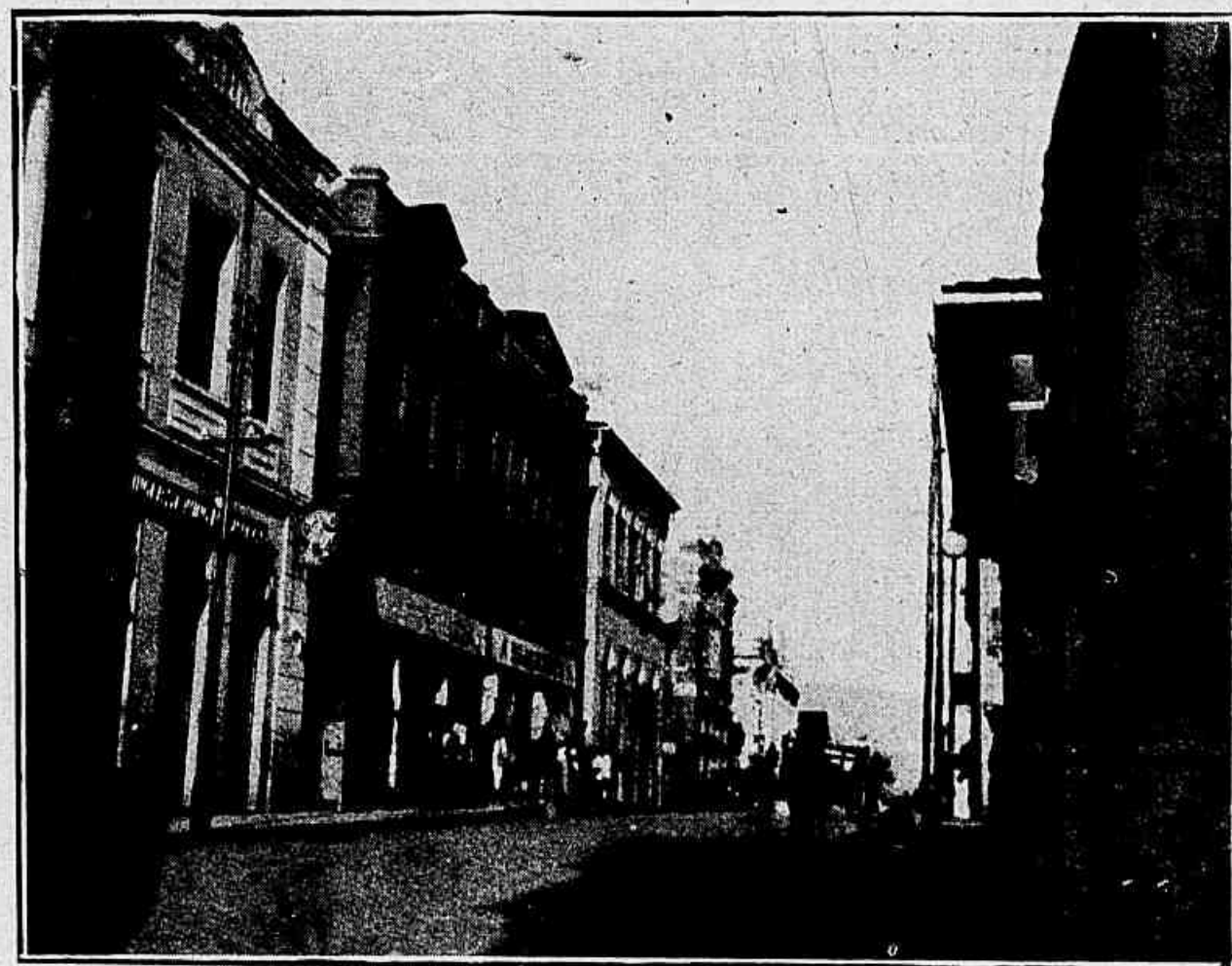
Miss Margaret Iving, a mais competente provadora de chá na Inglaterra: ganha por anno nessa sua profissão a bella quantia de 75 contos.

alguns Estados da União Americana, ha muito, já se costuma."

E termina com esta phrase:

"Quando cabeças como a de Stuart Mill assim pensam, não se ha de envergonhar um cerebro ordinario como o meu de pensar talqualmente."

(Conferencia pronunciada no dia 20 de Março de 1919).

Mulheres brasileiras, respondam ao desafio que lhes foi lançado!

Carangola — Minas — Rua 15 de Novembro.

Pensamento

Os desgostos são como um fardo que temos de carregar: quando passa alem das nossas forças, fazemos como o carregador que pára e acceita com prazer o soccorro d'um ente caridoso: repartimos o nosso desgosto com a alma caridosa que se offerece a nós.

As paredes desse escriptorio são forradas com mappas.

Maneira original de forrar as casas na America do Norte

Grandes photographias d'uma caçada forram este interessante paravento.

As paredes dessa sala de jantar são guarnecidas com photographias de aviões em vôo.

Guarnições para as gollas

Num vestido, seja elle de crepe da China ou de linho, pode-se modificar seu aspecto variando a guarnição da golla. Como se pode ver nos modelos que damos é muito facil executar essas gollas. Temos primeiro a do vestido, uma singella golla formada por uma fita que se amarra na frente por um laço. A segunda é uma golla-fichú de linon branco guarnecida com renda valencienne. A terceira uma simples tira de crepe; a união da golla na frente é escondida por uma outra tira mantida por um botão. A quarta um pequeno fichú terminado por uma tira de tom mais escuro; um annel desse mesmo tecido escuro aperta o fichú. No segundo vestido uma golla de crepe georgette branco tem os festões bordados ou debruados com um estreito viez; um laço do mesmo tecido guarnece um dos hombros. Uma outra muito original é cortada como mostra o modelo e dá uma volta na frente antes de ir abotoar atrás. A seguinte é formada por uma tira enviezada que se amarra na frente como uma gravata. A ultima uma golla redonda de filó guarnecida com diversas ordens de rendinha valencienne.

Dois chapéus... e seis variações de sua elegancia, tão simples quão encantadora... Como se vê, basta ás vezes uma ligeira mudança no modo do serem collocados, para ficar sensivelmente alterado o seu encanto.

Moda Infantil

1 — Vestido para praia, de sarja azul marinha, posto sobre um maillot listado, branco e azul marinha. O monogramma bordado com seda vermelha. 2 — Vestido de linho branco com barra e tiras de linho vermelho. Casaco sem mangas, de linho vermelho. Chapéu de linho branco pespontado e guarnecido com uma fita gros-grain azul marinha. 3 — Vestido de linho branco; a saia guarnecida com grupos de pregas na frente e nas costas; o corpo de tecido listado branco e azul marinha; a frente formando collete com quatro botões de madreperola; cinto de couro azul marinha.

Preceitos de hygiene

A DEFORMAÇÃO DO PÉ

O pé chato, deformação muito frequente que prejudica a marcha e provoca dores, é um pé cuja arqueação palmar abateu. A creatura, em vez de apoiar-se sobre o calcanhar e a parte exterior do seu tarso, apoia-se sobre toda a superficie da planta do pé. Geralmente, esse pé fica desviado para fóra, d'ahi seu nome de "pé espalhado".

A maior parte das pessôas que teem essa lesão não pódem andar sem sentir dores.

Os que teem os pés assim deformados são entes cujo crescimento foi feito muito rapidamente e que, alem disso, praticam um officio que os obriga a ficar de pé (pobres caixeirinhos). Essa deformação em todos os seus gráus existe tanto na mulher como no homem, desde o pé chato apenas indicado até á forma dolorosa e caracterisada.

Muitas vezes essa lesão não é conhecida e as pessôas que soffrem de dôres nos pés attribuem este soffrimento ao arthritismo, ao rheumatismo. Encharcam-se de drogas cujo resultado certo é estragar-lhes o estomago. Fariam muito melhor se fossem fazer examinar o pé por um cirurgião, que descobriria a deformação e trataria della.

Com effeito, começado no principio, durante a adolescencia, o tratamento do pé chato é quasi sempre seguido de bons resultados.

O grande remedio é o uso de calçados orthopedicos, bem feitos.

Bem feitos! Quer dizer feitos para o pé, tendo a sola levantada no lugar exacto da parte interna do pé, onde deve existir a arqueação. Ao mesmo tempo, é necessario tonificar os musculos da perna por exercicios apropriados e por curtas sessões de massagem quotidiana. Dizemos "curtas" porque ha sempre uma tendencia a exagerar; mui-

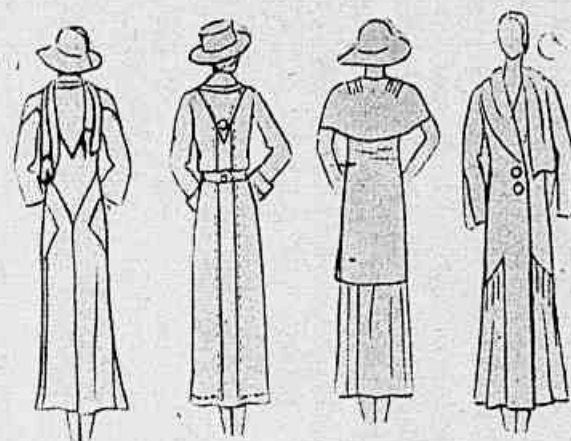
Escola de toureiros em Fuenteravia, no norte da Espanha.

Regatas no Grande Canal — em Veneza.

to longas, cansa-se os musculos em vez de dar-lhes força. Dez a quinze minutos são sufficientes. Mas quando a lesão está definitivamente constituida

1 — Vestido de crepe da China branco com pintas pretas. A golla e os babadinhos de crepe branco. 2 — Vestido de crepe da China branco com desenhos verdes e pretos. O panno da frente, muito en-forme, cruza sobre o outro. O casaco que acompanha este vestido cruza tambem. Golla-echarpe.

MANTEAUX

1 — Manteau de crepe da China preto; a pala forma a golla-echarpe, as tiras applicadas são pespontadas. 2 — Manteau de lã beige guarnecido com o mesmo tecido marron. 3 — Ensemble: manteau curto de crepe da China cinzento claro, guarnecido com uma golla-gravata de crepe da China cinzento claro com pintas azul marinha. Com esse mesmo tecido é feito o vestido. 4 — Manteau de crepe marocain beige; a golla forma echarpe d'um lado. Nervures guarnecem o manteau.

é necessario recorrer aos aparelhos orthopedicos indicados pelo cirurgião.

A's vezes mesmo só se obtem a cura com uma intervenção cirurgica.

Por essa razão é preciso muito cuidado com os pés das creanças na idade do crescimento; quando se queixam de dores nos pés, lembrem-se do pé chato e façam examinar por um medico. Esta pequena enfermidade é facil de ser corrigida no seu começo.

1 — Vestido de crepe marocain branco, saia en-forme e corpo com basquinha abotoada duma maneira original por dois botões de perola. 2 — Vestido de fustão de fantasia, a pala decotada em quadrado abotoa-se na frente. 3 — Tailleur de setim preto; o casaco fecha-se por meio dum duplo botão de crystal. Blusa de crepe branco guarnecida com babados plissados.

Vestido de setim preto, guarnecido com crepe georgette branco.

BONS CONSELHOS

Evitem tornar as creanças pretenciosas dando-lhes, pelos elogios, uma grandiosa ideia da sua pessôa. Mas tambem se deve evitar o exaggero opposto: não façam com que duvidem de si proprias, o que, na vida, póde ter consequencias igualmente nocivas.

E' muito bonito reconhecer os seus proprios defeitos, sobretudo se é com toda a sinceridade e humildade. Não tirar, porém, vaidade das proprias imperfeições: em vez de cital-as é muito melhor procurar corrigir-se dellas.

Em geral, todos gostam de descansar o mais possivel das suas occupações e preoccupações. De sorte que é sempre melhor evitar falar da sua profissão a um profissional, a não ser que elle mesmo aborde o assumpto e pareça comprazer-se.

Pensamentos

O amor é uma planta preciosa, infinitamente suave, mas é preciso ter a coragem de ir colhel-a nas margens d'um precipicio terrivel.

Estamos insensivelmente todos em erro, erro de grande consequencia e prejudicial.

MONTAIGNE.

Que tua consciencia e tua virtude reluzam até no que dizes.

Vestido de crepe da China azul claro; os bicos da saia e do corpo terminam por um velludo preto.

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, á rua S. José, 84-3º andar — Telephone 2-6200

Josephina Albion (Minas Geraes) — Antes das refeições.

Gonçalina Nunes (Minas Geraes) — Deve mandar extrahir quanto antes.

Nicarcia Lopes (Pernambuco) — O assumpto de sua carta não é para esta secção.

Fernando Vinhaes (Rio) — Depende de circunstancias especialissimas, taes como: meio, alimentação etc.

Carlos Munhões (Amazonas) — A tintura de iodo por exemplo.

Narciso Cunha (Minas Geraes) — Antes e depois.

Vicente Bertholdo (Rio Grande do Sul) — Bochechos frios com: Tintura de iodo, 4,0; Acido tannico, 2,0; Agua de hortelã 500,0.

Xisto Soares (Rio G. do Sul) — Antes de deitar-se, de preferencia.

Felix de Almeida (Minas Geraes) — O Cessatyl, por exemplo.

Carlos Gonçalves Dias (Pernambuco) — Deve mandar radiographar quanto antes.

Hercules de Oliveira (Minas Geraes) — Gargarejar com: Agua de flores de laranjeira, 300,0; Glycerina pura 0,50; Acido borico, Acido salicylico, ãã 1,0; Chlorato de potassio, 8,0; Essencia de myrrha, XV gottas.

G. I. L. I. (Sta. Catharina) — Gargarejar de hora em hora, com: Chlorato de potassio 10,0; Laudano de Sydenham 1,0; Hydrolato de louro-cerejo 15,0; Agua distillada, 100,0.

Darcio Junior (Rio G. do Sul) — As dentaduras de hecolite dão magnificos resultados.

Monteiro (Minas Geraes) — Deve mandar pedir na casa Hermanny, rua Gonçalves Dias 50.

Tertuliano (Santa Catharina) — Não ha de quê.

Salustiano Bonaparte (S. Paulo) — Trabalho de ponte.

F. (Estado do Rio) — Não.

Victor Carvalho (Minas Geraes) — O acido phenico e a cocaina.

ALEXANDRINO AGRA.